

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

KARINE RIBAS PEREIRA

*Apunhalar e Rasgar: rastros e fissuras pela Poesia Slam no Professorar,
para novas composições na Educação, Bord(ej)ar*

Porto Alegre
2025

KARINE RIBAS PEREIRA

*Apunhalar e Rasgar: rastros e fissuras pela Poesia Slam no Professorar,
para novas composições na Educação, Bord(ej)ar*

Tese apresentada como requisito parcial ao doutoramento em Educação, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Elisandro Rodrigues
Linha de Pesquisa: Educação, Saúde e Processos Inclusivos

**Porto Alegre
2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P436a Pereira, Karine Ribas

Apunhalar e rasgar : rastros e fissuras pela poesia *Slam* no professorar, para novas composições na educação, bord(ej)ar / Karine Ribas Pereira. – 2025.

184 p. : il. color. ; 21 x 29,7 cm.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre (RS), 2025.

Orientação: Prof. Dr. Elisandro Rodrigues.

1. Campeonatos de poesia falada. 2. Pedagogia crítica. 3. Educação - Aspectos Sociais. I. Rodrigues, Elisandro, orient. II. Título.

CDU 372.882
CDD 372.6

BANCA EXAMINADORA

Tese defendida em: 04 de dezembro de 2025.

Dr. Elisandro Rodrigues - Orientador

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dra. Betina Schuler

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Dra. Cristiane da Silva Costa

Instituto Federal do Rio Grande do Sul

Dra. Cristianne Maria Famer Rocha

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dr. Luciano Bedin da Costa

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Agradecimentos

Figura 2- RUGANI, Luciana. Uma flor no concreto. 2024. Fotografia.



Fonte: Blog do Totonho¹

Ao rememorar o percurso de pesquisa, prontamente evoco em pensamento essa imagem: a vida vazando pelas fissuras. A escrita dessa tese surgiu como essas plantinhas que encontram possibilidades de vida, firmando raízes e insistindo em germinar, mesmo que para isso sejam necessárias muita resiliência, força e resistência.

Para poder germinar, porém, foi necessário um trabalho anterior, o de abrir as fissuras, espaços para que a vida pudesse ali brotar. Nesse sentido, agradeço aos que, junto comigo, forjaram passagem para que a vida que pulsa nessa tese, pudesse germinar.

Durante esse processo de fazer brotar vida por entre fissuras, agradeço às crianças e jovens com quem tenho a honra de partilhar minha jornada, com os quais aprendo cotidianamente sobre a importância de resistir e não desistir.

Aos professores da banca que disponibilizaram seu tempo na esperança e aposta de uma construção coletiva, emprestando-me força para seguir forjando mais fissuras, para que outras vidas possam germinar, meu muito obrigada!

Ao meu orientador, minha eterna gratidão por todas trocas, podas e regas, nutrindo essa escrita com seu conhecimento e sustentando, muitas vezes, o que ainda era muda para que pudesse crescer, se fortalecer e florescer.

Por fim, agradeço aos meus amores, que são verdadeiras raízes que me nutrem de afeto e me regam diariamente, sendo também meu sol para que eu possa continuar crescendo, florescendo... sendo!

¹ Disponível em: <https://blogdototonho.com.br/2024/07/uma-flor-no-concreto/>. Acesso em: 24 set. 2025

Resumo

A presente Tese propõe cartografar pistas de modos de subjetivação a partir do encontro de uma professora com a poesia slam, analisando efeitos dos desdobramentos desse encontro em estudantes e professores, considerando a tessitura entre arte e educação sob uma perspectiva ética-estética-política-poética de resistência e criação. A pesquisa problematiza a educação contemporânea, imersa em um tecido social marcado por desigualdades, discursos e práticas homogeneizantes, apontando para a urgência de criar fissuras capazes de instaurar novos modos de existência. A partir de gestos que instauram atos e das metáforas “apunhalar”, “rasgar” e “bord(ej)ar”, representam-se movimentos de ruptura que provocam novas possibilidades de composição na educação, inspirando-se nas obras de Lucio Fontana, Adriana Varejão e Rosana Paulino. Através de rastros, cartografa-se a potência da poesia slam — fio condutor da pesquisa — na produção de fissuras e, conseqüentemente, na produção de modos de subjetivação, construindo possibilidades de novas formas de professorar e, com isso, de ser e estar na educação. A **metodologia** adota abordagem qualitativa com inspiração cartográfica, constituindo-se a partir da pesquisa-intervenção, compreendendo o ato de pesquisar como movimento ético, estético e político que altera o plano de ação. Esse plano é composto por experiências da pesquisadora com batalhas de poesia slam, nas quais se buscam rastros dessas vivências nos modos de subjetivação de seu professorar em uma escola municipal de Porto Alegre. Ainda como plano de ação, são mapeados os efeitos produzidos a partir da inserção de coletivos poéticos na escola municipal de Porto Alegre em que foi realizada a pesquisa, tanto por meio de apresentações poéticas quanto de oficinas de poesia slam ministradas para os/as estudantes como parte do projeto Slam entre Escolas. O método privilegiou a escuta, o encontro e a experiência como modos de produção de conhecimento, reconhecendo a indissociabilidade entre sujeito pesquisador e o plano de ação. **Os resultados e discussões** apontam que a inserção da poesia slam no espaço escolar produz fissuras na educação, abrindo possibilidades para novas composições do professorar como uma docência inventiva e potencializadora de vida, na construção de espaços heterogêneos que oportunizam o diálogo com epistemologias e saberes que são historicamente apagados e invisibilizados. As vivências com a poesia slam produziram efeitos subjetivos, possibilitando que estudantes expressassem dores, afetos e resistências, transformando o espaço escolar em território de acolhimento, criação e crítica social. A poesia slam, ao articular corpo, palavra e voz, opera como potência de micropolítica, capaz de abrir fissuras nos modos de subjetivação do sistema capitalista e da economia neoliberal, instaurando um espaço de invenção e de produção de efeitos subjetivantes. O professorar é compreendido, assim, como um ato ético-político-estético-poético que, ao resistir e esperar, propõe a docência como movimento contínuo de criação e reinvenção de si e do mundo. Nas **considerações finais**, a Tese reafirma a necessidade de uma educação que se reconheça como prática de liberdade e invenção, ancorada na ética, na estética, na política e na poética da vida. “Apunhalar” representa o gesto de romper com as tramas e discursos do denso tecido social; “rasgar”, o ato coletivo que permite revelar outras possibilidades e deixar vazar vida; e “bord(ej)ar”, a ação de sustentar as aberturas criadas, tecendo novas composições coletivas. Como apontamentos finais da pesquisa, ressalta-se a potência do movimento slam que, ao adentrar a escola, possibilita a emergência de uma educação menor, plural e transformadora. Assim, por meio do encontro entre arte e educação, operado pela poesia slam em uma escola municipal, pode-se rastrear pistas que apontam para a urgência de novas composições na educação, propondo-se como possibilidade para essas composições um professorar subjetivado pela poesia slam que seja capaz de construir espaços heterogêneos que possibilitem a criação de si e de novas formas de ser e estar em confluência com a multiplicidade de existências.

Palavras-chave: Educação. Poesia Slam. Professorar.

Abstract

This Thesis proposes to map traces of modes of subjectivation arising from the encounter of a teacher with slam poetry, analyzing the effects and unfoldings of this encounter among students and teachers, while considering the interweaving between art and education from an ethical, aesthetic, political, and poetic perspective of resistance and creation. The research problematizes contemporary education, immersed in a social fabric marked by inequalities, discourses, and homogenizing practices, and points to the urgency of creating fissures capable of establishing new modes of existence. Through gestures that give rise to acts and the metaphors “to stab,” “to tear,” and “to embroider (on the edge),” movements of rupture are represented, provoking new possibilities of composition in education, inspired by the works of Lucio Fontana, Adriana Varejão, and Rosana Paulino. Through traces, the research maps the power of slam poetry—the guiding thread of the study—in producing fissures and, consequently, modes of subjectivation, constructing possibilities for new forms of teaching and, thereby, of being and existing in education. The **methodology** adopts a qualitative approach with cartographic inspiration, based on intervention research, and understands the act of researching as an ethical, aesthetic, and political movement that transforms the plane of action. This plane consists of the researcher’s experiences with slam poetry battles, in which traces of these encounters are sought in the modes of subjectivation of her teaching in a municipal school in Porto Alegre. It also includes the mapping of effects produced by the insertion of poetic collectives in this school, both through poetic performances and through slam poetry workshops conducted with students as part of the Slam Between Schools project. The method privileged listening, encounter, and experience as ways of producing knowledge, recognizing the inseparability between the researching subject and the field of action. The **results and discussions** show that the inclusion of slam poetry in the school environment produces fissures in education, opening possibilities for new compositions of teaching as an inventive practice that enhances life through the construction of heterogeneous spaces that foster dialogue with epistemologies and knowledges historically silenced and rendered invisible. The experiences with slam poetry generated subjective effects that enabled students to express pain, affection, and resistance, transforming the school space into a territory of reception, creation, and social critique. Slam poetry, by articulating body, word, and voice, operates as a micropolitical force capable of opening fissures in the modes of subjectivation of the capitalist system and the neoliberal economy, establishing a space of invention and the production of subjectivating effects. Teaching is thus understood as an ethical, political, aesthetic, and poetic act that, through resistance and hope, conceives teaching as a continuous movement of creation and reinvention of oneself and the world. In its final considerations, the Thesis reaffirms the need for an education that recognizes itself as a practice of freedom and invention, grounded in the ethics, aesthetics, politics, and poetics of life. “To stab” represents the gesture of breaking with the weaves and discourses of the dense social fabric; “to tear” designates the collective act that allows other possibilities to emerge and life to leak through; and “to embroider (on the edge)” expresses the action of sustaining the openings created, weaving new collective compositions. **As a final point**, the Thesis highlights the power of the slam movement which, by entering the school, enables the emergence of a minor, plural, and transformative education. Thus, through the encounter between art and education—mediated by slam poetry in a municipal school—it is possible to trace clues that point to the urgency of new compositions in education, proposing as a possibility a teaching shaped by slam poetry, capable of constructing heterogeneous spaces that enable self-creation and new forms of being and coexisting in confluence with the multiplicity of existences.

Keywords: Education. Slam Poetry. Teaching.

Resumen

La Tesis propone cartografiar indicios de modos de subjetivación a partir del encuentro de una profesora con la poesía slam, analizando los efectos y desdoblamientos de dicho encuentro en estudiantes y docentes, considerando la urdimbre entre arte y educación desde una perspectiva ética, estética, política y poética de resistencia y creación. La investigación problematiza la educación contemporánea, inmersa en un tejido social marcado por desigualdades, discursos y prácticas homogeneizadoras, y señala la urgencia de crear fisuras capaces de instaurar nuevos modos de existencia. A partir de gestos que instauran actos y de las metáforas “apuñalar”, “rasgar” y “bord(ej)ar”, se representan movimientos de ruptura que provocan nuevas posibilidades de composición en la educación, inspirados en las obras de Lucio Fontana, Adriana Varejão y Rosana Paulino. A través de rastros, se cartografía la potencia de la poesía slam —hilo conductor de la investigación— en la producción de fisuras y, en consecuencia, en la producción de modos de subjetivación, construyendo posibilidades de nuevas formas de enseñar y, con ello, de ser y estar en la educación. La **metodología** adopta un enfoque cualitativo con inspiración cartográfica, constituyéndose a partir de la investigación-intervención y comprendiendo el acto de investigar como un movimiento ético, estético y político que transforma el plano de acción. Este plano se compone de experiencias de la investigadora con batallas de poesía slam, en las cuales se buscan rastros de esas vivencias en los modos de subjetivación de su enseñar en una escuela municipal de Porto Alegre. También se mapean los efectos producidos por la inserción de colectivos poéticos en dicha escuela, tanto mediante presentaciones poéticas como a través de talleres de poesía slam realizados con estudiantes en el marco del proyecto Slam entre Escuelas. El método privilegió la escucha, el encuentro y la experiencia como modos de producción de conocimiento, reconociendo la indisociabilidad entre el sujeto investigador y el plano de acción. Los **resultados y discusiones** muestran que la inserción de la poesía slam en el espacio escolar produce fisuras en la educación, abriendo posibilidades para nuevas composiciones del enseñar como una docencia inventiva y potenciadora de la vida, en la construcción de espacios heterogéneos que posibiliten el diálogo con epistemologías y saberes históricamente borrados e invisibilizados. Las experiencias con la poesía slam generaron efectos subjetivos que permitieron a los y las estudiantes expresar dolores, afectos y resistencias, transformando el espacio escolar en un territorio de acogida, creación y crítica social. La poesía slam, al articular cuerpo, palabra y voz, opera como potencia micropolítica capaz de abrir fisuras en los modos de subjetivación del sistema capitalista y de la economía neoliberal, instaurando un espacio de invención y de producción de efectos subjetivantes. El enseñar se comprende, así, como un acto ético, político, estético y poético que, al resistir y mantener la esperanza, propone la docencia como un movimiento continuo de creación y reinención de sí y del mundo. En las **consideraciones finales**, la Tesis reafirma la necesidad de una educación que se reconozca como práctica de libertad e invención, anclada en la ética, la estética, la política y la poética de la vida. “Apuñalar” representa el gesto de romper con las tramas y discursos del denso tejido social; “rasgar” designa el acto colectivo que permite revelar otras posibilidades y dejar escapar la vida; y “bord(ej)ar” expresa la acción de sostener las aperturas creadas, tejiendo nuevas composiciones colectivas. Como conclusión, se destaca la potencia del movimiento slam que, al ingresar en la escuela, posibilita la emergencia de una educación menor, plural y transformadora. Así, a través del encuentro entre arte y educación, operado por la poesía slam en una escuela municipal, es posible rastrear indicios que señalan la urgencia de nuevas composiciones en la educación, proponiéndose como posibilidad para dichas composiciones un enseñar subjetivado por la poesía slam, capaz de construir espacios heterogéneos que posibiliten la creación de sí y de nuevas formas de ser y estar en confluencia con la multiplicidad de existencias.

Palabras clave: Educación. Poesía Slam. Enseñar.

Lista de Figuras

Figura 1- Obra de PAULINO, Rosana. “Assentamento”. 2013. Litografia colorida sobre papel.	1
Figura 2- Fotografia de RUGANI, Luciana. Uma flor no concreto. 2024.....	6
Figura 3- Obra de FONTANA, Lucio. “Concept Spatale”. 1962. Óleo sobre tela.....	14
Figura 4- Obra de VAREJÃO, Adriane. Mucura, 2023.	17
Figura 5- Obra de Pedro Luis. Entrada e Saída. 2023	18
Figura 6- Manchetes de jornal	25
Figura 7- Ilustração de ALY, Francis. Numa dada situação. 2010.....	28
Figura 8- Obra de FONTANA, Lucio. “Concept Spatale”. 1958. Óleo sobre tela.....	35
Figura 9- Obra de FONTANA, Lucio. “Concept Spatale”. 1960.	46
Figura 10- Obra de PAULINO, Rosana. Atlântico Vermelho, 2016. Impressão sobre tecido, ponta seca e costura	56
Figura 11- Composição com obra de PAULINO, Rosana. Atlântico Vermelho, 2016. Elaborada pela pesquisadora. 2025	56
Figura 12- Imagem de Lucio Fontana apunhalando e rasgando uma tela	62
Figura 13- Composição com obra de VAREJÃO, Adriana. Azulejaria em Carne Viva, 2000. Óleo sobre tela e poliuretano em suporte de alumínio e madeira. Elaborada pela pesquisadora. 2025	68
Figura 14- Obra de VAREJÃO, Adriana. Azulejaria em Carne Viva, 2000. Óleo sobre tela e poliuretano em suporte de alumínio e madeira tela.....	70
Figura 15- Fotografia de PEREIRA, Karine. Criança brincando no parque da escola. 2021.	72
Figura 16- Obra de PAULINO, Rosana. A permanência das estruturas, 2017. Impressão digital sobre tecidos, recorte e costura	78
Figura 17- Obra de PAULINO, Rosana. Assentamento, 2012. Litografia colorida sobre o papel	90

Figura 18- Obra de PAULINO, Rosana. Assentamento, 2012. Litografia colorida sobre o papel	90
Figura 19- Obra de PAULINO, Rosana. Musa Paradisíaca, 2018. Impressão digital sobre tecidos, recorte e costura	91
Figura 20- Obra de VAREJÃO, Adriana. Autorretratos Coloniais. 1993	103
Figura 21- Imagem de ARAGO, Jacques Etienne. "Castigo de Escravos".....	104
Figura 22- Obras de PAULINO, Rosana. Bastidores. 1997. Bordado sobre tela	105
Figura 23- Fotografia de PEREIRA, Karine. Poema elaborado durante as oficinas de poesia slam do projeto Slam entre Escolas. 2025	132
Figura 24- Imagem da divulgação da final do Slam entre Escolas, 2025	135
Figura 25- Obra de FONTANA, Lucio. "Concept Spatile". 1950. Óleo sobre tela	147

Sumário

1. Sobre gestos e pontos iniciais: a urgência de novas composições	14
1.1 Escolhendo o fio	17
1.2 Analisando a tela	25
1.3 Apresentando as mãos que bord(ej)am	29
2. Sobre a Composição	35
2.1 Delineando a montagem	36
2.2 Escolhendo pontos para bord(ej)ar	38
3. Sobre os materiais da composição	46
3.1 Uma tela densa com muitas camadas- o tecido social	47
3.2 Um fio resistente composto de corpos-vozes- a poesia slam	57
4. Sobre fissuras, atos que as produzem	62
4.1 Apunhalar	68
4.1.1 Apunhalada ... a percepção das confluências	71
4.1.2 Apunhalada... A disputa por uma boneca	72
4.1.3 Apunhalada o encontro com a poesia slam	80
4.1.4 Apunhalada o trabalho com a poesia slam das escolas	93
4.2 Rasgar	99
4.2.1 Rasgo - Memórias de um sábado, que não é apenas mais um sábado letivo	101
4.2.2 Rasgo - Ações da Biblioteca, quando o adote um escritor se pluraliza, ou não?	112
4.2.3 Rasgo - Um novo sábado letivo, a emergência de um dispositivo poético	114
4.2.4 Rasgo - Slam entre Escolas	118
4.2.5 Rasgo- A transversalização do Comum do Heterogêneo	140
5. Bord(ej)ar: a urgência de novas composições	147
6. Mãos que bord(ej)am a tese	158
APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- TCLE PARA MAIORES DE 18 ANOS	166
APÊNDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- TCLE PARA OS RESPONSÁVEIS POR PARTICIPANTES DA PESQUISA	170
APÊNDICE C- TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)	174
ANEXO A- TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL DA COORDENAÇÃO ONDE SERÁ REALIZADA A PESQUISA	178
ANEXO B- PARECER CONSUBSTANCIADO CEP	180

O menino que carregava água na peneira

Tenho um livro sobre águas e meninos.
Gostei mais de um menino
que carregava água na peneira.

A mãe disse que carregar água na peneira
era o mesmo que roubar um vento e
sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.

A mãe disse que era o mesmo
que catar espinhos na água.
O mesmo que criar peixes no bolso.

O menino era ligado em despropósitos.
Quis montar os alicerces
de uma casa sobre orvalhos.

A mãe reparou que o menino
gostava mais do vazio, do que do cheio.
Falava que vazios são maiores e até infinitos.

Com o tempo aquele menino
que era cismado e esquisito,
porque gostava de carregar água na peneira.

Com o tempo descobriu que
escrever seria o mesmo
que carregar água na peneira.

No escrever o menino viu
que era capaz de ser noviça,
monge ou mendigo ao mesmo tempo.

O menino aprendeu a usar as palavras.
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.

Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.
O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor.

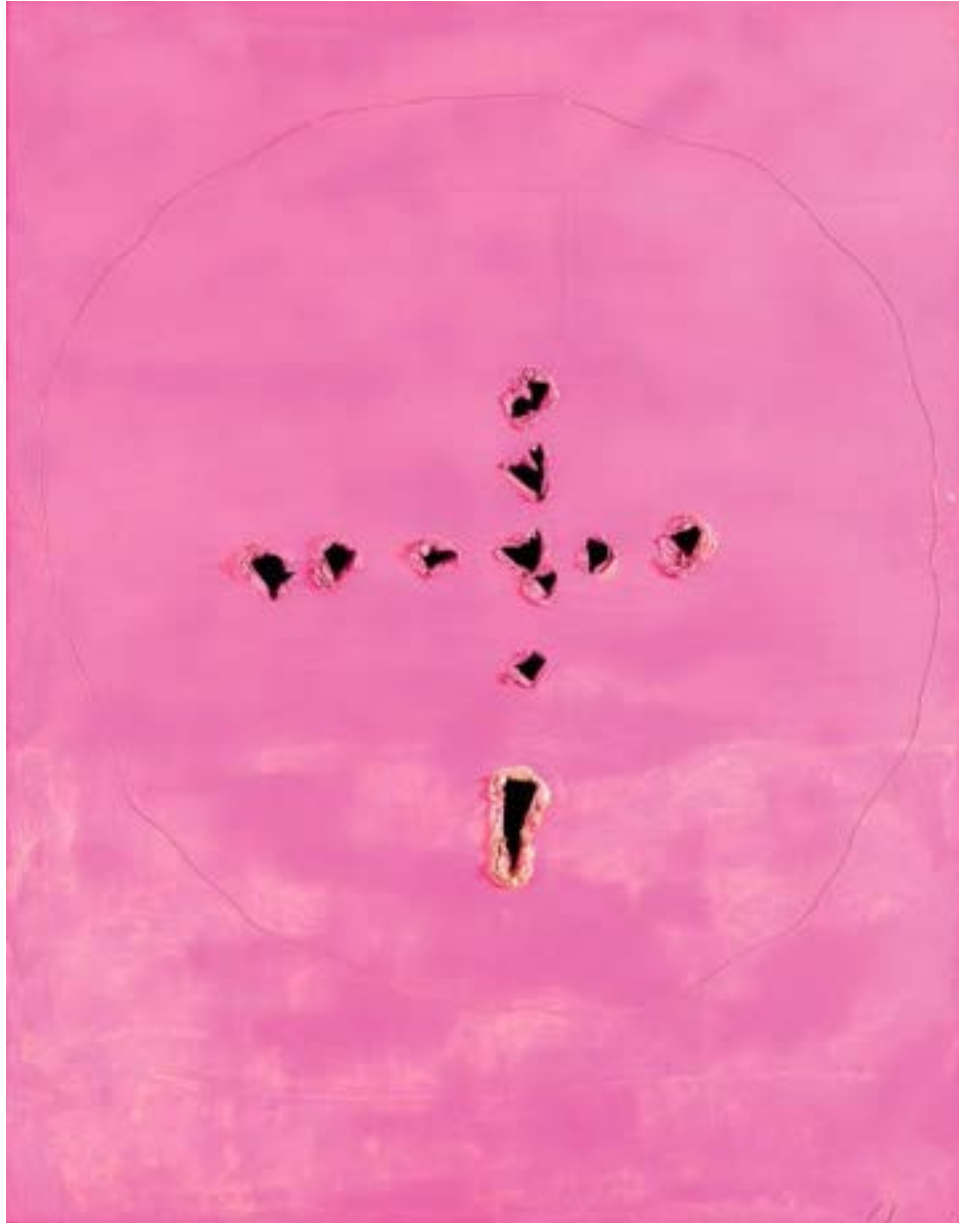
A mãe reparava o menino com ternura.
A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta!
Você vai carregar água na peneira a vida toda.

Você vai encher os vazios
com as suas peraltagens,
e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos!

Manoel de Barros (1999)

1. *Sobre gestos e pontos iniciais: a urgência de novas composições*

Figura 3 - FONTANA, Lucio. "Concept Spatale". 1962. Óleo sobre tela.



Fonte²: Guggenheim Bilbao (2019).

“Não quero fazer uma pintura. Quero abrir o espaço... criar um novo vínculo dimensional no cosmos à medida que ele se expande infinitamente além do plano confinante da imagem”.
Lucio Fontana

² Disponível em: <https://www.guggenheim-bilbao.eus/en/exhibitions/lucio-fontana-on-the-threshold>. Acesso em: 10 abr. 2024.

QUANDO TUDO PARECE RUIR

*A realidade pesa
O contexto despreza
As notícias nos fazem sucumbir*

*Ataques, massacres
Quantas vidas são descartadas?
Escutamos: ah, não valiam nada!
Para quem, para quem é esse nada?
Desculpa, mas essa é uma mentira deslavada
Ou vai fingir que não viu suas mães chorando e desmaiando na calçada?*

*Quando vemos mais de 120 vidas a sangue frio sendo tiradas
Assistimos à notícia frente à televisão, aterrorizadas
Parte de mim gela, fica paralisada
Outra parte grita: chega, não dá para ficar calada!*

*Fico pensando: o que fazer, como agir?
É como se o chão que estivesse sob meus pés não parasse de ruir
Tenho medo, quero a algo me agarrar
Ao mesmo tempo penso: e se esse ruir a outro caminho me levar?*

*Esse ruir começou a meu pensamento povoar
E não é que agora não consigo parar de nele pensar?
Chego na escola, pois na vida escolhi professorar
Olho para as crianças e jovens, que ali estão por um futuro a almejar
É difícil não perceber quantas semelhanças com aquela notícia da chacina,
suas vidas lhes faz experimentar
E se em breve forem eles, que a televisão vai noticiar?*

*Vidas descartáveis? Nem pensar!
É por mim... é por eles, que rotas de fuga proponho estrategiar
Nesse regime de verdades que insiste as diferenças apagar
Nesses discursos meritocratas que querem privilégios negar
É preciso forjar armas poderosas para lutar*

*Ah, Karine, porque atos de violência nas palavras usar?
Critica violência, mas fala em armas, quer rasgar e apunhalar?
Para esses respondo: não são palavras violentas, e sim palavras que sua força vêm
mostrar
Seria um ato de violência, pensamentos fissurar?*

Adoraria estar escrevendo num tom mais ameno, casual
 Mas perante o que vejo, minha escrita sangra, é visceral
 Quem sabe em outro momento, com outras notícias no jornal
 Possa até me deter em poemar assuntos de forma mais banal?
 Mas, para que possamos sempre avançar
 A violência é um ponto a se problematizar
 Quando falo em armas forjar,
 Não são armas que matam, e sim as que permitem continuar a sonhar
 Quando falo em rasgar e apunhalar
 Não estou propondo gestos literais provocar
 Estou pensando em gestos que tenham a força de fissurar
 Fissurar discursos, pensamentos, para novas composições de realidade montar

Composições que são urgentes,
 que permitam as existências de todo tipo de gente
 Para isso, ainda é preciso lutar
 Mas as armas para isso,
 Proponho na educação e na arte forjar
 Palavra, corpo e voz através da poesia nos permitem esperar

A chacina recente que aconteceu no Rio de Janeiro,
 as enchentes que assolaram o Rio Grande Do Sul,
 os ataques às escolas ...
 Logo, logo serão memórias de um passado triste, do qual vamos sempre lembrar
 Aprender com aquilo que vivemos e nos constituiu para nesses caminhos, não mais
 voltar
 E seguir compondo, coletivamente, novas formas de no mundo ser e estar

(Pereira, 2025, poema autoral)

1.1 Escolhendo o fio

“A arte salva, a arte é cura”

Início a apresentação de minha tese intitulado-a com duas frases que ouvi inúmeras vezes, em diferentes momentos, ditas por distintas pessoas. Confesso que, ao ouvi-las, num primeiro momento, o impacto foi um tanto ingênuo, admirando aquelas pessoas que as proferiram por sua coragem em expor suas fragilidades e encantando-me com a potência da arte. Essas frases enlaçaram-me deveras, impulsionando-me a desejar ter mais contato com movimentos de arte e, a cada imersão, o desejo não findava, pelo contrário, crescia. Encontro eco desse sentimento na poesia da Nathy (2024):

Figura 4 - VAREJÃO, Adriane. Mucura, 2023.



Fonte³: Adriana Varejão (2023)

*A poesia me deu chão
Para que além dos olhos
Falasse aos corações*

*Não existe mais caminhos trancados
Vivendo o meu sonho e tendo insônia
Cá estou sonhando acordado
(Nathy MC Poeta Desperta, 2024, p. 58)*

Conforme fui experienciando momentos com diferentes movimentos artísticos, “curiosamente” fui passando a ter vontade de experimentar minhas próprias produções: eram escritas que me acordavam à noite para derramar-se sobre o papel. Percebi, nesse momento, a ingenuidade de meu olhar perante tal movimento: não admirava apenas as falas de outras pessoas sobre a arte, eu precisava desses efeitos que tanto ouvia falar. Descobri, então, que meu interesse

³ Disponível em : <http://adriavarejao.net/br/home>. Acesso em: 15 maio 2025.

pela arte, visto como encanto e admiração pelas narrativas de artistas, era necessidade de provocar meu próprio devir.

Em um deslince, compreendi que a frase tão escutada “a poesia salva”, servia como metáfora perfeita para aquilo que eu necessitava enquanto mãe, professora das infâncias e orientadora educacional, imersa em um contexto social marcado por insegurança, medo, violência, preconceitos e adoecimento psíquico. Nesse sentido, “a arte me salvou”, impulsionando-me à busca por possibilidades outras de ser, viver e estar no mundo, produzindo encontros com pessoas que também estão nessa jornada, produzindo efeitos em meu **professorar**. Nesses encontros, um dos mais belos foi o meu comigo mesma. Ao olhar para aquilo que me afeta, ao mapear o que me compõe, percebi que que sou muitos e muitas, fruto de histórias que me antecedem e me atravessam. A “arte me salvou”, pois me mostrou que não ando só e que, do lugar que ocupo, os “combates” que escolho travar são por todos e todas que comigo estão, que me compuseram e que escolho, cotidianamente, para me compor.

Figura 5- Pedro Luis. Entrada e Saída. 2023.



Fonte⁴: Acervo Rotativo (2024)

Entre cacos, restos, estilhaços, retalhos

Junto pedaços de mim

Olho para cada um deles

Esse gesto, desfazer-me

parece não ter fim

Ainda assim, insisto

junto, monto, remonto, vou atrás

Alguns que antes cabiam,

já não cabem mais

Ao olhar para esses fragmentos,

para minha supresa

revelam-se outros elementos

⁴ Disponível em: <https://www.acervo-rotativo.com/inventarium>. Acesso em: 20 jul. 2025.

*O que antes pensava,
que apenas de mim caía
mostra mapa de afetos
um verdadeiro guia*

*Meu passado ancestral,
olho firme, confiante
Os que caminham comigo,
vejo naquele instante*

*Apesar de não aparentar seus fenótipos
bisavó indígena, bisavô descendente de africano
carrego em mim suas marcas,
suas histórias correm em minhas veias
comigo compõem esse plano*

*Também carrego as marcas
da bisavó portuguesa e do bisavô alemão
Essa descendência
fica evidente
ao ver minha aparência
O que não é evidente,
e que apenas ao desmanchar-me tive noção
Foram os privilégios que tive ao parecer com uns
e com os outros, não*

*Ao tomar noção desse lugar
é preciso parar, pensar e analisar
Repensar privilégios,
problematizar
E, a partir desse lugar,
traçar caminhos
para os combates que escolhi travar.*

*No fluir desse movimento,
algo chama atenção
Esse eterno desmanchar-se
é um convite à nova composição*

*Esse convite, resolvi aceitar.
Para compor cacos, restos, estilhaços, retalhos
um fio bem resistente,
escolhi utilizar*

*Essa composição- escrita, tese
é o fio da arte que vai bord(ej)ar.
(Pereira, 2025, poema autoral)*

Tenho ciência, contudo, que falar em “arte” é demasiado amplo; parece-me importante e oportuno situar de que arte estou falando e, especialmente, a arte com a qual essa tese propõe diálogo: a poesia slam. Ainda assim, nessa escrita não recorro apenas à poesia slam como inspiração, apesar dela ser o tema de pesquisa e brilhar por todas as linhas. Ao propor-me o exercício de escrita, necessito inexoravelmente contatar e imergir em obras de arte: poesias, pinturas, bordados. Esse movimento tem sido extremamente desafiador, pois convida-me a devaneios e é preciso, por vezes, recusar o convite. Para tal, seguro o fio da poesia slam como mote de meu percurso, permitindo-me experimentar caminhos outros como modo de ampliar as possibilidades de trajeto e montar novas composições.

Trago esse relato na apresentação para evidenciar as pistas do percurso trilhado para compor essa escrita-tese que se inspira e se constitui a partir de diferentes epistemologias, tanto literárias quanto de movimentos e expressões artísticas. Para tanto, recorro a pinturas, telas e bordados, como de Lucio Fontana, Adriana Varejão e Rosana Paulino; poemas que não fazem parte da *poetry slam*; mas que, assim como todo referencial teórico, foram fundamentais na composição de tal pesquisa. Essa tese, portanto, carrega consigo a potência de diferentes movimentos artísticos e se dá em múltiplas linguagens.

No final, ao olhar para todas artes às quais recorri como inspiração e que muito me causaram angústia por procurar entre elas algo de elo e de conexão com a poesia slam, percebo que todas apresentam-se como potência para (re)pensar os conceitos de ética, estética, política e poética abrindo fissuras simbólicas e até mesmo reais, como as obras de Lucio Fontana, Adriana Varejão e Rosana Paulino, no tempo e no espaço, convidando ao movimento e recusando à inércia. Nesse sentido, é fundamental apresentar esses três artistas que convidei para tecer essa escrita juntamente a mim através de suas obras de arte que, diferentemente das demais, não contém escrita, portanto, ousou uma breve contextualização, apesar de suas artes dispensarem quaisquer explicações.

Lucio Fontana⁵ foi um artista argentino-italiano que criou o Movimento Espacialista, acrescentando outras dimensões em suas obras através da discussão do conceito de tempo e espaço. A partir do gesto de “**apunhalar**” a tela, abrindo nela orifícios em busca de outras dimensões, Fontana realiza um ato inaugural que vai influenciar toda arte contemporânea. Ao questionar o sentido e a concepção da obra de arte, Fontana coloca a ideia em evidência e transforma suas telas em convites para que se perceba o espaço a partir delas (Moraes, 2014). Dessa forma, o artista abre fissuras também na concepção da pintura que se tinha até então, construindo possibilidades outras de pensar. Algumas imagens das obras da série denominada “*Concetto Spaziale*”, concebidas a partir do movimento explicitado acima, serão inseridas na presente pesquisa.

Adriana Varejão⁶ é uma artista plástica brasileira que trabalha com pinturas, esculturas e fotografias. Suas obras apresentam uma estética visceral, marcada por peles dilaceradas, alusões ao canibalismo e forte tom político. A artista dialoga com a história do Brasil ao revisitar elementos da colonização, trazendo **fissuras**, em suas obras, que expõem a opressão e a dominação.

Rosana Paulino⁷ é uma importante artista afro-brasileira, doutora em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Suas obras de arte vêm ganhando destaque a partir de sua atuação nas lutas sociais. Suas produções têm como foco o lugar da mulher negra na sociedade, assumindo

⁵ Para saber mais sobre o artista: <https://www.fondazioneeluciofontana.it/>. Acesso em: 7 maio 2024.

⁶ Para saber mais sobre a artista: <http://adriनावarejao.net/br/home>. Acesso em: 15 julho 2025.

⁷ Para saber mais sobre a artista: <https://www.rosanapaulino.com.br/>. Acesso em 7 maio 2024.

tons de denúncia do racismo através de releituras de imagens do período de escravização. Na série de obras intitulada “Costuras da memória”, a artista opera, com precisão, furos em suas telas, abrindo brechas que convocam a (re)pensar sobre temas como silenciamento, invisibilidade, gênero e racismo. Algumas obras dessa série serão colocadas aqui em diálogo com os demais aportes teóricos.

Com relação ao “fio” que bord(e)ja a pesquisa, trago o movimento poético do slam que surgiu como um movimento de contracultura, objetivando popularizar a poesia e evidenciar o potencial criativo e estético que todos nós, enquanto seres humanos, somos capazes de desenvolver e apreciar. Em nossa cidade, esse movimento chega nas “quebradas” trazido por pessoas ligadas aos movimentos sociais que fazem de suas poesias um importante instrumento de denúncias, protestos e lutas, em especial dos grupos chamados minorias. Ao adentrar no universo das batalhas de poesia slam, produziram-se fissuras e reinvenções em meu modo de ser, estar e **professorar**. Essas fissuras e reinvenções reverberam também no espaço escolar e nos modos de compreender, propor, planejar, (re)pensar a docência e a relação com crianças e jovens.

Durante a trajetória de pesquisa, pude também participar de diferentes momentos do movimento de poesia slam nas escolas em que atuo, seja a partir de proposições elaboradas por mim para crianças e jovens; seja a partir da inserção de coletivos no espaço escolar em que trabalho. Quando em diálogo com a escola, a poesia slam despertou o interesse de estudantes e professores que, por vezes, engajaram-se nos coletivos e passaram a atuar ativamente nos movimentos sociais. Como professora, pude acompanhar alguns momentos em que a poesia slam adentrou os muros de escolas e fiquei extremamente encantada com a reverberação e a produção de efeitos das batalhas poéticas, pois produziram fissuras em espaços repletos de práticas homogeneizantes ao trazer saberes potentes para a construção da heterogeneidade. Tal qual as obras de Lucio Fontana, Adriana Varejão e Rosana Paulino, a poesia slam operou fissuras num denso tecido, nesse caso o tecido social⁸, tramado por discursos hegemônicos marcados pelo racismo, pela homofobia, pelo

⁸ Utilizaremos o termo tecido social como força de conceito referente às estruturas sociais que tramam realidades. Essas estruturas são individuais e coletivas estão ligadas e precisam ser compreendidas a partir de forças e poder, com os regimes discursivos e de verdade que aí se

machismo, pelo classicismo, entre outros. E é justamente por tais movimentos que possibilitam operar fissuras na educação, que se justifica essa pesquisa.

Entendo, portanto, que as fissuras aqui buscadas podem funcionar como evocação daquilo que se pode ver além: possíveis vestígios de outridade e alteridade para a composição da heterogeneidade do comum (Kastrup; Passos, 2013). Com esta imagem e título de tese, proponho na capa o aguçamento de nossas percepções, como um convite-provocação pela busca do que não se vê de imediato, daquilo que fica para além das telas discursivas dos regimes de verdade totalizantes (Foucault, 2011). Para vislumbrar esse fora - aquilo que está além - é preciso **rasgar, apunhalar**, forçar passagem com esses efeitos de forças que se produzem a partir da luta por diferentes modos de existência, micropolítica da vida tal qual evidenciado no poema “Quando tudo parece ruir”⁹ na apresentação da tese. Que a leitura dessa tese possa **rasgar, apunhalar**, forçar passagem em saberes que possam **fissurar** regimes de verdade. Que nesse encontro possamos cortar a carne, dilacerar, produzir fissuras, e que, ao expor nossas vísceras, possamos produzir novos efeitos de subjetivação. Maranhão (2021) aponta a escrita de sua tese como modo de produção de si, provocando modos de subjetivação no ato de ler, reler e dialogar com ela. Pedindo licença a Maranhão, tomo emprestada essa ideia, entendendo que a escrita desta tese conflui com os movimentos artísticos que aqui se apresentam, operando como modo de produção de si num ato que é ético, estético, político e poético. Preciosa (2010, p.88), ao referir Barthes coloca:

Um demissionário de um lugar instituído de saber, que me enredou em suas linhas sutis, me fazendo crer que leitores são interceptadores de ideias, que não pertencem a ninguém de fato. Estão dispersas por aí, são de quem pegar, fazendo disso um uso o mais ilimitado possível. Ele me bagunçou quando vislumbrei que o sujeito que escreve é produzido pelo gesto de sua escritura, não preexiste a ela, vai sendo, de forma errante, inventando seus passos.

constituem. A escolha também intenciona uma estética para a tese, aproximando do tecido da tela ao qual se faz analogia através das obras de arte que a furam, fissuram, rasgam e bord(ej)am.

⁹ Poema elaborado em novembro de 2025, encontra-se na página 14 da tese.

Ao reinventar meus passos, convido quem os lê a trilhar comigo, não pelos mesmos caminhos e rotas, mas pelos devaneios que nos permitem instaurar novas possibilidades de pensar e fazer educação. É um convite a (re)pensar e (re)encontrar o exercício da docência a partir da ética e da estética, reinventando a vida como obra de arte. **É um convite a tomar a escola como lugar político de afirmação de vida, construindo espaços de diferenciação, onde diferentes modos de existência possam criar e recriar um heterogêneo do plano comum.** Nesse caminho, que pretende permitir a criação e a inventividade, não há uma delimitação entre percurso teórico e dados de pesquisa, pois compreende-se como indissociável o saber e o viver, em seus efeitos que se co-produzem.

Dessa forma, ao longo da tese serão cartografadas as pistas das experiências bord(ej)adas nesse mapa pelo qual se percorreu, costuradas com epistemologias produzidas com elas e a partir delas. Esse mapa foi bord(ej)ado por pontos tramados em seis seções principais, onde busca-se a força de cada palavra de seu título: **rasgar, apunhalar**, fio, **bord(ej)ar**, fissura. Na primeira seção, “Sobre gestos iniciais”, apresento a justificativa, problematizações e quem escreve a pesquisa; na segunda seção, “Sobre a composição”, destaco o desenho da pesquisa, com os objetivos e a metodologia; na terceira seção, “Sobre os materiais da composição”, proponho uma discussão e contextualização acerca da tela - tecido social - e do fio - a poesia slam; na quarta seção, “Sobre fissuras, atos que as produzem”, elaboro um mapa entre atos e efeitos produzidos ao longo da pesquisa; na quinta seção, “Sobre **bord(ej)ar**: a urgência de novas composições”, retomo as problematizações apresentadas, projetando possibilidades em devir. Por fim, na última seção, “Mãos que bord(ej)am a tese”, listo os referenciais teóricos percorridos durante a pesquisa.

1.2 Analisando a tela

Figura 6- Manchetes de jornal



Fonte¹⁰: Nova Escola (2022).



Fonte¹¹: CNN Brasil (2023).



Fonte¹²: CNN Brasil (2025).



Fonte¹³: O Globo (2024).



Fonte¹⁴: Jornal A Verdade (2025).

¹⁰ Disponível em: [Pesquisa revela que saúde mental dos professores piorou em 2022 | Nova Escola](https://novaescola.org.br/conteudo/100/pesquisa-revela-que-saude-mental-dos-professores-piorou-em-2022). Acesso em 15 julho 2024.

¹¹ Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-registra-9-ataques-em-escolas-neste-ano-e-atinge-patamar-recorde-relembre-casos/>. Acesso em: 15 julho 2024.

¹² Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sul/rs/lei-que-preve-cameras-em-salas-de-aula-e-sancionada-em-porto-alegre-rs/>. Acesso em: 20 nov. 2025

¹³ Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/brasil/sos-rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/27/chuvas-no-rs-permanece-em-169-o-numero-de-mortos-pelas-enchentes-no-sul.ghtml>. Acesso em 17 jul. 2024.

¹⁴ Disponível em:

<https://averdade.org.br/2025/10/governo-do-rio-promove-maior-massacre-policial-da-historia-do-brasil>. Acesso em: 04 nov. 2025.

Apesar de contraditória a escolha por tais figuras de manchetes jornalísticas em uma tese que se propõe a falar sobre a vida, quando falamos sobre a tela - tecido social - que se pretende **bord(ej)ar**, é preciso apresentar as camadas que lhe compõem e os efeitos que são produzidos a partir dessa composição. Tal contradição, também, escancara um abismo: impacta, choca, faz pensar. Traz à memória vivências e experiências de um tempo recente, o da pandemia, cujos efeitos não cessam de se produzir e se atualizar. Traz à memória, também, a crescente violência que tem assolado nossas escolas, culminando em ataques violentos, perda de vidas. Evidencia a contradição em memórias e afetos: “o som que antes acalmava, agora faz temer”, como tanto ouvimos e lemos em postagens sobre as recentes enchentes em nosso Estado, o Rio Grande do Sul. Movimenta a ética, a estética e a política, convocando a olhar para esses seres humanos que circulam por esses espaços, lidando com todas essas questões e com tantas outras que se apresentam no meio escolar, fazendo emergir buscas por possibilidades. Mobiliza devir.

A tese, porém, não objetiva tratar sobre esse período tão triste e trágico de nossa história, enquanto humanidade, que foi a pandemia; nem tão pouco fazer uma análise aprofundada sobre os ataques às escolas, sobre as enchentes ou sobre o adoecimento docente; temas relevantíssimos e que devem ser tratados e analisados com toda seriedade que exigem e merecem. A tese traz de início essas notícias porque elas compõem o tecido social no qual opera; os discursos que aí se apresentam circulam pelo campo de análise; as notícias que se anunciam evidenciam pistas sobre a vida e sobre a escola, revelam dores e desafios.

Contudo, há elos entre isso que se anuncia e o **objetivo da tese**: pensar sobre as fissuras que possibilitam ver aquilo que está para além, tal qual nos propôs Lucio Fontana ao “**apunhalar**” suas telas, mostrando que há dimensões outras que diferem daquelas para as quais fomos educados a enxergar; Adriana Varejão ao “**rasgar**” suas obras e expôr fissuras que permitem, por elas, vazar; ou Rosana Paulino ao **bord(ej)ar** retratos provocando novas formas de ver e pensar sobre essas imagens, assumindo um tom de denúncia ao silenciamento. Dessa forma, todas essas notícias que compõem nossa tela de pesquisa versam sobre o contexto no qual estamos inseridos e, portanto, sobre o meio escolar, expondo pistas de algo

em comum e nos convocando para a urgência de (re)pensar modos de ser e estar no mundo (Krenak, 2022). Nesse sentido, o elo entre todos esses eventos refere-se à necessidade e à urgência de pensarmos sobre política, ética e estética quando nos propomos ao exercício de educar. Essa tese, portanto, tem como **objetivo** operar nessas três instâncias: a de **apunhalar** (abrir fissuras); **rasgar** (deixando ver o que está por trás); e **bord(ej)ar** (construir pontos para que aquilo que se abriu, não se feche, mas se transforme e permita vislumbrar novas composições).

Como muito defendeu Paulo Freire, não há educação neutra, isenta de pensamento crítico e político. Porém, o contexto em que estamos inseridos trama cada vez mais densamente os fios que o compõem para que, dentro das escolas, não haja espaço para o exercício de um educar para a liberdade de pensamento e para a construção de um espaço de diferenciação e de potência de vida. Portanto, encontramos aí a necessidade de **fissurar** a tela, abrindo espaço para tal exercício que, posto em verbo, **professorar**, implica movimento, ação e transformação. Me parece que a partir das fissuras reais, como as provocadas pelas forças das águas em ruas, casas e morros, como presenciamos nas enchentes, debates sobre ética e política tornaram-se mais presentes, ou seja, essas fissuras possibilitaram ver aquilo que, até então, parecia despercebido: a falta de legislações para o meio ambiente, o desmonte dos serviços públicos essenciais, a terceirização, o racismo ambiental. Eis a potência das fissuras!

O objetivo, portanto, de trazer tal impacto já de início para a tese, é deixar rastros do que se pretende como objeto de estudo, o movimento poético de slam que, tal como seu nome, pensado como uma onomatopéia para uma batida, impacta através de suas poesias e convida a problematizações. Ao propor tais questões como “ponto de partida” da tese, é fundamental marcar um posicionamento, ou seja, de que lugar falo quando olho, sinto, (re)penso, articulo, tais questões. Falo aqui enquanto professora, pedagoga, mulher, mãe, estudiosa do feminismo, aspirante a poeta, frequentadora do movimento do slam. Mas, mais do que palavras que podem, ou não, marcar um lugar, falo a partir de um coletivo que me antecede e entoa sua voz junto comigo e que deseja novas possibilidades de ser e estar na escola, novas possibilidades de fazeres educativos, novas possibilidades de ser e estar na VIDA. É preciso, também, registrar nessa escrita que todas essas questões apresentadas

fazem parte de projetos societários em disputa e que há jogos de força operando nessa e para essa realidade, a qual conseguimos apreender em partes, e que, desejar novas possibilidades de ser e estar, implica ter que abrir brechas num denso tecido social, que é excludente e segregador, e isso não é tarefa fácil.

Não é tarefa fácil, mas acreditamos que a educação carrega em si a potência de transformação e que, como professores comprometidos com a mudança, mais do que encontrar brechas nesse denso tecido que se impõe, é preciso forjá-las a partir de uma educação que resgate a dimensão ética-estética-política-poética que é tão cara ao fazer pedagógico e ao esperançar.

Esperançar no sentido freiriano, como verbo que convoca à ação e ao movimento, sem a ilusão de que apenas a esperança é suficiente para a transformação da realidade que lhe impõe, mas tendo a consciência de que, sem a esperança e a ação que dela se desdobra, tão pouco se consegue agir. Segundo Freire (1992, p. 5)

O essencial, como digo mais adiante no corpo desta Pedagogia da esperança, é que ela, enquanto necessidade ontológica, precisa de ancorar-se na prática. Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera pura, que vira, assim, espera vã.

Figura 7- ALY, Francis. Numa dada situação. 2010. Ilustração.



Fonte¹⁵: Tornado fullbook (2010)

¹⁵ Disponível em: https://www.francisalys.com/books/Tornado_fullbook.pdf. Acesso em: 17 jun. 2024.

Como possibilidade a esse esperar, propõe-se a poesia slam como um movimento capaz de forjar essas fissuras, trazendo respiros poéticos de vida, criando espaços que promovam troca de afetos, escuta, acolhimento, cuidado e atenção com a vida através da arte, produção criativa; espaços que operem deslocamentos subjetivos, levando-nos a novos agenciamentos coletivos de enunciação e convidando ao exercício de “uma educação menor, aquela que “[...] nos permite sermos revolucionários, [...] um empreendimento de militância” (Gallo, 2002, p. 169). Ao objetivar criar tais espaços na **escola**, pretende-se pensar **educação, saúde e arte** dentro de uma perspectiva ético-estético-política-poética que reflita sobre processos de montagem de mundo. Deseja-se, portanto, compactuar com tantas outras pesquisas que buscam a potencialização da vida a partir da construção de espaços de diferenciação e multiplicidade, tendo como campo de análise a escola, propondo como possibilidade de criar fissuras potentes para a existência desses espaços, a poesia.

1.3 Apresentando as mãos que bord(ej)am

O ano era 2019, e eu sentia-me como o menino de um de meus poemas preferidos da infância: o menino que carregava água na peneira, de Manoel de Barros. Mas, diferente do menino que brincava com essa peneira e amava o vazio, talvez num momento anterior ao da descoberta da beleza e da potência dos despropósitos, sentia no vazio a dureza de uma realidade sem poesia que se impõe de forma cruel e questiona a utilidade das coisas: por que andar tanto com a água numa peneira se nunca se consegue enchê-la? Como carregar a água a um destino final se ela se esvai o tempo todo? Como suportar fazer algo que parece impossível, que nunca se alcança?

Em 2019 fui convidada, na escola da rede privada onde trabalhava há quase 10 anos como professora de educação infantil, a trocar de segmento, passando a atuar como professora dos anos iniciais. Nessa troca, senti profundamente os impactos dos conteúdos escolares na prática cotidiana em sala de aula: passava de uma experiência onde o brincar e as experimentações infantis guiavam o

planejamento, para uma prática onde os conteúdos precisavam ser cumpridos e, pouco se tinha tempo para o brincar. Evidentemente, por acreditar na potência do brincar e por permitir-me atos de ousadia, minha atuação em sala de aula distanciava-se por muitas vezes daquilo que era proposto pelo coletivo, o que se fazia bastante cansativo e desafiador, pois sentia-me carregando água na peneira dentro de um contexto que queria vê-la cheia sempre. Tal convite para trocar de segmento foi impulsionado por minha experiência em outra escola privada de Porto Alegre, onde atuei dois anos na docência dos anos iniciais do ensino fundamental, mais especificamente no primeiro ano, como alfabetizadora. Essa escola, situada em uma região de classe alta e frequentada pelos filhos e filhas da elite econômica de Porto Alegre, escancarou o lado perverso da educação. Nessa escola, vi crescer e ganhar força o movimento denominado “escola sem partido” e seus efeitos sobre a docência, causando medo de perseguições, demissões e reconduzindo as práticas pedagógicas, que agora eram orientadas a “evitar” assuntos polêmicos, retirando a liberdade de formação de espaços de pensamento crítico e de cidadania. Escancarou-se a mercantilização da educação, onde os pais são os “clientes” a serem agradados pelo “vendedor”, desculpem-me pelo ato falho, quis dizer, professor. Infelizmente, essa lógica vem impregnando as escolas em que atuo atualmente, tanto pública como privada. Mas, como se sobrepõe a isso a necessidade de sobrevivência no sistema capitalista, suportamos e seguimos. A que preço? Penso que as pesquisas sobre sofrimento e adoecimento docente nos dão pistas.

Em 2019 também fui nomeada como professora dos anos iniciais na rede municipal de Porto Alegre. Nesse contexto, passei a conviver com colegas que fazem de seu trabalho luta diária por melhores condições para os estudantes e para a classe. Não seria correto dizer que são a maioria, pelo contrário, parece que o sistema, com seus mecanismos de controle e poder, tem conseguido amedrontar a classe e lhe tirar a voz. Contudo, ainda é possível encontrar resistência. Assim como a equipe docente, as conexões com os estudantes me mobilizaram ao revelar histórias de vida atravessadas duramente pela carência, exclusão, repetência, evasão... realidades marcadas pela falta de acesso e oportunidades, o que se potencializou com a pandemia.

Como mulher, mãe de uma bebê que, no referido período, ainda não havia completado seu primeiro ano de vida extrauterina e professora das infâncias, vivendo uma jornada tripla de trabalho entre maternar e lecionar nas redes pública e privada de Porto Alegre, com os afetos da recente maternidade transbordando, vivenciava de forma sofrida o choque de realidades entre os espaços pelos quais circulava, especialmente, no que diz respeito à garantia dos direitos básicos das crianças, como moradia, alimentação e saúde.

A dura realidade de meu fazer cotidiano insistia em escancarar-se dessa forma para mim, bem como um pensamento ainda mais duro para comigo mesma: o do vazio e o da impotência diante de tantas vidas que, por algumas horas, endereçavam seus afetos, desejos e esperanças a mim, sua professora. O que eu poderia fazer? Como dar conta de tantas demandas? Como auxiliar aquelas crianças que, em tão tenra idade, já eram vítimas do descaso do Estado, da falta de políticas públicas, do mal estar de uma sociedade que não olhava para suas infâncias, de um ciclo de violência que reincidia, entre tantas outras questões? Como olhar para as dificuldades de aprendizagem apresentadas na escola quando há fome, violação do direito de brincar, trabalho infantil e violência se impondo em tantos contextos de vida? Como chegar em casa, olhar para minha bebê e encarar as memórias e histórias de tantas outras crianças que não tinham e que não têm, em sua maioria, acesso a oportunidades?

Todas essas questões e experiências pulsavam dentro de mim, o sentimento de impotência parecia **rasgar** meu peito. A sobrecarga física e mental deixavam-me exaurida. Sentia-me incapaz, por vezes sozinha, mesmo estando sempre entre tantos e tecendo afetos. Não se tratava de solidão, mas do sentimento de solitude, como se a carga fosse minha e eu tivesse que carregar só, ou, se não conseguisse carregar, o peso pelo insucesso era meu, apenas meu. Não percebia naquele momento ainda, não tinha tido, ainda, o feliz encontro. Pensava tal qual fui ensinada, em uma sociedade capitalística onde as formas de controle e os procedimentos de poder criam estratégias para gerir vidas de forma a garantir a maximização de sua utilidade econômica (Foucault, 2011): o insucesso era meu, eu precisava ser mais produtiva para alcançar o sucesso. A vontade que eu tinha, e que continuo tendo, é de mudança, de transformação desse cenário, como tão bem sugere Rolnik (2021),

vontade de “antecipar o fim do mundo, desse mundo capitalístico”, para abrir possibilidades para outros mundos que, inclusive, já existem, com outros sistemas de pensamentos, formas de organização, gestão, conhecimento e saberes.

Era a peneira que, por mais que eu tentasse encher, não cessava de deixar aquilo que eu fazia, escapar. O que eu ainda não conseguia perceber, era a potência do vazio.

O que eu não conseguia perceber ainda, naquele momento, é que, mesmo que escapasse pelos furos da peneira, aquilo que eu ali colocava, ao escapar, deixava rastros. Por mais que escapasse por entre os microfuros de uma peneira, conduzia e marcava trajetos. Por mais que escapasse, enunciava uma transformação naquilo que, agora, já não era mais como antes, algo novo havia estado ali, entrado em contato, mudado a matéria de seu estado inicial. Tratava-se, talvez, de permitir-me o deslocamento, mobilizar devires, perceber a sutileza dos pequenos movimentos, enxergar a potência da micropolítica, enxergar os rastros que poderiam ser deixados a partir de movimentos e práticas pedagógicas críticas, intencionalmente organizadas para passar pelos furos forçando sua abertura, deixando aquele espaço cada vez maior. Como afirmam Rodrigues e Damico (2018, p. 292), “uma vida são fios de multiplicidades; ela sempre acha por onde vazar, por onde escoar”.

Contudo, alcançar este ponto – de descobrir a potência dos despropósitos e a grandeza infinita dos vazios – não foi um processo fácil, repentino ou finalizado. Foi, e permanece sendo, um caminho que exige constante movimento. Foi necessário, e ainda é, reaprender a ver, reaprender a sentir, aprender a questionar as verdades (im)postas por tantos e tantos anos, num movimento subjetivo de encontro de afetos que provocaram e provocam fissuras, no meu caso, oportunizado pela poesia do slam. Como coloca Preciosa (2010, p. 87),

A vaziez positivada pelo poeta, uma espécie de operação limpeza de área, método enviesado de escancarar portas e janelas para que o inesperado chegue, e chacoalhe as molduras tristes em que a vida se vê prensada, rebaixada pelos excessos de clichês, que Barthes costumava chamar de “massa gelatinosa que gruda na retina”, uma alusão à doxa, e que de fato faz um estrago danado.

Foi no encontro com a poesia que compreendi os propósitos despropositais dos vazios e pude “tirar a massa gelatinosa da retina”, para me reinventar. Essa poesia, foi a poesia slam, “[...] espaço que tem como principal conceito a liberdade de expressão, fazendo do livre diálogo uma ferramenta para a construção de novos horizontes. E, para além do espaço de fala, é também um convite à escuta” (Duarte, 2019, p.11). Aceitei o convite à escuta e imergi nesse espaço que desloca lugares de fala, trazendo à cena histórias e vivências daqueles que vivem às margens do sistema. Durante essa imersão, permiti-me a desconstrução e reconstrução descobrindo-me professora militante (Gallo, 2002) e transformando meu fazer educativo. Mobilizada pelas falas do slam, que compactuavam com as que escutava de meus alunos na escola pública, comecei a levar esse movimento para minhas turmas e pude observar aquela multiplicidade de histórias e vozes singulares compondo uma rede e uma comunidade, formando um corpo-voz, um território que acolhia diferentes modos de ser.

Por fim, retomo a provocação deixada pelo professor Dr. Luciano Bedin da Costa¹⁶, durante a banca de qualificação do projeto de tese: “o que apareceria atrás da tela dessa pesquisa se ela fosse rasgada?”. Ao decorrer da escrita, tentarei deixar rastros a essa provocação, compreendendo esse corpo de pesquisa, já indissociável ao modus da própria poesia slam, uma vez que sua própria existência já se faz num gesto de ruptura ao combater o academicismo e os discursos produzidos na universidade sobre quem pode ou não estar nesse espaço, em especial, cursando um doutorado.

Estar cursando o doutorado sendo mãe, professora e orientadora educacional já é um ato de resistência. Não foram poucas as vezes que senti que não conseguiria suportar o peso, que não pertencia a esse lugar. Afinal de contas, estar cursando doutorado “é para quem tem dedicação exclusiva, ou quem tem jornada de trabalho reduzida para tal”, como muito ouvi falar. Não foram poucas as vezes em que escutei no percurso: “tu és louca! Como vai dar conta? Como consegue?” Não foram poucas as vezes. É fato que em se tratando de um percurso

¹⁶ Professor Associado da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3277990625335032>

de qualificação para minha prática educativa, esperaria-se um incentivo da mantenedora de educação a esse processo, o que nunca ocorreu. É fato que, num sistema capitalista e neoliberal, o trabalho ocupa um lugar de sobrevivência, e não apenas de realização profissional. É fato que, em se tratando do exercício da docência, ainda mais pública, as longas jornadas de trabalho são uma realidade provocada pela baixa remuneração. É fato que, apesar de estar falando sobre mim, as provocações aqui pontuadas não são apenas sobre mim, elas refletem pistas desse tecido social que, com essa escrita, pretendo **apunhalar** e **rasgar** para forjar fissuras e poder **bord(ej)ar** novas composições.

Ainda assim, não é tarefa fácil suportar o peso de discursos já tão bem construídos. Não é fácil tentar e tentar e tentar **rasgar** a tela da pesquisa, tal como faz Lucio Fontana ao **apunhalar** suas obras ou Adriana Varejão ao expôr fissuras para deixar aparecer o que está além. **Rasgar** a tela dessa pesquisa é encontrar espaços para a criação e a inventividade, é deixar aparecer um corpo-voz-escrita que deseja estar nesse processo, embora não tenha dedicação exclusiva, embora não tenha tempo para estar em todos os grupos de estudos e pesquisas que a universidade oportuniza. É tentar fazer valer o saber da experiência, o saber do “chão da escola”, o saber “das ruas” como tão importantes quanto os que circulam em autores e autoras “livrescos”, como bem provocou, também, Luciano Bedin. É deixar aparecer os saberes insurgentes, aqueles construídos nas ruas, nas escolas, nas vivências, nas relações. Dessa forma, propor tal movimento, é **rasgar** também modos de pensar e me posicionar cartograficamente diante do território de pesquisa que é meu chão, é onde me produzo, constituo e reinvento cotidianamente. Essa pesquisa busca **rasgar** formas de pensar para, a partir desses rasgos, bordejar, ou seja, estancar e alargar essas bordas das fissuras, com fios constituídos a partir de saberes insurgentes, que se propõe como poéticas da (re)existência.

2. Sobre a Composição

Figura 8 - FONTANA, Lucio. "Concept Spatile". 1958. Óleo sobre tela.



Fonte¹⁷: Wikiart- Enciclopédia das artes.

“Além da perspectiva... a descoberta do cosmos é uma nova dimensão, é o infinito, então faço um furo nesta tela, que esteve na base de todas as artes e criei uma dimensão infinita... a ideia é justamente essa, é uma nova dimensão correspondente ao Cosmos. O buraco está, justamente, criando esse vazio lá atrás... E então o que temos aqui: primeiro plano, meio plano e fundo... para ir mais longe o que tenho que fazer? ... Faço buracos, o infinito passa por eles, a luz passa por eles, não há necessidade de pintar”.

Lucio Fontana

¹⁷ Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/lucio-fontana>. Acesso em: 15 maio 2024.

2.1 Delineando a montagem

O caminho traçado para a presente pesquisa foi produzido a partir de encontros entre docência e poesia slam. Foi nesse entrelaçamento que surgiu a necessidade de mapear novos caminhos e possibilidades para ser, estar e fazer educação. O que aqui se apresenta como caminho traçado, como objetivo para tal escrita se produziu, portanto, como efeito de multiplicidades que se entrecruzaram, conectaram, recriaram.

Ao ser apunhalada pela poesia slam, ao sentir a carne rasgando pelas fissuras produzidas, ao olhar para aquilo que dali emergiu, que minha “eu-investigadora” reapareceu e pode reinventar o seu professorar. Reapareceu porque sempre estive lá, mas ficou adormecida por um tempo, fingindo não ver as dores, ignorando as paixões. Minha “eu-investigadora” reapareceu, questionando discursos, ressignificando memórias, abrindo espaço para uma versão mais inventiva e potente de ser e estar nesse mundo e exercer sua docência.

SOBRE UM ENCONTRO

Foi no encontro com a poesia, uma poesia de combate, que os afetos
vieram minhas dores significar,
e, desde então, um problema de pesquisa, com seus questionamentos,
meus afetos veio mobilizar.

Para tal, é preciso caminhos traçar,
para pistas desse mapa de afetos, encontrar.

Dessa forma, posso dizer-me investigadora-poeta, pois entre um lugar e
outro, não há separação.

Não é possível, não é desejável, seria como arrancar uma parte, fazer
pesquisa sem afeto, sem paixão.

Então, foi através das fissuras, que se desvelou o quê se pretende buscar.

Encontros que tiveram a potência de fissuras criar, e é justamente esses
rastros que aqui na tese objetivo **cartografar** ...

processos de subjetivação e a experiência

(relatar-cartografar)

*produzidos a partir do **encontro** de uma professora com a **poesia slam**
(restografar- slamgrafar)
procurando pistas dos efeitos desses processos em sua **docência**
(**professorar**).*

Um encontro que produziu novos encontros e que se fez como potência concreta na escrita desta tese. Portanto, o **objetivo geral** desta tese foi cartografar efeitos de processos de subjetivação produzidos a partir do encontro com a poesia slam em meu professorar, evidenciando a potência da poesia slam na criação de fissuras na educação. Como fissuras, assumimos a ideia de ruptura com processos subjetivantes hegemônicos dentro dos modos de subjetivação do sistema capitalista e da economia neoliberal. Como **objetivo específico**, proponho visibilizar pistas de enunciados e linhas de fuga que se apresentaram a práticas e discursos hegemônicos, produzindo, na escola, espaços de afirmação de vida a partir da inserção de coletivos de poesia slam na escola em que atuo como docente, e que aqui também serão mapeadas. Importante destacar que essas apresentações e oficinas poéticas aconteceram como efeito da dobra produzida no encontro anterior, da professora e também pesquisadora, com a poesia slam. Assim, a tese, construída a partir da composição entre saúde-arte-educação, foi de que a poesia slam opera fissuras na educação a partir da produção de modos de subjetivação no professorar que potencializam a vida e a construção de espaços de heterogeneidade na escola, abrindo possibilidades para novas formas de ser e estar no mundo.

Essa tese, portanto, faz-se efeito desses encontros, cujas produções em processos de subjetivação não cessam, criando e recriando-se, em suas dimensões ética-estética-política-poética. Tal qual nos apontam Deleuze e Guattari (1997), esses efeitos propagam-se de forma rizomática, entrelaçando outridades, produzindo efeitos que se espalham em linhas múltiplas. Tais processos produzem enunciados, agenciamentos, interrogam regimes de verdade totalizantes, operam na heterogeneidade do comum, criando fissuras e linhas de fuga. A partir das novas composições construídas por essas linhas, criam-se novas formas de ser e estar no mundo, espaços de diferenciação. É no intuito de mapear as pistas, buscando os rastros deixados a partir desses encontros, que segue a construção desta tese,

apostando nessa escrita também como um espaço de diferença, inventividade e criação, como um convite à produção de si, à produção da vida como uma obra de arte, micropolítica da vida.

2.2 Escolhendo pontos para bord(ej)ar

O encontro com a poesia do slam ecoa de forma potente, convidando ao exercício da impermanência e à constante atualização. Quando me refiro à atualização, trago rede de afetos, cuidado, atenção, processos de subjetivação. A poesia slam é ética, poética, estética e política, luta por mudança, transforma, revolu(a)ciona. Assim sendo, uma pesquisa que a tem como mote de estudo necessita encontrar caminhos possíveis para respeitá-la como potência criativa e de vida que é, pois convida a novos modos de pesquisar, viver, existir e criar. Tal pesquisa, acontece a partir da experiência, do mergulho de quem pesquisa.

Essa tese, portanto, é um aceite e um convite ao mergulho em águas profundas, nas quais não se sabe o que se vai encontrar, mas se tem a certeza que dessa experiência se sairá transformado. Assim foi e continua sendo minha experiência com o slam, movimento poético formado, em sua grande maioria, por jovens da periferia.

*É preciso aprender a ficar submerso
por algum tempo. É preciso aprender.
Há dias de sol por cima da prancha,
há outros, em que tudo é caixote, vaca,
caldo.*

*É preciso aprender a ficar submerso
por algum tempo, é preciso aprender
a persistir, a não desistir, é preciso,
é preciso aprender a ficar submerso,
é preciso aprender a ficar lá embaixo,
no círculo sem luz, no furacão de água
que o arremessa ainda mais para baixo,*

*onde estão os desafiadores dos limites
humanos.*

*É preciso aprender a ficar submerso
por algum tempo, a persistir, a não desistir,
a não achar que o pulmão vai estourar,
a não achar que o estômago vai estourar,
que as veias salgadas como charque
vão estourar, que um coral vai estourar
os miolos — os seus miolos -, que você
nunca mais verá o sol por cima da água.*

*É preciso aprender a ficar submerso, a não
falar, a não gritar, a não querer gritar
quando a areia cuspir navalhas em seu rosto,
quando a rocha soltar britadeiras
em sua cabeça, quando seu corpo
se retorcer feito meia em máquina de lavar,
é preciso ser duro, é preciso aguentar,
é preciso persistir, é preciso não desistir.*

*É preciso aprender a ficar submerso
por algum tempo, é preciso aprender
a aguentar, é preciso aguentar
esperar, é preciso aguentar esperar
até se esquecer do tempo, até se esquecer
do que se espera, até se esquecer da espera,
é preciso aguentar ficar submerso
até se esquecer de que está aguentando,
é preciso aguentar ficar submerso
até que o voluntarioso vulcão de água
arremesse você de volta para fora dele.*

(Pucheu, 2013, p. 9)

Como pesquisadora já imersa no campo de pesquisa, tenho me permitido esse mergulho desde 2019, percebendo a importância de todo esse processo para o estudo que aqui se propôs. Nesse sentido, em minha escrita pulsam essas experiências, esse conhecimento construído no fazer. Proponho-me, ainda assim, consciente da imensidão desse mar, a continuar navegando e mergulhando em suas águas desconhecidas, permitindo-me continuidade nesse exercício de permanência e de novas descobertas, pois a cada imersão, uma nova realidade se apresenta, bem como, a cada emergência, aquilo que foi deixado já não é mais o mesmo.

Dessa forma, considerando a fluidez do tema de pesquisa, que é cartografar os processos de subjetivação a partir da minha experiência de encontro com a poesia slam e os efeitos em meu professorar, foi organizado um plano de experiência para apreender as pistas deixadas durante o percurso e bord(e)á-las com o fio da poesia slam, construindo novas composições nessa pesquisa de abordagem qualitativa. Para tal, foi fundamental considerar “a complexidade histórica do campo, o contexto do objeto pesquisado e a experiência vivida” (Frigato; Carvalho, 2011, p. 3).

Ao adotar a abordagem qualitativa com inspiração cartográfica evidencia-se a impossibilidade de totalizar o objeto de pesquisa, assim como a implicação recíproca entre campo e pesquisadora, que, em constante relação, se transformam mutuamente a partir da experiência. Ressalta-se, ainda, que não existe pesquisa neutra, em que o pesquisador se limite a 'coletar' dados, pois estes emergem de uma construção compartilhada entre todos os sujeitos envolvidos no processo. Nesse sentido, recorro ao pensamento de Kastrup (2012), para quem a pesquisa não se trata de simplesmente recolher dados, uma vez que, ao procurar seus rastros, ao selecioná-los e ao intervir sobre eles, já estamos, inevitavelmente, produzindo-os. Essa tese se propôs a pesquisar e acompanhar processos, se propôs a produzir conhecimento no mundo da experiência vivida (Frigato; Carvalho, 2011), entendendo que, ao pesquisar, já operou-se com montagens de mundos.

A escolha por tal metodologia e inspiração justifica-se pela necessidade de uma pesquisa que permita fluidez, que permita a transformação e a busca do sensível, abrindo possibilidades para a construção de um mapa de afetos, desejos, movimentos e intensidades (Passos; Kastrup; Escóssia *et al.*, 2012). Acredito que, considerando a complexidade do mote de pesquisa - o movimento de poesia slam - e do plano de ação - a escola -, apostar na pesquisa-intervenção é evidenciar uma preocupação com um método de pesquisa que compreende que o saber se constrói no fazer e nas relações que se estabelecerão a partir do mergulho da pesquisadora. É ter a ciência de que sua presença afeta o plano de ação e é afetada por ele, ou seja, durante seu mergulho, produz-se experiência, essa experiência constrói saberes, e esse fazer-saber altera o plano e todos os sujeitos ali envolvidos, tecendo experiências a todos. Assim, a pesquisa foi realizada a partir de rastros e pistas da experiência do encontro de uma professora com a poesia slam e tem como plano de ação a escola municipal em que exerce sua docência, ou seja, pesquisadora e plano de ação estão implicados e reconstroem-se mutuamente nesse percurso. Num primeiro momento, foram produzidos elementos a partir da pesquisa sobre a poesia slam - origens, contexto; num segundo momento, foram costurados elementos da pesquisa sobre a poesia slam e os efeitos no professorar produzidos a partir do encontro de uma professora - a pesquisadora - com essa poesia; num terceiro momento foram ampliados os efeitos do encontro anterior que se desdobraram em processos coletivos. Para a proposição de dados do terceiro momento, foram mapeadas as inserções de coletivos de poesia slam dentro da escola municipal através de apresentações e de oficinas de poesia realizadas com jovens estudantes.

Como colocam Passos e Kastrup (2009), não é um caminhar para alcançar metas, e sim um caminhar que permite traçar novas metas.

A estratégia de pesquisa-intervenção não permite que a pesquisadora ou o pesquisador apenas identifique e aponte os “problemas” dos processos grupais e institucionais, indicando eventuais “soluções”. Ao estar intensamente implicada no campo, a pesquisadora ou pesquisador vivencia as forças sociais e toma justamente esse processo como ferramenta de análise e intervenção (Chassot; Silva, 2018, p.5).

Ao vivenciar as forças sociais, é fundamental pensar sobre como elas operam no plano de ação, compreendendo que as realidades são produzidas a partir do jogo estabelecido entre essas forças e seus desdobramentos. Portanto, é fundamental pensar no conceito de transversalidade desenvolvido por Félix Guattari em 1964.

A partir do conceito de transversalidade, Guattari (1964) busca romper com uma visão hierarquizada das estruturas sociais, onde as relações verticais, das variáveis maiores, e horizontais, das variáveis menores, rebatem-se, reforçando pontos de submissão e assujeitamento. Dessa forma, o autor convoca a pensar em novos arranjos de produção de realidade, que possam caotizar essas relações, abrindo espaço para a emergência, no campo de análise, dos devires minoritários, dotados de potência de diferenciação. Nesse sentido, tal conceito apresenta-se como potência para pensar modos de subjetivação. “Com o conceito de transversalidade, Guattari prepara a definição do método cartográfico segundo o qual o trabalho da análise é a um só tempo o de descrever, intervir e criar efeitos-subjetividade” (Passos; Kastrup, 2009, p. 27). Segundo Chassot e Silva (2018, p.3) o conceito de transversalidade é primordial para a pesquisa-intervenção, uma vez que permite, a partir dos rearranjos, “novas vias de circulação da palavra e de construção de saber e de desestabilização das relações de poder”.

Assim, o caminho da pesquisa foi se constituindo a partir da compreensão de que conhecimento e experiência se implicam mutuamente; desse entrelaçamento, as pistas foram sendo delineadas, redesenhadas e retrabalhadas tantas vezes quanto necessário, uma vez que intervir em um plano de ação, permeado por jogos de forças e correlações de poder, exige constante atualização sustentada por uma posição ética e política. A cartografia diz da forma como a pesquisadora compreende o mundo em que está intervindo, sabendo que não é um campo estático que fornece informações prontas, mas, sim, um plano de ação que se reinventa e se produz através dos engendramentos que se desdobram a partir de sua imersão.

Considerando tanto meu atravessamento pelo objeto de pesquisa quanto o tema a ser pesquisado, optei por **bord(ej)ar** as poesias slam juntamente com as

discussões teóricas, marcando esse lugar de epistemologia para seus saberes. Nessa tese, portanto, compõem as discussões teóricas-experimentais tanto aos autores e autoras “livrescos”, como autores-poetas e artistas plásticos. É uma proposta de montagem que mapeia também meu professorar e meus processos de criação a partir do meu encontro com a poesia slam.

Como desenho metodológico, propus pensar essa tese como uma composição, compreendendo cada parte dela como um ato necessário para essa montagem. Com essa proposição, coloca-se a pesquisa em movimento, convocando, em cada seção que se apresenta, ao exercício de deixar-se **fissurar**. As fissuras, propostas aqui como aproximação conceitual das linhas de fuga (Deleuze; Guattari, 1996), são essenciais para tornar possíveis modos de subjetivação inventivos. A tela que se deseja **fissurar**, serve como metáfora para as tramas do tecido social, como discursos, práticas, modos de subjetivação serializantes, buscando a criação de um mundo comum heterogêneo. Conforme Pelbart (2003 *apud* Kastrup; Passos, 2013, p.264),

[...] o comum é como um fundo virtual e heterogêneo onde composições e recomposições de subjetividades têm lugar. Esse fundo atua como resistência ao não produzir falsos espectros do comum com figuras homogeneizadas e totalizantes.

O trabalho da cartografia, nesse sentido, seria o de acessar esse comum e, ao acessá-lo, produzir efeitos para sua criação. Mesmo atenta ao objetivo e traçando um plano para acessar o comum, o medo de ser capturada pelas verdades totalizantes é grande. Assim, esse trabalho de escrita envolve cuidado constante para também poder vazar por fissuras, pois, apesar da atenção aberta da cartógrafa, existe o risco da captura, “na medida em que a cartografia traça esse plano comum e heterogêneo, ela concorre para a construção de um mundo comum”. (Katsrup; Passos, 2013, p. 265). Apostar na inspiração cartográfica para essa escrita, portanto, é refletir sobre a construção de um comum possível a partir de modos de subjetivação produzidos como efeitos de experiência entre docência e poesia slam, considerando o coletivo. Trata-se, portanto, de uma pesquisa-intervenção de caráter participativo e inclusivo, que potencializa saberes historicamente excluídos.

Como desenho da montagem da presente pesquisa, traçou-se o seguinte caminho e ferramentas para produção e análise de “dados”, visando acessar e construir o comum:

- Primeiro momento: pensado, buscado e construído por um coletivo de mãos para compor os bord(ej)ados de tal pesquisa. Essas mãos, de autores e autoras de diferentes áreas do conhecimento auxiliam na compreensão das origens do slam como movimento e sua chegada ao município de Porto Alegre; na experiência de imersão em poesias escritas e biografias de poetas e coletivos; na reflexão e (des)construção de conceitos importantes para o estudo. Foi trilhado a partir de revisão de literatura, pesquisa em sites e produção de dados através de materiais produzidos por alguns coletivos de slam de Porto Alegre, como zines, panfletos e anotações feitas em meu diário de bordo durante minha participação nos movimentos de batalhas poéticas de slam.

- Segundo momento: tratou da costura entre o levantamento teórico e as experiências vividas com a poesia slam fora e dentro do ambiente escolar, pensando em seus efeitos de subjetivação em meu professorar, procurando evidenciar pistas da potência da poesia slam em fissurar a educação no que se refere à construção de possibilidades de novos modos de pensar/fazer a docência. Foi produzido a partir do resgate de memórias, anotações pessoais, poesias de estudantes, fotografias e filmagens. Todos os elementos obtidos na experiência com a poesia slam foram costurados com a discussão teórica aqui proposta, objetivando compreender modos de subjetivação no professorar e os efeitos desses em crianças e jovens.

- Terceiro momento: procurou dar visibilidade às pistas produzidas em processos coletivos através da inserção de coletivos de poesia slam na escola municipal de Porto Alegre em que trabalho. Essas inserções são referentes a apresentações e oficinas de poesia slam que foram realizadas por alguns coletivos de poesia slam. As pistas evidenciam a potência da poesia slam na construção de agenciamentos coletivos de enunciação e linhas de fuga a práticas e discursos hegemônicos. Cabe destacar que todos os participantes assinaram os termos de assentimento e/ou consentimento livre e esclarecido e que a pesquisa ocorreu atendendo aos requisitos de ética. Nesse sentido, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da UFRGS com o CAEE número 84758424.0.0000.5347 e pelo

Comitê de Ética da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre com o CAEE número 84758424.0.3001.5338.

Diante do caminho exposto, cabe ressaltar que trarei à cena as fissuras produzidas pela poesia e que, ao abrir-se uma fissura, com olhar e atenção podemos ao fundo vislumbrar novas imagens, novos contornos. Portanto, sobre as questões de pesquisa será projetada uma luz que busca apreendê-los em seu modo de existir, pensando sobre sua historicidade, temporalidade e espacialidade. Concomitantemente à projeção da luz, faz-se a sombra, rastro que nos aponta outros ângulos e perspectivas. Luz e sombra, sombra e luz... jogo que nos convoca a pensar no movimento e impossibilidade de totalização, pois há sempre algo que nos escapa, e considerar isso durante o processo, é fundamental. No entanto, é fundamental salientar que aquilo que será vislumbrado e montado por aqueles que lerem estas páginas, se dará como efeitos de produção única que se reinventa conforme o mundo que no outro encontra.

Ciente da incapacidade de totalização e dos efeitos de produção singulares, com essa escrita empreendo esforços para forjar ainda mais essa fissura, **apunhalar**, **rasgar**, tal como Lucio Fontana. Depois, num golpe, puxar aquilo que se revela para fora, eviscerar, como nos mostra Adriana Varejão. Para que essa fissura não se feche, tal qual Rosana Paulino, bord(ej)amos, arrematar as bordas para que a fissura ali feita, se transforme, mas não finde. Essa tese, portanto, tem como objetivo operar nessas três instâncias: a de **apunhalar** (abrir fissuras); **rasgar** (deixando ver o que está por trás); e **bord(ej)ar** (construir pontos para que aquilo que se abriu, não se feche, mas se transforme em novas composições).

3. Sobre os materiais da composição

Figura 9 - FONTANA, Lucio. "Concept Spatile". 1960. Abstrata



Fonte¹⁸: Wikiart- enciclopédia das artes.

¹⁸ Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/lucio-fontana/concept-spatiale-8>. Acesso em: 15 maio 2024.

3.1 Uma tela densa com muitas camadas- o tecido social

Vivemos um período histórico em que as lutas políticas vão para além da luta pela igualdade na distribuição de bens e recursos, as lutas dizem respeito aos movimentos de grupos que reivindicam seus direitos à vida, o respeito às suas existências, culturas e tradições. Por sorte, cada vez mais temos acesso a escritas, pesquisas e estudos de autores e autoras que representam grupos que, por muito tempo, foram silenciados, tiveram suas culturas apagadas ou apropriadas indevidamente, como Ailton Krenak, bell hooks, Achille Mbembe, Grada Kilomba, Conceição Evaristo, Antônio Bispo dos Santos, Djamila Ribeiro, entre outros que não aparecem diretamente aqui citados. Esses grupos nos apontam para outras possibilidades de ser/estar no mundo, apresentam outras formas possíveis de compreender e relacionar-se (Krenak, 2019).

Antônio Bispo dos Santos (2023), assim como Grada Kilomba e bell hooks, demonstram a importância da fala contracolonial, em que a linguagem apresenta-se como meio de subversão ao colonizador, como ato de resistência a uma cultura que visa apagar diferenças e criar sub-humanidades. Nesse sentido, Nêgo Bispo traz fortemente em sua escrita o conceito de confluência, o qual utilizo como aposta de que as ideias aqui apresentadas possam confluir, unindo forças para articular as fissuras tão necessárias e urgentes, bord(ej)ando essa tela que precisa de novas composições/espacos de diferenciação para constituir um mundo comum e heterogêneo (Kastrup; Passos, 2013). Ao utilizar o conceito de confluência apresentado por Nêgo Bispo, corroboro com suas ideias de subverter também palavras, criando outras formas de nomear, falar e expressar, marcando um posicionamento de oposição à tentativa de estabelecimento de uma cultura hegemônica, eurocêntrica, homofóbica, racista e que, infelizmente, tem crescido a nível mundial. Segundo Santos (2023, p. 15),

Não tenho dúvida que a confluência é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece.

Na contramão a esses movimentos que confluem pela vida, acompanhamos um movimento mundial de ascensão dos grupos de extrema direita, após termos vivido seis anos em um período de (des)governo de retirada de direitos, ainda sofremos o impacto desse período. Esses movimentos de extrema direita utilizam-se de ferramentas e dispositivos para atingir seu objetivo, que é seguir avançando com os projetos neoliberais (Peroni, 2021). A educação, campo em disputa pelo grande impacto e potencial de alcance quando se refere a implementação de projetos societários, sofre duramente as ações dessa ascensão.

O neoliberalismo vem logrando êxito ao privatizar os serviços essenciais, dentre eles, a educação. Essa privatização, como bem elucidada Peroni (2021), não se refere apenas à mudança de propriedade, como no caso das escolas que podem continuar sendo públicas, mas também a uma reorganização da gestão, conteúdos, rotinas e estratégias de planejamento, que passam a funcionar a serviço e na direção do mercado. Para isso, retiram-se disciplinas e espaços para a construção de coletivos e de pensamento crítico, reforçando ainda mais discursos hegemônicos e não oportunizando tempo para pensar, debater e viver a vida.

Os modos de subjetivação do sistema capitalista e da economia neoliberal, com seus dispositivos, vão organizando e regulando a vida dos sujeitos desde muito cedo, como no caso das crianças que, desde muito pequenas, já são colocadas nas escolas com o ensejo de terem as melhores notas de aprovação em cursos ou concursos. Essas falas são recorrentes nas escolas privadas quando as famílias são questionadas sobre os motivos da escolha da escola em que matriculam seus filhos e filhas. Ao falar sobre os motivos e critérios para a escolha, não foram poucas as vezes em que escutei famílias relatando que escolheram para seus filhos, por vezes ainda bebês, a escola que tem os maiores índices de aprovação no vestibular. Escuta-se, nesse regime de enunciados, a prevalência do capital a despeito da vida. A escolha da escola não é pelo desenvolvimento pleno, integral ou pela potência de vida que podem oportunizar para as crianças. A escolha se dá pela grade curricular e pelos índices de aprovação no vestibular. O sucesso, não é a construção de seres potentes que possam diferenciar-se, o sucesso é a preparação para o mercado de trabalho com ênfase na disputa e no acúmulo do capital.

Nessa lógica, perde-se o tempo de ser e viver as infâncias, substituindo experiências e a formação estética — fundamentais para uma educação voltada ao sensível e à criticidade, em que se abrem possibilidades de ampliação de pensamentos e questionamentos — por uma educação mercantilizada, que visa à propagação de ideologias neoliberais, como a meritocracia, que impulsiona o individualismo e a competitividade, o empreendedorismo, a privatização, a eficiência, a produtividade e o tecnicismo.

O que o sistema econômico capitalista pretende é transformar a educação em mera preparação para o mercado de trabalho (Goergen, 2020), colocando-a a serviço da manutenção e ampliação desse sistema. E, para isso, é preciso despolitizar a educação e quebrar os movimentos de resistência. Não é mero acaso o crescimento de movimentos como o Escola Sem Partido que se configuram como “[...] mecanismos de controle dos conteúdos escolares e interdição dos discursos e práticas dos professores, na tentativa de impedir que transitem pela escola determinadas visões de mundo” (Peroni, 2021, p. 13). O sistema capitalista neoliberal vem exigindo mecanismos de poder capazes de, além de docilizar os corpos, majorar forças e aptidões. Recentemente, em nosso município, Porto Alegre, foi aprovada, pela câmara de vereadores, a lei 14.177, conhecida como lei Escola sem Partido, que

Estabelece orientações quanto ao comportamento de funcionários, responsáveis e corpo docente de estabelecimentos de ensino público municipal, no ensino relacionado a questões sociopolíticas, preconizando a abstenção da emissão de opiniões de cunho pessoal que possam induzir ou angariar simpatia a determinada corrente político-partidária-ideológica (Porto Alegre (RS), 2025).

Tal lei foi suspensa por força de liminar devido à inconstitucionalidade, mas revela movimentos que se articulam na tentativa de impor censuras e limitar debates e problematizações. Mesmo sendo suspensa tal lei, seus efeitos já se produziram e operam dentro da escola, causando medo e coação no corpo docente que, frequentemente, é atacado por famílias.

Também tivemos esse ano, a aprovação de um projeto de lei que determina a instalação de sistemas de monitoramento por câmeras de vídeo em escolas da rede municipal de ensino da capital. A argumentação favorável a tal sistema de vigilância é de que dessa forma se aumentaria a segurança nas escolas. Tal projeto prevê câmeras nas salas de aula, bibliotecas, parques e espaços de uso comum e ainda precisa ser sancionado pelo prefeito de Porto Alegre. Tais equipamentos serão utilizados para gravar imagens e áudios que poderão ser acessados pelas direções, Secretaria Municipal de Educação e demais autoridades competentes. Diante de um contexto marcado por discursos que deslegitimam o lugar do professor e que criam regimes de verdade em que falar sobre assuntos progressistas e pautas sociais é doutrinação e ideologia partidária, tal sistema de monitoramento serve como mais um dispositivo de silenciamento, controle e ataque aos docentes. Em entrevista¹⁹ para o Brasil de Fato, em outubro de 2025, a diretora da Atempa, Rosele Cozza Bruno de Souza, alerta para os perigos da manipulação e distorção das gravações com o uso da inteligência artificial. Ainda na mesma reportagem, apresentam-se argumentos favoráveis ao projeto de lei por parte de vereadores, os quais destaco alguns que reiteram o objetivo de silenciamento ao corpo docente: “As câmeras não se limitam à violência física, mas também ao abuso emocional e ideológico.” - Thiago Albres (Novo); “Se aceitamos câmeras em petshops para garantir segurança, por que não nas salas de aula para proteger crianças?” - Comandante Nádia (PL); “necessária para coibir bullying, assédio, crimes de racismo e para evitar “doutrinação política” em sala de aula” - Mariana Lescano (PP).

Outra mudança atual no município de Porto Alegre refere-se à destinação da verba para a compra do material escolar às famílias através de um cartão com um valor para tal aquisição e não mais à escola, que antes recebia a verba para compra do material escolar, fazia a compra e entregava aos estudantes. Uma professora falou para seus alunos sobre a mudança, salientando que cuidassem de seus materiais, pois a escola não teria mais para repôr. No dia seguinte, um pai veio até a escola ameaçando a professora, dizendo que ela estava fazendo apologia

¹⁹ Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2025/10/03/sindicato-critica-aprovacao-de-cameras-em-escolas-de-porto-alegre-e-promete-judicializar-medida/#:~:text=O%20texto%20aprovado%20determina%20que.mo nitoramento%20em%20banheiros%20est%C3%A1%20proibido>. Acesso em: 05 out. 2025.

político-partidária e que não aceitaria doutrinação ideológica com seu filho. Tempos muito difíceis, são os que vivemos enquanto docentes.

Acreditamos que, se leis como essa entrarem em vigor, serão ainda mais acentuadas as perseguições a professores e funcionários que venham a discutir, em suas aulas, temas progressistas e com pautas sociais. Dessa forma, cria-se uma força de lei capaz de silenciar vozes e coibir pautas políticas que são fundamentais quando se trata de educação.

Uma das estratégias para sustentar e fazer avançar o Estado Neoliberal é o neoconservadorismo. Ao questionar e retroceder nas lutas por direitos, uma vez que, segundo a teoria neoliberal, a crise econômica é oriunda dos programas sociais que buscam reparação e equidade, criam-se discursos que refluem²⁰ movimentos que visam potencializar a vida a partir das possibilidades de diferentes formas de ser e existir. A maior “arma” da lógica neoliberal é a transformação das lutas pelos direitos sociais em inimigos da sociedade, pois seu discurso justifica toda crise econômica pelas políticas públicas que garantem tais direitos. A “culpa” da crise vira programas como “bolsa família”, “cotas na universidade”, pois numa lógica em que cada um é responsável por seu sucesso e/ou fracasso, discurso da meritocracia e que Laval e Dardot (2016) vão aprofundar compreendendo como modo de subjetivação do sujeito como empresa de si— o neossujeito. Já as lutas por direito às existências viram afronta aos valores de família numa moral alicerçada à unicidade de crenças e valores.

A educação é um campo em disputa, pois produz narrativas e conhecimentos que concorrem na construção das realidades. Esses mecanismos, que aqui conceituaremos como dispositivos (Deleuze, 1996), operam no espaço escolar através de práticas discursivas e não discursivas, tentando servir à manutenção dos regimes de verdade que homogeneizam e mantêm a unificação do saber-poder. Dardot e Laval (2016) problematizam as formas de subjetivação operadas pela racionalidade neoliberal, alertando para a importância de compreender que, para sair dessa racionalidade, não basta uma mudança de governo, pois as forças para manter o sistema neoliberal atuam na constituição dos

²⁰ Seguindo na estética e subversão proposta por Nêgo Bispo (2023), opondo-se ao sentido de confluência temos a refluência, como prática que repele a união de forças coletivas.

sujeitos, que passam a perceberem-se como empresas de si. Se um sujeito é uma empresa de si, logo os demais sujeitos são vistos como concorrentes, porque também são empresas de si.

[...] à governamentalidade neoliberal como maneira específica de conduzir a conduta dos outros, devemos opor, portanto, uma dupla recusa não menos específica: a recusa de se conduzir em relação a si mesmo como uma empresa de si e a recusa de se conduzir aos outros de acordo com a norma da concorrência. Nisso, essa dupla recusa não está ligada a uma “desobediência passiva”. Porque, se é verdade que a relação consigo da empresa de si determina imediata e diretamente certo tipo de relação com os outros (a concorrência generalizada), inversamente a recusa de funcionar como uma empresa de si, que é distanciamento de si mesmo e recusa do total autoengajamento na corrida ao bom desempenho, na prática só podem valer se forem estabelecidas, com relação aos outros, relações de cooperação, compartilhamento e comunhão (Dardot; Laval, 2016, p. 401).

Confluindo com o pensamento de Dardot e Laval, trago a ideia de fissura como um rasgo nesse denso tecido social operado por forças e saberes coletivos que se encontram para contrapor essa lógica, podendo fazer escoar e vaziar potência de vida a partir da diferenciação e a partir de uma construção ética e política comum. Operar essas fissuras, no entanto, não é fácil, pois as tramas do tecido social apresentam-se cada vez mais densas e amarradas, sustentadas por dispositivos que visam sustentar o sistema capitalista através da produção de efeitos subjetivos de economia neoliberal que se prestam ao que se quer nessa lógica:

- Individualismo a despeito da coletividade - o discurso meritocrático também corrobora com esse movimento, estimulando a competitividade. Mas, para além, também podemos citar o avanço do uso das tecnologias que têm tomado grande parte do investimento do tempo, bem como a retirada de espaços destinados a reuniões e formação de coletivos dentro das escolas;

- Capital a despeito da vida - podemos aqui pensar em todo discurso meritocrático que tem circulado não apenas nas redes sociais, mas em grandes estratégias de marketing e programas de empreendedorismo que são “desenvolvidos” em parceria com rede pública e privada dentro das escolas. Cria-se uma lógica de produtividade e um ritmo de trabalho extenuante.

Segundo Foucault (2009), os poderes vão se atualizando e a escola, como instituição, está sujeita a eles. Podemos pensar, com o autor, que a escola atua como uma constante atualização através da interface dos poderes soberano, disciplinar e biopoder. Podemos ilustrar esses jogos de poder atuando a partir da seleção de conteúdos que compõem o currículo escolar; dos processos de inclusão; da localização das escolas públicas e sua própria infraestrutura; do crescente tensionamento para a militarização das escolas; do crescente encaminhamento e busca por diagnósticos na área escolar; nos processos judiciais que delimitam e tentam orientar práticas pedagógicas; da organização e gestão do tempo e da grade curricular que retiram espaços de pensamento e formação de coletivos; das inúmeras inovações que vêm adentrando as escolas e que são gestadas e pensadas não por educadores, e sim por grupos empresariais ligados ao empreendedorismo; entre outras estratégias que poderiam ser aqui citadas.

Através dos conceitos de biopoder e de dispositivo da sexualidade, Foucault (2011) discorre sobre as estratégias desse dispositivo no controle dos corpos, dando visibilidade aos mecanismos de normalização e medicalização da vida que engendram redes discursivas que legislam sobre os corpos e suas (im)possibilidades de atuação, efetivando o saber médico como controle de formas de ser e estar dentro da sociedade. Assim, instaura-se uma preocupação com a saúde, os corpos, a vida, garantindo um controle sobre a sexualidade ao constituir identidades na forma de subjetividades.

São esses fenômenos que se começa a levar em conta no final do século XVIII e que trazem a introdução de uma medicina que vai ter, agora, a função maior da higiene pública, com organismos de coordenação dos tratamentos médicos, de centralização da informação, de normalização do saber, e que adquire também o aspecto de campanha de aprendizado da higiene e de medicalização da população (Foucault, 2008, p. 291).

A escola, disputada e também “invadida” por esse dispositivo, precisa estar atenta para compor espaços de resistência a essa ótica normalizadora e medicalizadora da vida. O que tenho visto, como orientadora educacional, é o crescente número da busca por diagnósticos e pelo saber médico para conduzir as práticas pedagógicas, tal como problematizam Collares e Moyses (2020). O discurso

médico, investido de um lugar de saber-poder, garante a homogeneização através de uma prática normalizadora e de uma visão medicalizadora, não abrindo espaço para as diferenças e para a formação de coletivos, pelo contrário, tentando eliminá-las através do grande número de diagnósticos e medicação para aqueles sujeitos que fogem à norma. Dessa forma, segundo Collares e Moyses (idem, p. 32) “a violência tem assumido algumas máscaras naturalizadas, disfarçando-se para se invisibilizar”, como os laudos médicos e psicológicos, que sustentam e realizam uma patologização da vida.

Ao dissertarem sobre o conceito foucaultiano de biopolítica, Alves e Azevedo (2021, p. 8) apontam para suas estratégias de distribuição de vidas conforme um domínio de valor e utilidade, “ou seja, a vida passa a ser regulamentada pelo Estado a fim de garantir o sistema econômico”. Para o sistema capitalista e economia neoliberal, portanto, as vidas são “medidas” por sua utilidade ao sistema, que se traduz pela produtividade e rentabilidade. Para fazer valer essas estratégias, fundamenta-se em redes discursivas que constituem jogos de verdade, construindo sistemas de saber e relações de poder, “[...] todos esses discursos se pautaram em saberes exteriores da sociologia, psicologia, psiquiatria ou medicina para se legitimarem enquanto discursos de verdade, esquecendo-se da provisoriedade dessa” (Alves; Azevedo, 2021, p. 8). Dessa forma, os autores elucidam sobre o nascimento dos discursos persuasivos dos governantes que visam

[...] influenciar os sujeitos para acatar os objetivos do governo, seja na área econômica, financeira, ou em diversos outros assuntos. Isto promove um potencial produtivo de técnicas de persuasão, de formação de consciência e de indução de vontades. Assim, são utilizadas táticas e estratégias para se governar a vontade dos outros. Produz-se verdades, através dos discursos, e com isso, estas verdades influem na subjetividade do sujeito [...] (Alves; Azevedo, 2021, p. 12).

Na presente tese, utilizaremos o conceito de processos de subjetivação para referir essas técnicas de “persuasão, de formação de consciência e indução de vontade”, traçando pistas de processos de subjetivação inventivos e que escapem a essas estratégias de poder. Apostando, como possibilidades de provocar essas fissuras que permitam o escape, a poesia slam. Ainda assim, ao propor a resistência

com movimentos de contracultura que escapam à totalização, entende-se que a escola vem servindo a esses objetivos quando reforça discursos hegemônicos, através de seus conteúdos, metodologias e práticas que colocam saberes, culturas, modos aprender, ser e existir às margens, excluindo e segregando.

Ao discorrer sobre o poder soberano e o biopoder, entrando na biopolítica ao falar da população e dos fenômenos de massa, Foucault (2008) elucida os engendramentos que regulamentam a população, bem como dá visibilidade a como foi sendo instituído, desde o dispositivo de aliança e o poder soberano, aqueles que são deixados à morte para que se faça viver outros. Dessa forma, é preciso homogeneizar e, ao mesmo tempo, segregar, ou seja, é preciso que se mantenha o princípio de uma “relação guerreira”: quanto mais você matar, mais viverá. Esse princípio escancara o racismo de Estado, onde é preciso desumanizar o outro, tratá-lo como espécie ameaçadora que precisa ser eliminada. Evidentemente, esse outro, desumanizado, será aquele que não domina, será aquele que está às margens, marginalizado. Segundo Foucault (2008, p. 306)

A raça, o racismo, é a condição de aceitabilidade de tirar a vida numa sociedade de normalização. Quando vocês têm uma sociedade de normalização, quando vocês têm um poder que e, ao menos em toda a sua superfície e em primeira instância, em primeira linha, um biopoder, pois bem, o racismo é indispensável como condição para poder tirar a vida de alguém, para poder tirar a vida dos outros. A função assassina do Estado só pode ser assegurada, desde que o Estado funcione no modo do biopoder, pelo racismo.

Mbembe (2018, p. 36) em seu estudo sobre necropolítica, destaca a política como uma forma de guerra, alertando para a emergência de questionamentos tais como: “que lugar é dado à vida, à morte e ao corpo humano (em especial o corpo ferido ou massacrado)? Como eles estão inscritos na ordem do poder?”. Ao longo de suas escritas, o autor convoca a importantes reflexões sobre a política de colonização que vivenciamos na contemporaneidade e o impacto das mesmas sobre os corpos e vidas daqueles que, a partir de estratégias de divisão da sociedade em grupos e subgrupos, para além das classes sociais, são colocados às margens, excluídos e desumanizados. Nesse sentido, mais adiante trarei na escrita algumas reflexões sobre (in)existências.

Figura 10 - PAULINO, Rosana. Atlântico Vermelho, 2016. Impressão sobre tecido²¹



Poema do Povo Oprimido²²

A carne mais barata é a carne negra
 Eu não preciso te provar
 nem tampouco te justificar
 é só olhar a manchete do jornal,
 está explícito lá

Duda, Eduardo, os cinco meninos mortos em Costa Barros
 mostra a triste realidade dos fatos que nos acompanham
 desde a época em que nosso povo foi escravizado
 somos humilhados, marginalizados, exterminados
 nossos direitos diariamente são violados
 é louco quem não se importo com o choro de uma mãe
 enterrando seu segundo filho
 eu falo da guerra e da falsa paz
 pois meu poema é universal
 é o pobre que sofre, é o pobre que geme
 é o poema do povo oprimido
 dessa minha raça que sangra, que chora
 é o poema da multidão

MC Martina (transcrição própria, 2018)

²¹ Fonte: Galeria Superfície. Disponível em: <https://galeriasuperficie.com.br/exposicoes/rosana-paulino-atlantico-vermelho/>. Acesso em: 20 set. 2025.

²² Figura 11- Composição com obra de PAULINO, Rosana. Atlântico Vermelho, 2016. Elaborada pela pesquisadora. 2025.

3.2 Um fio resistente composto de corpos-vozes- a poesia slam

Os movimentos de rua, escritas poéticas, coletivos, atos educativos, fazem-se presentes em nossa história, compondo as memórias que sustentam e constituem nossas humanidades. Quando essas nuances encontram-se, formando pontos de intersecção, revelam a possibilidade de um fazer de cuidado com a vida, modificando leituras/compreensões de mundo e fazendo pulsar questionamentos, incômodos, busca por (trans)formação.

Nesse sentido, como reflexo dessas nuances, trago o movimento poético de slam, frequentado majoritariamente por jovens de periferia (Barbosa, 2020). Esse movimento poético é praticado através de coletivos autogeridos e auto-organizados, transformando espaços públicos em rodas de poesia. Alguns desses coletivos desenvolvem projetos de intervenção poética junto às escolas, ensejando levar “respiros de vida” para outros jovens, uma vez que relatam não ter tido esses espaços em suas vivências escolares. Faz-se importante destacar que, alguns desses jovens, têm histórico de evasão escolar. Jovens criativos, que mobilizam escritas potentes, mas que não encontraram acolhida para seu (conhe)SER. É preciso repensar o sentido amplo da palavra inclusão. Assim, o slam tem representado o espaço onde esses jovens produzem conhecimentos, lembram e (re)significam histórias, constituem subjetividades, constroem coletividade. Espaço que deveria existir também nas escolas.

Ainda sob o ponto de vista da Educação, é pertinente ressaltar as iniciativas de inserção do Slam em algumas escolas (em sua grande maioria públicas) de Porto Alegre e Região Metropolitana. Os poetas, individualmente ou em coletivos, são convidados a participar para dar oficinas de criação, palestras sobre o movimento Slam e fazer suas performances – o que denota um interesse de algumas instituições escolares por essas produções. Ao mesmo tempo, se percebe em muitas das narrativas poéticas examinadas, temas como a valorização da escola, dos livros e da educação como um todo. Apesar de o aspecto da escolarização do Slam não ter sido abordado nesta tese, em função de limitações de tempo, da extensão do trabalho e de escolhas e abordagens que precisaram ser feitas a partir dos dados, se mostra evidente como questões da educação permeiam e se articulam ao Slam (Barbosa, 2020, p.21).

Para compreender melhor sobre alguns processos do slam, é fundamental discorrer sobre suas origens e seus percursos. Nesse sentido, recorrerei a alguns materiais de domínio público, como notícias, documentários e pesquisas; bem como a relatos informais de integrantes de alguns coletivos com os quais tive a oportunidade de dialogar.

O nome do movimento poético slam é originado a partir de uma onomatopéia que remete ao som de uma batida, algo semelhante ao “pá”, na língua portuguesa. A proposta, com o cunho de tal denominação, foi representar uma das principais características do movimento, o impacto que visa causar no público que assiste através do ritmo. O movimento teve sua origem em Chicago, nos Estados Unidos, em 1986, com Marc Kelly Smith, operário da construção civil e poeta, porém, só chegou ao Brasil em 2008, com a poetisa Roberta Estrela D’Alva.

A ideia da *poetry slam* era ser um movimento democrático que “abrisse” as portas para todos aqueles que quisessem participar, oportunizando, a partir de suas regras, que qualquer pessoa no público pudesse julgar as poesias ou então declamar.

Smith diz que chegou no formato do slam gradualmente, tentando transformar os eventos de leitura de poesia organizados por ele e seus amigos em bares de um bairro operário de Chicago em uma espécie de show que atraísse aqueles que não se viam acolhidos pelo ambiente das leituras de poesia tradicionais (Freitas, 2020, p. 2).

Iniciada como um movimento de poesia menor²³, a *poetry slam* foi difundindo-se e espalhando-se pelo mundo, associando-se à cultura *hip-hop*. Assim, em sua origem, o slam carrega marcas de resistência ao surgir como subversão à poesia erudita, criando espaços populares de circulação da palavra onde todos podem participar e são capazes de falar e avaliar.

Cada local tem suas regras específicas, mas, no geral, as batalhas poéticas, como são conhecidos os eventos do slam, funcionam com performances autorais que tenham no máximo 3 minutos de duração e onde não se pode usar adereços e

²³ Utilizaremos o conceito deleuziano de menor para a poesia do slam porque, apesar do movimento não originar-se a partir desse conceito, ele surge como movimento poético que produz efeitos de contrapoder e contracultura, convidando ao exercício da micropolítica e, portanto, confluindo com conceito de menor, para Deleuze (1997).

nem música, apenas corpo e voz. Normalmente são escolhidas pessoas do próprio público como jurados que irão atribuir notas às performances dos poetas. Os poetas podem se inscrever para competir, nesse caso devem ter preparadas 3 poesias autorais; ou para verso livre, onde vai performar sua poesia, mas não participa da competição.

Após sua chegada ao Brasil, através do coletivo ZAP (zona autônoma da palavra) fundado por Roberta Estrela D'Alva, o slam foi difundindo-se e ganhando força. Por ser um movimento fluído, é difícil ter certeza de quantos coletivos existem no Brasil, mas, em 2018, segundo D'Alva, haviam 18 estados sendo representados no SlamBr²⁴. O SlamBr é o maior campeonato de poesia falada de nosso país, sendo que o vencedor ou vencedora desse campeonato, garante uma vaga no Campeonato Mundial de Slam.

O movimento poético de slam levou quase 10 anos para chegar ao Rio Grande do Sul, tendo iniciado apenas entre 2016 e 2017. Em 2016, o coletivo Slam das Minas RS, que se inspirou no coletivo Slam das Minas SP, composto por mulheres, encontrou no slam uma forma de promover a participação de poetas que escreviam poesias, mas não queriam fazer *freestyle*²⁵, como acontecia nos encontros mensais que faziam de rap. Em 2017, surgiu o Slam Peleia que, diferentemente do Slam das Minas RS, buscou Roberta Estrela D'Alva para orientações sobre a modalidade poética. Existe, segundo Barbosa (2020), uma espécie de disputa por legitimidade quanto ao reconhecimento do primeiro coletivo de slam do Rio Grande do Sul, onde entram em jogo não apenas a questão cronológica, mas também a questão de legitimidade do movimento quanto às regras e normas.

Em nosso Estado, os slams costumam acontecer em locais públicos, abertos a quem quiser participar e, quando ocorrem em lugares fechados, como bares, costumam ter entrada gratuita, facilitando o acesso de todos e todas. Durante as apresentações dos poetas, o público reage com expressões como “uow” ou “*tchum-tcha/tcha-tchum/tchum-tcha*”, tornando uma experiência de troca e presença,

²⁴ A final da edição do SlamBr 2023 está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t4DQOMkhQjg>. Acesso em: 20 maio 2024.

²⁵ O *freestyle* é uma prática onde o poeta improvisa suas performances.

sendo as performances completamente interativas. Segundo a fundadora do primeiro coletivo de slam, no Brasil,

[...] a “aura” (Benjamin, 1985) do slam, o momento presente em que o encontro se dá, não é possível de reprodução, e muito embora existam registros dos campeonatos e até mesmo livros de antologias com os poemas que são recitados, nada substitui a presença física, o encontro, o diálogo entre as diferenças, ponto central desse tipo de manifestação (D’Alva, 2011, p. 121).

Segundo reportagem de Carvalho (2024) divulgada em março no portal do governo do Estado do Rio Grande do Sul, o Rio Grande do Sul é o terceiro Estado com maior número de slams no país, tendo mais de 30 coletivos que praticam essa modalidade. Na mesma notícia, também é destacada uma das marcas do slam em nossa região: os temas recorrentes que se relacionam às principais lutas de movimentos sociais, como racismo, homofobia, feminismo, desigualdade social, entre outros, conforme também Barbosa (2020) pontua em sua pesquisa. No município de Porto Alegre, além dos coletivos já citados, existem coletivos que já são bastante conhecidos, como Slam RS²⁶, Slam Chamego²⁷, Poetas Vivos²⁸, entre outros. Dentre esses coletivos, alguns inspiraram-se na iniciativa Slam Interescolar²⁹, também iniciado em São Paulo, e tem realizado trabalhos dentro de escolas municipais de Porto Alegre, como o coletivo Poetas Vivos e o Slam da Tinga.

Segundo D’Alva (2020), o slam

É um espaço para que o sagrado direito à liberdade de expressão, o livre pensamento e o diálogo entre as diferenças sejam exercitados. Um espaço autônomo onde é celebrada a palavra, a fala, e, ainda mais fundamental num mundo como o que vivemos – a escuta.

Justamente por essa força e potência, em dezembro de 2023, foi sancionada a lei Nº 13.782 que tomba o slam como patrimônio cultural do município de Porto Alegre. A sanção dessa lei, de autoria da vereadora e slammer Atena Roveda, representa uma importante conquista para a luta dos poetas e integrantes

²⁶ Para conhecer mais o coletivo: <https://www.instagram.com/slamrs/>. Acesso em: 20 abr. 2024.

²⁷ Para conhecer mais o coletivo: <https://www.instagram.com/slamchamego/>. Acesso em: 20 abr. 2024.

²⁸ Para conhecer mais o coletivo: <https://www.instagram.com/poetasvivxs/>. Acesso em: 20 abr. 2024.

²⁹ O Slam Interescolar no Brasil foi idealizado por Emerson Alcalde em São Paulo, após sua viagem para a França. Lá, conheceu o slam interescolar parisiense. No ano seguinte, em 2015, iniciou a ideia no Brasil e, atualmente, o Slam Interescolar é um movimento que vem ganhando grande visibilidade e vem ocorrendo em diversas regiões do país.

do movimento, reconhecendo sua contribuição para a cultura do município.

Roberta Estrela D’Alva, em entrevista à jornalista Mônica Bergamo em janeiro de 2020 para o jornal Folha de São Paulo, reitera:

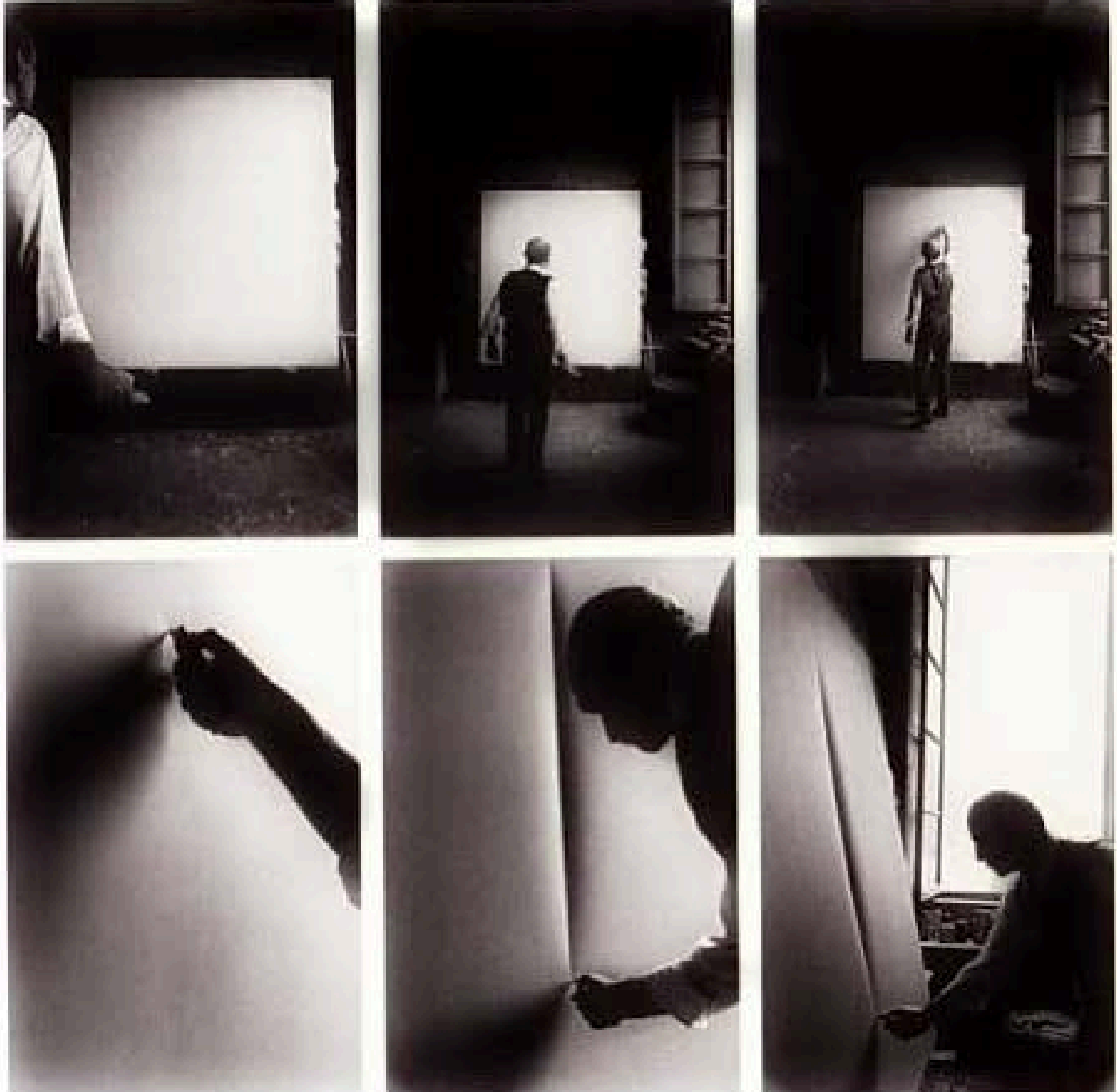
E o que o slam reivindica? É criar encontros das pessoas, dos corpos, das ideias, do embate. É um jeito novo de debater política. O slam é uma estratégia pra um período em que a escola militar é prioridade. A poesia sempre foi o antídoto pro veneno da opressão. Porque ela é essa máquina do tempo, às vezes lendo um verso você consegue se transmutar. Ela tem esse poder. E é por isso que ela é esmagada, censurada (D’Alva, 2020).

Apesar de ser um movimento que sugere ter grande potencial de pesquisa no tecer da trama “arte-saúde-educação” e de ter sido reconhecido como patrimônio cultural do município de Porto Alegre, ainda enfrenta, além da falta de incentivo em termos de políticas públicas, pouca visibilidade (Barbosa, 2020). Diante de todas essas questões, acredito ser de fundamental importância a continuidade e ampliação de pesquisas que busquem cartografar como esse movimento configura-se como espaço de afirmação de vida e de que modo as intervenções poéticas realizadas dentro das escolas podem contribuir para a reorganização desse espaço numa perspectiva de atualização e responsabilização. Se esses poetas, que em sua maioria são jovens em processo de formação profissional, estão preocupados em atuar no espaço da escola, compreendendo a importância de sua arte na tentativa de transformar essa realidade, porque nós professores, que assumimos um compromisso ético-político-estético não apenas com o conhecimento, mas com a formação e a vida, não estaríamos?

O Slam Interescolar é muito forte nos Estados Unidos. O ensino da poesia na sala de aula estadunidense reverteu o quadro em que alunos só estudavam autores brancos e elitistas, autores que traziam uma única visão de mundo. Com o slam, a poesia trouxe diversidade étnica, racial e religiosa para a sala de aula, contribuindo diretamente para a democratização e pluralização do ensino nos Estados Unidos. Em Quebec, no Canadá, também existe uma prática constante de slams nas escolas, assim como na Austrália, Bélgica e Burundi. E, como já dissemos anteriormente aqui, na Alemanha o slam é até uma profissão, uma vez que os slammers são contratados para fazer a calibragem nos slams escolares (Coletivo da Guilhermina, 2021, p. 247).

4. Sobre fissuras, atos que as produzem

Figura 12 - Imagem de Lucio Fontana apunhalando e rasgando uma tela.



Fonte³⁰: Revista Usina (2014)

“Um ato de ruptura, além dos limites impostos pelo hábito, pelos costumes e pela tradição [...]”

Lucio Fontana

³⁰ Disponível em: <https://revistausina.com/2014/06/15/lucio-fontana-e-o-concetto-spaziale/>. Acesso em: 20 maio 2024.

Como produzir fissuras? Lucio Fontana, em suas telas, produz fissuras como atos de ruptura, indo além dos costumes e tradições. Ao colocar tal proposta em diálogo com o referencial teórico que aqui se propõe, podemos pensar nessas fissuras como atos disruptivos que rompem com regimes de verdade, criando rotas de fuga (Gallo, 2002). Esses atos, acontecem na e a partir da experiência, abrindo espaços para o vazio e convocando modos inventivos de composição.

Em nossa sociedade contemporânea maior³¹, onde o tempo é direcionado para a produtividade e as vidas são “medidas” pela utilidade, pouco se possibilita a experiência (Krenak, 2020). Santos (2023) narra de forma poética a força da experiência para a construção das epistemologias da comunidade quilombola onde viveu. Em alguns sistemas de pensamento, que diferem da lógica totalizante de nossa sociedade maior, esse tempo do fazer e do viver é indispensável para a construção do saber. Para além, é a partir da experiência e daquilo que se constrói com ela, que vão formando-se as redes de afeto e conexões entre os seres que comunam um território e se percebem como pertencentes ao mesmo. Em uma lógica antagônica à vivida e experienciada por algumas sociedades menores³², em nossas práticas circula um regime de verdades totalizantes, que tentam explicar tudo que se experiencia, não abrindo espaço para o vazio e para a inventividade. Essas verdades totalizantes, ora encarnadas pela altitude divina, ora pela profundidade humana, recobrem o tempo toda a possibilidade do vazio e da criação de novos sentidos (Oliveira, 2003). Essas essências, ao não permitirem o vazio e a busca de novos sentidos, acabam por prevenir a ferida, evitando a fissura.

A experiência, segundo Deleuze (1988), vai justamente ocorrer a partir da produção do sentido e do não-sentido que, de forma rizomática, conecta-se na multiplicidade. Essa multiplicidade de que nos fala o autor, emerge como potência de denegação do Um do Estado, ou seja, tudo que ele unifica e homogeneiza. Para isso, fazem-se necessárias as linhas de fuga que abrem possibilidades de saída de

³¹ Aqui utilizaremos o conceito de maior em contraponto ao conceito de Deleuze e Guattari (1997) de menor, compreendendo que, quando falamos em sociedade contemporânea é necessário considerar que existem diferentes culturas, sujeitos e sistemas de pensamento (Rolnik, 2021; Krenak, 2022; Santos, 2023). Portanto, ao falar em sociedade maior, referimos a sociedade capitalista neoliberal com seus regimes de verdade totalizante e discursos hegemônicos.

³² O conceito menor de Deleuze e Guattari (1997) será utilizado para pontuar o que consegue escapar à totalização, trazendo a diferenciação.

uma lógica de representação e de essências universais. Essas linhas de fuga operam na transversalidade, como efeito da dobra entre as linhas de saber e poder que correspondem à hierarquização e estratificação da sociedade. Ao propor uma linha transversal, Deleuze propõe romper com o pensamento bi-direcional e avançar para uma percepção que vai além, que se produz num encontro outro, onde se conecta aquilo que não se dá em direções únicas, os devires minoritários. Ao transversalizar - **apunhalar, rasgar, fissurar** - abrem-se dimensões que podem trazer outras montagens de mundo, a partir dos devires minoritários, produzindo novos arranjos de realidade.

Deleuze e Guattari (1997), discorrem sobre as possibilidades de produção de arranjos de realidade na transversalidade através da literatura, fazendo um denso e incansável diálogo com autores e obras, como Kafka. Ao analisar a escrita de Kafka, os autores abordam o conceito de literatura menor, aqui tão caro, por traduzir o pensamento da diferença, onde a enunciação é sempre “histórica, política e produtora de novos enunciados” (Oliveira, 2003, p.4).

(...) uma literatura menor ou revolucionária começa por enunciar e só vê e só concebe depois (A palavra, eu não a vejo, e a invento", Kafka). A expressão deve despedaçar as formas, marcar as rupturas e as ramificações novas. Estando despedaçada uma forma, reconstruir o conteúdo que estará necessariamente em ruptura com a ordem das coisas (Deleuze; Guattari, 1997, p. 43-44).

As rupturas - fissuras - possibilitam a produção de novos sentidos a partir das multiplicidades e dos enunciados: é preciso despedaçar as formas, subverter os sentidos, para, então, criar. As práticas que nos constituem enquanto sujeitos, considerando a sociedade maior, apresentam formas de exclusão, segregação, apagamento das diferenças e aniquilamento de formas de existir. Portanto, produzir novos sentidos, novas possibilidades é fundamental quando se objetiva criar espaços heterogêneos. Deleuze e Guattari (idem), ressaltam que a produção do sentido, tal como o rizoma, se dá na multiplicidade e não traduz um fim, mas sim um caminho, ou seja, o sentido é inacabado, um processo de devir. Na poesia slam, ao colocar em ato discursos e escritas que “despedaçam formas”, pensamentos e práticas, os poetas abrem rupturas para reconstruir “conteúdos” que estão “em ruptura com a ordem das coisas”. Ao poemar sua vida, o poeta ...

Aceita a vida como processo de demolição e aproveita-a como motivo de intensificação e afirmação, associando-a a um não sentido, a essa fissura, que outra coisa não é, senão uma máquina de produção de sentido, onde se esquia do igual, do limite, do Mesmo (Oliveira, 2003, p. 7).

É a fissura, portanto, que produz sentido e motiva a afirmação da vida - “máquina de produção de sentido” - configurando-se como uma potência de fora do pensamento, pois convoca o pensar e a criação. Isso é vida, produzida a partir da produção de sentidos como efeitos da fissura. “Pensar o de - fora como categoria imanente - fissura, desmoronamento, não-sentido, casa vazia - é portanto uma questão vital de crença no mundo. É aceitar os devires” (Oliveira, 2003, p. 8). É aceitar a peneira vazia, os despropósitos. Compreender que é pelo vazio que possibilidades infinitas se apresentam.

A fissura, portanto, convoca ao movimento, ao devir. É preciso o exercício constante de afastamento, aproximação, reafastamento, reaproximação. Quando se retorna, há algo novo, mudado, o que ali estava antes, já não mais está - Criação. É pela fissura que vazam novas possibilidades: devir-mundo, devir-poeta, devir-professor, devir-aluno; através de deslocamentos, dos deslimites.

GRITO COSTURADO

*Desde cedo eu senti que algo não
batia,
Espelho mentia, meu corpo não me
entendia.
Sociedade apontando, querendo me
calar,
Mas cada cicatriz virou motivo pra
rimar.*

(M. [13 anos], 2025, 2025, Slam entre Escolas- poesia falada)

Na poesia, M. fala de suas vivências como menino transgênero e do quanto sente-se sem voz, com o “grito costurado”. No cotidiano da escola, M. constantemente vai até o Serviço de Orientação Educacional conversar sobre suas relações e sobre as situações vividas na escola. M. tem vivenciado grandes desafios: constantemente, está envolvido em conflitos que se desdobram em prejuízos ao rendimento escolar. Cabe aqui destacar que, quando trago “prejuízos ao rendimento escolar”, estou trazendo dentro da perspectiva formal da escolarização com sua organização curricular de conteúdos a serem desenvolvidos dentro de uma lógica de realidade que se pretende construir, ou seja, dos axiomas capitalistas.

Enquanto orientadora educacional, acompanhei seu processo de transição, escutando suas angústias, medos e dificuldade em falar sobre si. Ao escutar M. declamar seu poema, diante de colegas e professores, abrem-se novas possibilidades de com ele compor aquele espaço de escola. Ele, agora, falando sobre suas dores, reivindicando sua voz e seu espaço. Colegas e professores, ouvindo e interagindo com M., apoiando cada palavra e, ao final, parabenizando-o. Ali, com aquele ato, M. apunhalou e rasgou práticas que o silenciavam, deixavam-o sem voz, com o “grito costurado”. M. rasgou e apunhalou um espaço, abriu fissura e por ela deixou vislumbrar sua potência, sua voz. M. desterritorializou a escola, sua escola, reterritorializando-a com seus saberes, saberes de um menino transgênero. Enunciou suas necessidades, carregando consigo, em sua fala, modos de existência que, assim como M., não se sentem pertencentes. Professores que participavam da roda de poesia olhavam e escutavam M. com admiração. Um dos professores, homem gay, balançava a cabeça a cada palavra que M. pronunciava, apoiando. Nesse momento, a poesia formava novos elos, conectava-se na diferenciação, provocava devir.

No instante em que pronunciou suas poesias, M. operou novas montagens de mundo, pois daquele encontro, não foi possível sair como se entrou. As fissuras ali abertas, deixaram vislumbrar formas outras de ser e estar na escola. As fissuras ali abertas, deixaram vida escoar. As fissuras ali abertas, deixaram fios de vida formarem pontes. É a linha transversal, de fuga, que escapa aos modos de ser e viver instituídos. Naquele instante, a poesia slam operou como dispositivo, pois,

além de apresentar-se como enunciado, visibilidade, correlação de poderes, apresentou a linha da subjetividade (Pellejero, 2010).

Kastrup e Passos (2013) salientam que atuar no plano de ação implica compreender as singularidades e as forças que atuam nesse plano para entender que, ao acessá-lo e ao dá-lo a conhecer, já está criando-se outras representações de realidade. Como efeitos dessas representações outras de realidade, alguns meses após as oficinas do **Slam Entre Escolas**³³, M. procurou o Serviço de Orientação Educacional para trazer uma pauta que considerava urgente ser pensada: o acesso aos banheiros da escola. Até então, os banheiros destinados aos estudantes são divididos em banheiros femininos, masculinos e acessíveis (para estudantes públicos da educação especial). M. narra que até sua transição, utilizava o banheiro feminino mas que, após, não se sente à vontade utilizando esse banheiro. M. manifesta o desejo de acessar o banheiro masculino, mas também não se sente “autorizado” e à vontade para tal, por medo das ações de outros estudantes. M. relata que acaba não usando o banheiro durante o turno escolar, que faz isso há anos, mas que não tinha tido a “coragem de falar” (palavras de M.). Ao “descosturar” seu grito, M. traz para a escola um grito que clama por um olhar implosivo e que possa avançar nas políticas de afirmação de vida.

A partir das fissuras produzidas por M. e procurando traçar outras pistas para compor o mapa dessa escrita, alguns questionamentos são produzidos como efeito: podemos entender a utilização de uma linguagem coloquial na produção escrita, dentro de uma escola, como ato que produz fissura? Podemos compreender o trabalho com epistemologias produzidas por aqueles que estão às margens, e, portanto, trazem saberes que não estão contemplados no currículo formal, dentro de uma escola, como ato que produz fissura? Podemos compreender estudantes que são “narrados” como “não aprendentes” produzirem textos e narrativas a partir da poesia, dentro de uma escola, como ato que produz fissura? Podemos compreender meninas falando sobre opressões e lutando por espaços de fala, dentro de uma escola, como ato que produz fissura? Podemos pensar em estudantes questionando

³³ O Slam entre Escolas é um projeto inspirado no Slam Interescolar e que ocorreu este ano pela primeira vez no Rio Grande do Sul, por meio de verba parlamentar. O projeto acontece através de oficinas de poesia slam para as escolas participantes e organização de batalhas de poesia slam no espaço escolar e uma final fora da escola. Tal projeto será apresentado a seguir, na página 119.

práticas racistas e exigindo reparação, dentro de uma escola, como ato que produz fissura?

As questões apresentadas são apenas parte de pistas que foram sendo cartografadas durante o percurso de pesquisa e que serão colocadas em diálogo para que possamos pensar sobre o que compreendemos como fissuras, sobre quais atos têm o potencial de instaurá-las e sobre quais efeitos de realidade se produzem a partir dessas. Essa seção tem como objetivo, portanto, mapear essas pistas a partir dos atos que instauram fissuras: **apunhalar** e **rasgar**.

4.1 Apunhalar

Apunhalar, ato primeiro para produzir uma fissura. Essa composição-escrita-tese é efeito de uma punhalada, colocada simbolicamente em ato, pela poesia slam. Assim, é preciso falar dos efeitos de fissura que se produziram a partir desse gesto em ato: fui fissurada, fiquei fissurada, desejo **fissurar**.

34



*Fissura, palavra de múltiplos sentidos,
ao mesmo tempo que dói, sangra, dilacera,
corta a carne, expõe as vísceras...*

*Provoca paixão, apego,
convoca olhar e pensamento constante,
produz AFETO...*

*Fura o tecido, abre fissuras,
produz novas composições, recompõe.*

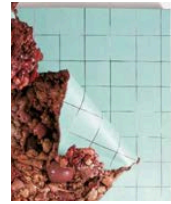
*Sou afetada corporalmente e
subjetivamente por minhas fissuras
afeto elas, por elas, através delas.*

No dicionário, não é incomum encontrar



³⁴ Figura 13- Composição com obra de VAREJÃO, Adriana. Azulejaria em Carne Viva, 2000. Óleo sobre tela e poliuretano em suporte de alumínio e madeira. Elaborada pela pesquisadora. 2025.

*tal palavra
associada à loucura,
mas, de que loucura estamos falando?
Que conceito para loucura estamos criando?*



Tal definição coincidentemente lembrou-me de um poema de Mário Quintana: “A diferença entre um poeta e um louco é que o poeta sabe que é louco... Porque a poesia é uma loucura lúcida”.



*Mobilizo meus afetos nessa fissura,
minhas paixões vêm socorrer-me
dão suporte e bordas a esses vazios.
Revejo modos de (r)existência
Componho novos tecidos.*

Volto a pensar na loucura da fissura...

*Sou fissurada por aquilo que
rasga minha carne,
cria buracos,
deixa vazios...*



Quanto devaneio, alguns poderiam dizer, mas pensar minha “eu-investigadora” convoca minha “eu lírica”, não é possível descolá-las, pois...



*ao falar das fissuras que
me convocam ao pesquisar
minha eu lírica é acionada
a me resgatar.*

*Dessa forma, em minha escrita
ela sempre vem se derramar,
peço licença,
uma licença poética,
porque em minha escrita,
é a poesia
quem vai brilhar.*



*Não é fácil
esse movimento fazer,
pois durante todo meu percurso acadêmico,
normas, padrões, metodologias...
minha escrita vieram enrijecer.*

*Mas, poesia é (r)existência, (r)evolução,
e com ela,
pouco a pouco,
pouco a pouco,
vou olhando minhas fissuras e
procurando a desconstrução
procurando a **DESCONSTRUÇÃO**,
CONSTRUÇÃO,
EXPERIENCIAÇÃO
AÇÃO.*



Essas ações - experiencição, construção, desconstrução - que provocam a produção de si, encontraram espaço por onde vazar em 2019, pois, antes das fissuras produzidas pela poesia slam, encontravam-se inacessíveis e recobertas por tantas outras camadas. Ao chegar ao meu objeto de pesquisa e recompor o trajeto que levou até ele, encontro pistas que mostram que já haviam rotas que levavam a esse caminho, porém suas existências não eram conhecidas. Ao torná-las conhecidas, produziu-se a realidade de suas existências (Kastrup; Passos, 2013) e surgiu essa cartografia. Nessa seção apresentarei as apunhaladas efetivadas no caminho percorrido até essa escrita e que produziram novas realidades em meu professorar.

³⁵ Figura 14- VAREJÃO, Adriana. Azulejaria em Carne Viva, 2000. Óleo sobre tela e poliuretano em suporte de alumínio e madeira. Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/94311-azulejaria-verde-em-carne-viva>. Acesso em: 18 ag. 2025.

4.1.1 Apunhalada ... a percepção das confluências

Enquanto estava na faculdade de pedagogia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, participei de um grupo de pesquisa cujo foco de estudos eram as escritas de Walter Benjamin, utilizando como referencial teórico a psicanálise Lacaniana. Isso aconteceu no ano de 2008. Na época, desenvolvi um projeto de pesquisa, paralelo a esses estudos, com oficinas de escrita para crianças e jovens em situação de institucionalização, ou seja, que haviam sido retiradas de sua família e viviam em um abrigo residencial localizado em um bairro da zona sul do município de Porto Alegre. O objetivo da pesquisa era:

analisar a relação entre o significante e a letra na constituição de sentido na escrita de sujeitos - crianças e adolescentes -, bem como articular tais produções na sua visibilidade pública e social, cujas consequências produziriam um efeito subjetivador de criação nesses processos singulares de subjetivação (Pereira, 2008, p.1).

Alguns anos passaram-se, percorri percursos por estudos da psicanálise, educação e ingressei como professora em escolas. Quando encontrei a poesia slam, em 2019, 11 anos após essa experiência com oficinas de escrita com crianças e jovens, prontamente fiquei instigada e querendo entender esses efeitos, procurando aproximações com meu plano de ação, a escola. Na época, não entendi bem o motivo de meu interesse, achava tão distante do percurso que havia traçado no mestrado e que vinha experienciando em minha prática de sala de aula.

Agora, quase 20 anos após essa primeira experiência de pesquisa dentro de um espaço acadêmico de Universidade, percebo que a interrogação sobre a escrita como modos de produção de si, bem como a aposta em narrativas como possibilidade de reinvenção de modos de subjetivação, sempre se fizeram presentes, confluíram em minha trajetória. Estiveram presentes inclusive no mestrado, pois, ao reler minha dissertação, um grande ponto de interrogação era sobre como bebês e crianças eram narrados por seus cuidadores e os impactos dessas narrativas em sua constituição subjetiva. O que difere e ganha impulso, no encontro com a poesia slam, é assumir um lugar de produção de **modos de subjetivação de um professorar na confluência**, assumindo um caminho em devir que é ético, estético, político e poético.

Escolhi utilizar a palavra **professorar**, ao invés de educar, para marcar um território tão importante e que vem sendo tão desvalorizado nos regimes de enunciação. Falar a palavra professor imprime um espaço, uma profissão, um saber-fazer específico que envolve estudos, formação e muita dedicação. Parece-me fundamental reivindicar, numa tese que propõe abrir fissuras e a constante reinvenção de modos de pensar, o lugar de saber ao exercício da docência. Sob a máxima de “somos todos educadores”, porque sim, famílias, escola e sociedade como um todo são instituições implicadas na educação, retira-se um saber e um métier que é caro ao exercício da profissão de professor. Os resultados desse movimento de apagamento e destituição de seu saber, reforçados por regimes de enunciação que circulam e que, ganharam grande força e repercussão com o desgoverno que vivemos num passado recente, são os crescentes ataques às escolas e a violência crescente aos professores em seu exercício de docência.

Escolhi, também, utilizar a palavra **professorar** como verbo, para deixar marcado o exercício da docência como não estático. Pelo contrário, o exercício da docência convoca à ação e à transformação e, por isso, precisa ser provocado a estar em constante devir. Dessa forma, professorar pode agregar e convidar a sermos parte de algo maior, de algo que está sendo gestado através do pensamento e da prática daqueles envolvidos, mas que não temos certeza do que será, pois é preciso permitir o fluxo no devir (a certeza da mudança).

4.1.2 Apunhalada... A disputa por uma boneca

Figura 15 - PEREIRA, Karine. Criança brincando. 2019. Fotografia.



Fonte - Acervo pessoal.

*Como que não posso adormecer
Se ainda quero continuar sonhando?
Será que ao anoitecer
O sol ainda vai iluminar meu sonho?*

*Como que não posso anoitecer
Ainda quero iluminar meu sonho?
Será que ao adormecer
O sol vai continuar sonhando?
(DaNova, 2021, 71)*

Ao resgatar as memórias desse tempo, tentando recompor o mapa do encontro entre a poesia slam e meu professorar, retomo uma cena que para mim, na época, foi bastante impactante. Cabe destacar que, apesar da maior parte de minha formação ter ocorrido em escolas e universidade públicas, minha trajetória profissional se dava até então em uma escola privada onde eu trabalhava há quase 10 anos, cujo público era de classe média alta e, até aquele momento, eu não havia tido nenhuma criança negra em minhas turmas.

A cena ocorreu em 2019, no primeiro ano em que ingressei como professora da rede municipal de Porto Alegre. A cena deu-se durante uma brincadeira entre duas meninas, que aqui chamarei de L. e Y., de uma turma de educação infantil, entre 4 e 5 anos, em uma tarde em que eu substituí a professora regente da turma. L. e Y. brincavam juntas até entrarem em um conflito ocasionado pela disputa por uma boneca. A boneca era um bebê, desses bem comuns, que fazem parte do arsenal de brinquedos da maior parte das salas de aula de educação infantil. Ambas meninas puxavam o brinquedo uma da mão da outra.

Ao ver a cena, aproximei-me prontamente para mediar o conflito e pensar junto a elas uma possibilidade de resolução. Perguntei então para as meninas o que estava acontecendo e elas prontamente me responderam, quase em uníssono: “eu quero a boneca”. Ao olhar em volta, percebi que na prateleira haviam outras três bonecas, uma delas, inclusive, do mesmo modelo daquela que elas estavam disputando. Prontamente falei: “meninas, que tal vocês pegarem as outras bonecas? Tem outras disponíveis ali! Por que vocês estão brigando por causa dessa?”. Então, uma delas me respondeu: “é porque essa é a única bonita que nós temos, as outras todas são feias”. A boneca em questão, que estava sendo disputada pelas meninas, era uma boneca branca, com cabelo loiro e olhos azuis. As demais bonecas que estavam nas prateleiras eram bonecas negras, com cabelos pretos e olhos castanhos. Ambas meninas, que disputavam a boneca “bonita”, segundo elas, eram meninas negras.

L. e Y. estavam brigando pela boneca branca. Disseram que as bonecas negras eram feias. Elas são negras. Na próxima semana, vamos trabalhar autorretratos, explorar a diversidade.

L. e Y. fizeram seu autorretrato. Desenharam-se e, após, pintaram suas peles de cor rosa salmão, seus cabelos com o lápis amarelo. Uma pintou os olhos com a cor verde. A outra pintou os olhos com a cor azul. De presente, me desenharam também. Y. veio até mim e entregou o desenho que tinha feito para mim, de mim. Olhei para o desenho e compreendi todo afeto e carinho que ele carregava. No desenho, meus cabelos também estavam pintados de amarelo e meus olhos de azuis” (Trecho retirado de meu caderno de planejamento).

Tal cena, que na época me provocou estranhamento, mas pouca potência de ação, pôde ser ressignificada e bord(ej)ada a partir de novas composições, quando conheci a poesia slam.

AFETO PRETO

*Não tem como falar de afeto, sem falar da dor que nos consiste.
Não é porque você não vê a solidão do povo preto, que ela não existe!*

*Já ouvimos que para ser preto, temos que ser 10, 100x melhor
Para se sentir pertencente, guardar o que sente pra vê se vira gente,
e alguém compreende.*

*Mas négo... não se vende pra esse padrão
que não valida tua existência.*

[...]

*O auto ódio vem da infância, quando dizem
que somos feios, e nosso cabelo é do mal.*

[...]

(Nathy MC Poeta Desperta, 2024, p. 61)

Depois que encontrei a poesia slam, a partir do contato com outros saberes, novas verdades passaram a compor minha representação de realidade. Descobri que tal cena, presenciada numa sala de aula com crianças de 4 e 5 anos, é experimentada de diferentes formas. Ao ler a poesia da Nathy, lemos os impactos de práticas sociais que produzem realidades sobre o que é belo, por exemplo, em corpos que estão às margens dessa realidade produzida. Ao escrever, poemar sobre essas práticas, interrogando-as e escancarando suas formas de produzir mundos, abrem-se fissuras sobre essas verdades, abrem-se espaços para que ali possam ser apresentadas outras narrativas e, com elas, produzir novas realidades. Ao deparar-me com tal cena e colocá-la em diálogo com as novas realidades que se apresentavam nas rodas de slam, pude desmontar-me, montar-me, remontar-me. Ao deparar-me com tal cena fui convocada a assumir um lugar ético e político como mulher branca, professora do município, atuando com crianças e jovens de periferia, sendo, em grande parte, negras e negros. Assumo um compromisso, também, de colocar-me na escrita e na pesquisa dentro de minhas experiências que são restritas às questões interseccionais que me atravessam e me compõem. Portanto, ao falar de temas que são caros ao movimento de poesia slam e à sociedade como um todo, num sentido de urgência de reparação histórica e abertura de fissuras para novas composições, trago poetas, autores e autoras que têm esse lugar de fala legitimado. Coloco-me no lugar de aprendente para, juntamente com suas epistemologias, costurar e **bord(ej)ar** novas composições e novos mundos possíveis. E é justamente por isso que a aposta dessa tese é operar na transversalidade, rompendo dicotomias e apontando novas possibilidades de existências na diferenciação, compromisso de qualquer docente que se proponha a pensar na escola como espaço potencializador de vida.

Ao narrar uma experiência vivida durante sua participação em uma mesa redonda, Kastrup e Passos (2013, p. 268), apontam para a importância da transversalidade para a construção do comum. Nessa mesa redonda, foram apresentados resultados de pesquisas sobre acessibilidade de pessoas com deficiência visual. Participavam dessa mesa redonda duas pessoas cegas que eram profissionais ligadas ao campo da arte e da educação.

Deixamos claro que nossa pesquisa envolvia o acompanhamento de visitas de pessoas cegas a museus e entrevistas com os participantes. Curiosamente, nossa fala produziu o inesperado efeito de disputa de autoridade. Mesmo pesquisadores, enquanto videntes não poderíamos saber quais eram as reais necessidades de uma pessoa cega. Elas, sim, poderiam falar da cegueira. A diferença nos separou. Não conseguimos compor um plano de discussão comum. Foi um grande mal entendido e lamentamos não conseguir fazê-las perceber que a avaliação conjunta de profissionais, usuários e pesquisadores, cegos e videntes, deve comportar a transversalização, ou seja, um coeficiente de abertura para experiências singulares, tendo em vista uma aprendizagem coletiva e a construção de um conhecimento comum.

Portanto, a partir desse encontro que transformou-me poeticamente e numa perspectiva de transversalização, me propus a compor novas montagens de mundo, olhando para minha história, meu lugar de privilégio, de uma forma totalmente nova e inesperada para a montagem que tinha produzido para mim mesma, até então. Me propus a novas formas de ser e estar na escola e de fazer o meu professorar. Reinventei, para minha docência, **modos de subjetivação de um professorar como modo de produção de si.**

É assim que o relacionamento a si pode ser entendido como a proposta ética do filósofo, que problematiza a liberdade de pensar como inseparável de um questionamento ativo de si, de uma invenção ativa de si, que passa pelas resistências, pelos exercícios de resistência aos poderes, configurando-se na dimensão interior de uma produção e de um combate de si por si (Maciel Jr., 2013, p. 5).

Em nosso contexto atual, questionar ativamente a si, colocando em dúvida as verdades que nos constituem e passando pelas resistências, convoca repensar o modo de economia subjetivante neoliberal (Deleuze; Rolnik, 2008) que visa a desagregação, retira a conscientização de pertencimento dos cidadãos e nos empurra para o individualismo. A retirada de direitos (até mesmo o direito à vida) foi a base fundante da política bolsonarista, não sendo coincidência o direito à saúde ter sido o primeiro a ser restringido em meio à pandemia. Essa política é excludente, segregária, racista e necro (Mbembe, 2018). A cena relatada aconteceu durante esse período de desgoverno, onde tínhamos um presidente que cometia crimes de racismo e, depois, minimizava-os dizendo que eram apenas brincadeira e que os militantes estavam fazendo muito “mimimi” ao encontrar problemas em suas falas.

Com esses discursos, que relativizam a luta de pessoas por seus direitos à vida e à dignidade, o desgovernante radicalizou grande parte da sociedade que passou a tecer discursos ofensivos e de ódio àqueles que lutam e defendem o direito à existência em seus mais diversos modos de manifestação. Ao questionar as “arobas” de pessoas negras, estrategicamente mobilizaram-se práticas de desumanização e marginalização de pessoas que, como efeito dessas, veem-se em meio a regimes de verdade que diminuem sua potência de vida (hooks, 2019).

Apesar de não ter vivido o desgoverno de Bolsonaro, as palavras de Freire mostram-se extremamente pertinentes e atuais para nos auxiliar a vislumbrar possibilidades perante esses grandes desafios que vivemos em nossa sociedade. Nosso patrono da educação, já na década de 1970, nos alertava sobre a grande falácia daqueles que dizem que educadores não podem fazer política, pois, ao assumir tal postura, já estão fazendo política, uma política da despolíticação. Essa falácia é estrategicamente pensada, pois a educação é um campo onde se produz conhecimento e visibilidade, ou seja, opera montagens de mundo a partir de efeitos de verdade e de realidade (Foucault, 2011).

A educação, tomada em disputa por narrativas que visam melhor servir aos axiomas do capitalismo e à teleologia neoliberal, vai sendo tensionada e controlada para retirar, das discussões oportunizadas nesse espaço, as pautas progressistas e críticas que possam contrapor-se à racionalidade neoliberal. Elegem-se, dessa forma, como “boas escolas” aquelas que cumprem em suas metas aprovações em sistemas classificatórios e que inflam seus currículos com conteúdos eurocentrados, deixando pouco ou nenhum espaço para a discussão e composição de outros sistemas de pensamento e a construção de saberes populares e sociais, ou seja, as que confluem com essa racionalidade através de seus métodos e propostas. Refluem-se práticas que visam discutir política na escola, mesmo que sejam apartidárias, sob um imperativo de que isso não cabe à escola, criando-se, inclusive, dispositivos para coibir tais práticas, como o movimento escola sem partido e o novo projeto de lei para instalação de câmeras na sala de aula.

Falar em política, na escola, é trabalhar cidadania — direitos e deveres — e construir um senso de coletividade e pertencimento éticos para que cada sujeito possa perceber os efeitos de suas escolhas e ações dentro de um processo que impacta todos, ou seja, é construir um comum que vise avançar para a heterogeneidade (Kastrup; Passos, 2013). Justamente por isso, é preciso estar atento às grandes falácias que vem envolvendo nossa sociedade e tramando com força nosso tecido social, tentando apertá-lo de tal forma que seja cada vez mais difícil efetivar fissuras para, a partir delas, traçar rotas de fuga às tentativas de captura constante para uma homogeneização. Um bom caminho apontado por Freire é o de compreender que a realidade não está dada, não é imutável. Freire nos aponta, em seus escritos, a urgência do devir e de uma educação popular, construída por saberes heterogêneos e posta em diálogo com os movimentos e urgências sociais.

Figura 16 - PAULINO, Rosana. A permanência das estruturas, 2017. Impressão digital sobre tecidos, recorte e costura.



Fonte³⁶: MASP

**A QUEM NÃO INTERESSA
A REALIDADE TRANSFORMAR?
A QUEM NÃO INTERESSA
A REALIDADE TRANSFORMAR?**

PROFESSOR E

IM-POSSIBILIDADES

O professor está sem voz
sem espaço para falar
suas ideias e pensamentos
há muito quem quer calar
Sabem que espaço de fala
tem força e fundamento
produz agenciamento, coloca em
movimento

Não é pergunta retórica
a que aqui insiste em se apresentar
pois a questão é mais **complexa**
do que pode aparentar

³⁶ Disponível em: <https://masp.org.br/acervo/obra/a-permanencia-das-estruturas>

Se o **PODER** advém de várias relações
está em todo lugar
porque se aceita tanta coisa sem lutar?

PODER-substantivo,
PODER-verbo conjugável
é mesmo preciso falar o que é inaceitável?

Por que se naturaliza aquilo que
parece ser impossível aceitar?
Se o discurso constitui
a narrativa se põe a engendrar
a partir da criação,
duplo de si, ficção
abrem-se espaços de fuga,
FISSURAS
para escapar

Se a linguagem é território
uma possibilidade é desterritorializar
no coletivo,
novas formas de ler, escrever e traduzir
a educação - desneoliberalizar

forças - unir
usar o **PODER** criar
ações como atos políticos
permitem continuar a
ESPERANÇAR
(Pereira, 2022, poema autoral).

A mudança é possível e já vem ocorrendo, é preciso manter a esperança, pois a esperança crítica move a transformação (Freire, 2023). Em seu livro “Educação e Mudança”, escrito na década de 70 durante seu exílio, Freire fala sobre o papel do trabalhador na mudança social, descrevendo um cenário muito próximo ao que estamos vivendo nos últimos anos em nosso país. Segundo Freire (idem), ao se mudar uma das partes da estrutura social (mudança que tem o alcance de mudar outras também), as forças contrárias à mudança percebem esse risco e reagem de forma cada vez mais forte a essa transformação parcial. Esse movimento de ação/reação suscita e aprofunda o antagonismo entre aqueles que são favoráveis e aqueles que são contrários à mudança em sociedades que vivem esse momento histórico de transformação, e “na medida em que este organismo cresce, se instaura um clima de “irracionalidade”, que gera novos mitos auxiliares para a manutenção do status quo” (Idem, p. 71). Parece bastante assertivo o apelido atribuído por seus

seguidores ao ex-presidente Bolsonaro, “mito”, pois ele escancara a política reacionária à mudança e voltada à manutenção do *status quo*. Não obstante, Freire elucida a função manipuladora da realidade dos mitos e seu potencial desumanizador, alertando que, para combatê-los, faz-se necessária a humanização, a composição de coletivos, a colaboração dos trabalhadores. Dessa forma, percebemos que a potência transformadora está exatamente naquilo que, estrategicamente, é atacado pela racionalidade neoliberal. Segundo Freire (1992, p. 6),

Uma das tarefas do educador ou educadora progressista, através da análise política, séria e correta, é desvelar as possibilidades, não importam os obstáculos, para a esperança, sem a qual pouco podemos fazer porque dificilmente lutamos e quando lutamos, enquanto desesperançados ou desesperados, a nossa é uma luta suicida, é um corpo-a-corpo puramente vingativo.

Ao acreditar na potência da educação como possibilidade de transformação da realidade, constroem-se práticas que confluem com essa busca, constituindo modos de professorar que se opõem à despolitização. Essa apunhalada, portanto, abriu fissuras para **modos de subjetivação de um professorar do esperar**.

4.1.3 Apunhalada o encontro com a poesia slam

O movimento poético do slam chegou a Porto Alegre entre 2016 e 2017. Em 2019, conversava com minha irmã, Andressa Ribas Pereira³⁷, sobre as angústias e desafios que experienciava no novo trabalho, na rede pública de educação. Relembrava, junto a ela, histórias de quando nós, ainda crianças, também estudávamos em escolas públicas. relatei, então, a punhalada anterior (a disputa por uma boneca), compartilhando meus sentimentos, incômodo e, em especial, a impotência em que me vi diante de tal situação. Prontamente, ela fez o convite: “mana, tu tens que ir comigo em uma batalha de poesia slam! Vai ter uma esse sábado, embaixo do viaduto do Brooklin”. Fiquei interessada, mas disse a ela que nunca havia ouvido falar e não sabia do que se tratava. Ela então mostrou-me um vídeo com uma poesia do Slam da Guilhermina, declamado por Mariana Félix:

³⁷ Professora, poeta e atuante pelo direito das mulheres nas relações de trabalho. Analista Judiciária do Tribunal Regional do Trabalho da 23ª Região. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/4910387397289987>

BOLSONARO X EMPATIA

Não é só por mim

É por todas nós

Vou dizer tudo o que penso

E nem vou precisar levantar a voz

Pode pôr na lista:

[...]

E você já reparou quantos ódios ele incita?

Seu voto nele justifica seu racismo e a sua homofobia!

Ou você vai dizer que não é bem assim?

Que ele é o "candidato que vai mudar o Brasil"

É exatamente o senso comum dele e de tantas

outras pessoas, que faz no nosso país crianças no lugar de caderno,

portarem fuzil.

Ou você vai dizer que não viu?

[...]

E eu penso nas famílias...

Que tiveram seus filhos e filhas mortos por tortura em uma

ditadura fascista

Ele homenageia o capitão Ustra

E todo mundo que vota nele acha normal

Aí ele leva uma facada

E eles querem a empatia seja geral

Ué, mas a empatia deles é seletiva?

Marielle Franco foi brutalmente assassinada

E só o que eles souberam fazer, foi no dia seguinte dizer que ela

era bandida.

[...]

É minha gente, só com muita oração

Mas eu fico confusa...

Porque o cara que deu a facada, disse que veio de Deus a missão.

*Então vamos pensar juntas:
Qual Deus então é mais forte?
O que ensina sobre sermos decentes ou o Deus de um candidato
que apoia a pena de morte?
Não, ele não mitou,
ele silencia mulheres, porque diz que inclusive quando fez sua
própria filha, foi porque fraquejou.
E como pode? Tanta contradição...
Mulher que vota nele
É depois de levar um soco, beijar a mesma mão da agressão.
Ele não!*

(Félix, 2018, poesia falada)

Esse poema prontamente enlaçou-me, pois a poeta falava de dores e lutas que estava vivenciando intensamente, desde o ano anterior. Em 2018, ao ser apurado o resultado da disputa pela presidência de nosso país, chorei muito, abraçada à minha filha, na época com 3 meses, de medo dos tempos que estariam por vir. Na sequência, minha irmã mostrou-me outros vídeos que eram verdadeiros “socos” no estômago. A sensação despertada era confusa, pois, por vezes, o combate travado era tão intenso, que gerava-me profundo desconforto, ao mesmo tempo, era como se a minha dor somassem-se outros corpos-vozes para compartilhar, aliviando seu peso.

Conforme Maciel Jr. (2013, p. 7), “as resistências e as práticas de si se fazem sempre em ruptura com os poderes atuais. Resistimos e exercitamos a nós mesmos sempre em relação aos poderes e aos saberes do nosso tempo”. Assim, aceitei o convite para exercitar-me, procurando entender meus desconfortos. Resolvi olhar para eles e compreender suas causas e origens. Permiti-me desmanchar e **fissurar**, o que não foi fácil, doeu. Ao mesmo tempo, foi profundamente prazeroso permitir-me esse movimento. A dor, resolvi transformar em poesias e práticas com meus alunos, construindo **modos de subjetivação de um professorar poético das existências**.

Comecei a participar de alguns encontros de poesia com minha irmã que, na época, fazia parte do Coletivo Slam Chamego. Ouvir minha irmã declamar suas poesias, fazia-me voltar e ressignificar minha história. Permitia-me desmanchar junto a ela para, com todas aquelas pessoas, recriar novas formas de montagem. Entendi as histórias que me atravessam, que compõem meu mapa de percurso e que, de certa forma, trouxeram-me a esse encontro. Ao ouvir minha irmã declamar um poema falando sobre nossa mãe, compreendi que essa escrita se faz também por ela e através dela, carregando consigo sua potência e luta por transformação, pois, como coloca Leão (2019), as histórias nos atravessam.

FILHA DE UMA LEOA

Quando o galo cantava

Ela acordava

Escolhia a calcinha menos furada

Pegava a condução lotada

Tomava o seu lugar na fábrica

Seu rosto de menina pouco importava

"a revista íntima é igual pra todas" - o patrão afirmava

Assistia aflita e calada

Dia após dia a sua dignidade sendo violada

Respirava fundo e aguentava

Sabia que esse era o preço pra poder ser uma mulher estudada

Seu pai via tudo isso com espanto e indignação

Não queria a filha na fábrica, nem na escola

Queria a filha bem casada, a barriga encostada no fogão

No fundo, o pai tinha vergonha da filha

No fundo, a filha tinha orgulho da vergonha do pai

Não que ela fosse assim subversiva

Ela só sabia que ao contrário da sua mãe não seria submissa

Cansada de chegar em casa cansada

E encontrar a sua mãe com a cara afundada

Toda lanhada

*Escondida embaixo da escada
As pernas tremendo de mais uma vez ter sido espancada pelo marido
“Mas isso não faz nenhum sentido
Se meu pai nos ama
Por que ele faz isso com a minha mãe e comigo???”
A cada tapa que a sua mãe levava
Mais ela trabalhava
Sabia que cada grão de arroz que ela levasse pra dentro de casa
Era menos um motivo pra sua mãe ser violentada
Até que seu pai resolveu se livrar desse tormento
Chega dessa guria ficar me desafiando trabalhando e estudando
Vou lhe arranjar um casamento
"Pai, escuta aqui
O único homem que encosta em mim sem eu conceder é você
E só porque eu não pedi pra nascer"
Assim, durante três dias
No meio do mato sem comida e sem bebida
Ela se escondeu
Até que aquele marido arranjado se convenceu de que não teria aquele corpo
que não era seu
[...]
Vemos mulheres sendo proibidas de estudar
Mas ensinadas a abrir as pernas e aceitar
Mas oh, vou falar
Essa menina que o pai proibiu de estudar
Hoje é uma rainha da porra toda
Se formou na faculdade, é contadora
Mãe de uma advogada, um administrador e uma professora
Mãe, desculpa pelo meu poema de amor
Não ser assim um chameguinho
É que eu não posso falar da minha rosa
Sem falar dos seus espinhos*

Mãe, obrigada
Por me criar assim insubordinada
Porque num mundo onde todas as regras fazem a mulher perder
A gente tem que ser muito forte pra saber desobedecer
Mãe, obrigada
Por me mostrar que eu sou feita de carne que corta
Osso que quebra
Mas coração que não se entrega, Mãe
Quando a vida me chama na resposta eu não corro
Quando os boy tentam me enterrar eu não morro
Sou planta da tua semente
Renasço dez e dez vezes de novo
Mãe, eu sei que no meu rosto nunca nenhum homem bateu
Porque tu pegou pra ti todos os tapas que eram meus
Sei que tu sofreu pra caramba
Pra fazer de mim essa mulher
Que hoje cai, mas levanta
E hoje em dia até parece piadinha
Quando um boy vem na minha
Me chamando de gatinha
Meu querido, numa boa
Eu não sou gatinha
SOU FILHA DE UMA LEOA
 (Pereira, A., 2020, poesia falada)

Somos feitos e efeitos dos discursos que nos chegam (Veiga-Neto, 2007), portanto, é preciso reconhecer que ser filha de uma mulher que subverteu discursos e forjou fissuras para escapar à misoginia e à violência, pulsa nessa escrita. Para além, essas fissuras foram forjadas a partir da educação, pois desde muito cedo, essa mulher, primeira e única de sua geração e das anteriores que conseguiu estudar, sabia que essa era a sua única possibilidade de fuga de uma realidade de extrema vulnerabilidade social. Voltar às minhas origens, portanto, é olhar para esse

passado ancestral com mulheres fortes, mas que tiveram suas vidas marcadas pela violência de uma sociedade maior: bisavó indígena retirada de sua comunidade para casar contra sua vontade; avó fruto desse ato que também viveu uma relação abusiva; mãe que vivenciou essas histórias na infância e na juventude, mas que conseguiu **fissurar** e montar para si novas possibilidades a partir do estudo. Por parte de pai, remonto minha avó, mulher que fugiu de sua família para casar com o homem pelo qual estava apaixonada, pois seus pais não aceitavam sua união com um homem negro. Ela subverteu, casou, teve filhos, e hoje sua história chega até mim. Assim, sou composta por essas histórias: mãe subversiva, pai fruto de um ato de subversão. Meus pais, casal de origem humilde, enfrentaram inúmeras batalhas como grande parte dos trabalhadores de nosso país para sustentar sua família. Assim, desde muito cedo, escutei de meus pais: “estuda, minha filha, essa é tua única oportunidade de ter uma vida melhor”. E, assim fiz, não só buscando para mim tal oportunidade, mas compreendendo que essa transformação é necessária para todos. Hoje, evidentemente, compreendo que as oportunidades não se restringem ao acesso a bens e recursos, mas refletem possibilidades de ser e existir, de remontar mundos.

Durante minha participação em diferentes movimentos do slam (batalhas poéticas, competições, final gaúcha, oficinas em escolas), pude escutar inúmeras narrativas em que os poetas afirmavam que o slam mudou sua vida, que a poesia foi cura, que o contato com o movimento formou rede, que foi possibilidade. Muitas dessas narrativas trazem seu engajamento no movimento a partir da identificação com as temáticas das poesias que são marcadas, em nossa região, por temáticas de denúncia e lutas dos grupos das “chamadas minorias”, trazendo em seu repertório saberes populares e insurgentes (Barbosa, 2020). Essas narrativas também são encontradas em alguns poemas de slammers, tal qual mostra o trecho do poema “Prô”, escrito pelo poeta Emerson Alcalde enquanto estava na França participando do campeonato mundial de slam, em 2017. O poema homenageia sua ex-professora Glauciane Catanho.

*[...] quando cheguei na França, pô
o apresentador tirou sarro da minha cara
porque eu não sei falar francês e nem inglês
eles não fazem ideia de onde viemos
que na nossa escola não tem nem biblioteca
falta material e às vezes nem abre por medo
aí, Pilote, conversa com meu dedo
Ô pô
nunca imaginei que sairia do país e nem que
faria faculdade
a senhora me ajudou a passar no vestibular
e vibrou comigo quando consegui a bolsa
integral
entendo que minha obrigação é retribuir
trazendo autoestima através da literatura
marginal [...]*

(Jesus, 2021, p. 52).

Nesse trecho, o poeta Alcalde aborda a possibilidade de “trazer autoestima através da literatura marginal”, evidenciando pistas sobre a importância da poesia como possibilidade de formação de espaços de afirmação e cuidado com a vida. Nas poesias, os poetas deixam rastros dos processos subjetivantes produzidos pela poesia slam em suas vidas, como sair de uma depressão, construir autoestima, romper padrões, constituir espaço de fala. Ceccim e Carvalho (2015, p. 8) dão visibilidade a espaços promotores de saúde que existem, ou que podem ser criados, dentro da cidade, espaços autogeridos e organizados, onde ocorre um fazer educativo que é próprio. Ao abordarem a noção de pedagogia da cidade, chamam a atenção para a possibilidade de que a retomada de processos de subjetivação e de afirmação da vida aconteça em

Outras cidades, lugares feitos de pessoas, suas histórias de dor e sofrimento, suas histórias de resistência e solidariedade, sua pressão sobre a cidade das “instituições” e uma educação da cidade, auto-organização de pessoas e grupos para forjar lugares de existência ou resistir às serializações urbanas; composição de coletivos, ora determinados pela cidade, ora linhas de enlace sociais sem geografia, rede de contatos, redes de afetos, redes de invenção de cidades de proteção, suporte de inclusão.

Os coletivos que compõem o movimento do slam formam-se a partir de suas identificações, interesses, trajetórias, modos de (re)existir, confluindo com esses espaços promotores de saúde e de afirmação de vida de que falam Ceccim e Carvalho (idem). Esses coletivos encontram-se nas ruas, ocupando espaços públicos e transformando-os em territórios onde ocorre uma educação do lugar, num movimento fluído de individualidade e coletividade.

Uma educação do lugar deve ter a potência da transformação que abra clareiras de vida na cidade, que constitui lugares de cultura. Lugares que possam nos ensinar a singularidade, a alteridade, a confiança e o acolhimento: amar o devir, amar a transmutação, amar o estranhamento, ousar correr o risco de afirmar a vida (Ceccim; Carvalho, 2015, p. 18).

Ao ocupar espaços públicos para a realização de suas batalhas de poesia, os coletivos reafirmam e reivindicam espaços que são seus por direito (Barbosa, 2020), mas em que, muitos dos frequentadores, sentem-se estrangeiros. É bastante comum, dessa forma, a presença de pessoas em situação de rua, famílias e jovens de periferia nos eventos que ocorrem nas áreas centrais de Porto Alegre. Faz-se interessante refletir sobre esse movimento de constituição do território, esvaziando-o de seu significado excludente e atribuindo-lhe outro sentido, para então ali habitar. Para Ceccim e Carvalho (2015, p.12), essa forma de habitar, que se contrapõe ao modo hegemônico, “*comporta, ela mesma, uma pedagogia*”. Nesse território, encontram proteção, inclusão e (re)existência para poetizar suas denúncias, marcando seu lugar de fala (Ribeiro, 2019). Para hooks (2017, p. 199), “achar a própria voz não é somente o ato de contar as próprias experiências. É usar estrategicamente esse ato de contar - achar a própria voz para também poder falar livremente sobre outros assuntos”.

Não por acaso, em um país onde vivenciamos o desmonte de serviços públicos, a retirada de direitos, a intolerância e a legitimação por instituições, inclusive a escola, de um discurso de exclusão de diferenças (Levin-Borges, 2021), chega com tanta força um movimento que busca construir espaços que marcam as singularidades.

Viver o conceito ampliado de saúde, passa por ser livre para discutir o cuidado com os indivíduos e coletividades, bem como as práticas em prol da qualidade de vida, considerando todas as inúmeras formas criativas das possibilidades de fazer a saúde e andar a vida (Ceccim; Rollo, 2015, p. 274).

Nas batalhas de poesia slam as performances dos poetas expressam-se através da oralidade, corporeidade e escrita, dando voz às suas dores e protestos e encontrando no outro a visibilidade, a possibilidade de identificação e ressignificação de suas próprias trajetórias. São batalhas que não produzem mortes, e sim, vidas. Nelas, os “combatentes” utilizam de suas experiências e memórias mais sensíveis para forjar suas armas que têm o poder de produzir saúde ao estabelecer conexões e enlaçar subjetividades, reconstruindo e reconstituindo-as, mobilizando devires. São armas artesanadas a partir de suas vivências. Essas histórias de si, performadas a partir de poesia, mas não a poesia clássica, aquela da literatura maior, e sim a poesia insurgente, marginal, realizada pela minoria, em língua menor; se constituem como ato político e coletivo, e que, exatamente por assim ser, se fazem potente instrumento de desterritorialização e de potencialização de vida (Deleuze & Guattari, 1977), tal como evidencia Ryane Leão (2019, p.187) em seu poema:

Figura 17 - PAULINO, Rosana. Assentamento, 2012.
Litografia colorida sobre o papel.



Fonte³⁸: Pinacoteca (2019)

*as histórias chegam até mim
Inevitavelmente
a filha que levou meu livro
pra sua mãe internada numa clínica
psiquiátrica depois de sofrer violência
doméstica me contou que choraram juntas
que naquela primeira noite de paz
depois de tanto tempo
poesia foi redenção
[...]
aquela que desistiu
de cometer suicídio
nós podemos dividir
a loucura do mundo juntas
não temos que entender tudo
naquele primeiro suspiro de
recomeço poesia foi resgate
[...]*

*as adolescentes que me contaram
que estão conseguindo enxergar beleza nos seus traços
e sabem que seus cabelos
e seus corpos são livres
quem sabe possamos sofrer menos
pra compreender certas coisas
quando elas sorriram
poesia foi mudança*

*[...]
poesia também é troca
poesia é a primeira e a última chance
se é aquilo que eles
mais temem
então pode ter certeza
que é a ferramenta de reconstrução mais poderosa
que existe”*

Figura 18- PAULINO, Rosana. Assentamento, 2012.
Litografia colorida sobre o papel.



Fonte³⁹: Pinacoteca (2019)

³⁸ Disponível em:

<https://pinacoteca.org.br/programacao/exposicoes/rosana-paulino-a-costura-da-memoria/>. Acesso em: 06 ag. 2025.

³⁹ Disponível em:

<https://pinacoteca.org.br/programacao/exposicoes/rosana-paulino-a-costura-da-memoria/>. Acesso em: 06 ag. 2025.

O slam configura-se como espaço poético-político, democrático, educativo e coletivo, onde a palavra torna-se corpo-voz, suscitando movimentos de denúncia e resistência ao opor-se a discursos e práticas sociais que excluem, segregam, depreciam e reforçam hegemonias. Autores como bell hooks e Paulo Freire revelam que, apesar de termos uma cultura, enquanto sociedade maior, de normalização e patologização da vida, alguns grupos, chamados minorias, a experimentam de forma muito mais severa e violenta. Assim, é preciso apostar em possibilidades de fuga que abram fissuras para novas possibilidades de mundos, pois como pensar em potencialização de vida onde não se tem voz, onde não se sente representado, onde sua cultura e ancestralidade são negadas, reforçando discursos hegemônicos que colocam saberes, culturas, modos de ser, aprender e parecer às margens, excluindo e segregando? É a essa minoria que o slam dá voz.

Figura 19- PAULINO, Rosana. Musa Paradisiaca, 2018 . *nossas escolas não nos ensinam a dar voos, subentendem que nós retintos ainda temos grilhões nos pés*



[...]
cada palavra separada
me faz lembrar
de como fomos e somos segregados
[...]
e eis que, na beira da beira, ressurgimos
reinvenção
nossa revolução surge e urge
da nossa boca
das falas aprendidas
que são ensinadas
e muitas não compreendidas
[...]
o que era para ser arma de colonizador
está virando revide de ex-colonizado
estamos aprendendo as suas línguas
e descolonizando os pensamentos
estamos reescrevendo o futuro da história
[...]

Fonte⁴⁰: Pinacoteca (2019)

(Ribeiro, 2019, p. 118)

⁴⁰ Disponível em:

<https://pinacoteca.org.br/programacao/exposicoes/rosana-paulino-a-costura-da-memoria/>. Acesso em: 06 ag. 2025.

Nesse trecho, retirado de um poema de Luz Ribeiro, a slammer pontua seu sentimento em relação à escola, sentimento presente em tantos outros poemas de slammers. Também fica evidenciado o desejo de transformação e ressignificação, ao subverter a norma, ou seja, “[...] *fazer da criação poética instrumento de proposição de luta começa pelo próprio não uso da norma culta da língua*” (Evaristo, 2019, p. 15), visão que subverte a lógica e que precisa ser expandida no meio escolar, abrindo fissuras para questionamentos sobre os discursos impregnados de colonialismo, neoliberalismo, neofascismo, que vem conduzindo práticas, organizando currículos e ditando áreas do conhecimento e conteúdos que devem ser, ou NÃO, trabalhados nas escolas (Peroni, 2021). Para isso, faz-se urgente,

Desterritorializar os princípios, as normas da escola maior, gerando possibilidades de aprendizado insuspeitadas naquele contexto. Ou, de dentro da máquina opor resistência, quebrar os mecanismos, como ludistas pós-modernos, botando fogo na máquina de controle, criando novas possibilidades. A educação menor age exatamente nessas brechas para, a partir do deserto e da miséria da sala de aula, fazer emergir possibilidades que escapem a qualquer controle (Gallo, 2002, p. 175).

Em um movimento de desterritorialização, o público do slam integra-se ao momento, legitimando histórias, reagindo e interagindo durante a apresentação dos poetas, tornando-se parte dessas performances (Barbosa, 2020). Dessa forma, não são apenas subjetividades que se enlaçam e se constituem, mas também corpos que, ao se colocarem despedaçados naquele território, reconstituem-se a partir dessa corporeidade coletiva - alteridade - que lhe devolve um sentido para existir. Para Skliar (2016), a escrita é um ato propositivo que precisa do outro para completar sua ficção, pois, sem o encontro com o outro, não há alteridade. Ao problematizar acerca da escrita, aponta, como uma das razões do ato de escrever, a necessidade de traduzir aquilo que excede à razão e de existir perante e a partir do outro.

[...] la dificultad em soportar el mundo y soportarse, la experiencia del limite, de lo indecible, el enojo con la vida y con lo humano, la agonía de la muerte, la desesperación por decir algo, la rebelión y la desobediencia del lenguaje, la trágica oscuridad, la necesidad de alterar la realidade para poder sobrevivir, etcétera (Skliar, 2016, p. 57).

Em contraponto a todo esse potencial de devir de subjetividades, alteridade e afirmação de vida, Ceccim, Freitas e colaboradores (2021) evidenciam a preocupação com a ótica normalizadora e medicalizadora que tem conduzido a escola contemporânea. Portanto, é preciso procurar possibilidades de fuga. Provocada por essas questões, passei a levar a poesia slam para as escolas em que trabalhava, de diferentes formas, compondo **modos de subjetivação de um professorar para slamgrafar**. O termo slamgrafar foi sugerido/poemado pela professora Cristianne Maria Famer Rocha⁴¹, durante a banca de qualificação da tese e, assim como uso professorar como conceito que remete à ação da docência, aqui utilizo a sugestão por trazer a potência da ação da poesia slam como força que produz marcas e registros naqueles que com ela têm contato. Relato, na sequência, três cenas que permitem vislumbrar parte desse processo, salientando que são apenas recortes, pistas, de todo um percurso. Ainda assim, são rastros importantes na composição e visualização do mapa aqui proposto.

4.1.4 Apunhalada o trabalho com a poesia slam das escolas

Rastro I

Tocada pela poesia slam, comecei a levar poemas escritos para meus alunos do 5º ano de uma escola municipal de Porto Alegre. Durante toda minha trajetória profissional em escolas, apenas tinha atuado como docente, até então, em turmas de educação infantil e 1º ano do ensino fundamental. Essa turma, foi um grande desafio para mim, na época. Primeiro, porque não era a professora regente da turma, era a professora volante⁴², ou seja, assumia a turma apenas um dia na semana enquanto a professora regente estava em Hora Atividade de planejamento, necessitando de um grande investimento para estabelecer o vínculo com os estudantes. Segundo, porque assumi essa turma no meio do ano letivo, substituindo

⁴¹ Mãe e atuante pelas mulheres na ciência. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PPGENF/UFRGS), e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU/UFRGS). Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/6227320473881539>

⁴² Na rede municipal de Porto Alegre, os professores dos anos iniciais podem assumir turmas como regentes ou volantes. O professor volante é aquele que assume algumas turmas durante o período em que o professor regente está planejando as atividades. Cabe destacar que o professor volante também é responsável pelo planejamento das atividades que executa e também tem prevista Hora Atividade para planejar.

uma professora com quem os estudantes tinham grande vínculo e que saía por motivo de uma grave doença. Terceiro, porque era uma turma de estudantes com grande diferença de idade entre eles, alguns ainda criança, com seus 10-11 anos; outros já adolescentes, com seus 14-15 anos. Ao assumir a turma, foi “orientado” a mim que assumisse os conteúdos referentes à área de Ciências da Natureza. A turma estava trabalhando sobre corpo humano, órgãos e sistemas. Trago um trecho de meu caderno de planejamento da época:

1ª semana: Corpo Humano e suas funções- leitura do texto, discussão e questionário. A leitura e a discussão foram extremamente difíceis. Muitas dificuldades de aprendizagem. Alguns não estão alfabetizados.

2ª semana: Experiência no Laboratório- células do corpo

Os estudantes se engajaram, mas ficaram envergonhados em se oferecerem como voluntários para a coleta de células. P.S. Alguns nunca tinham tido uma aula no laboratório da escola.

3ª semana: Poemas Slam. Leitura em grupos e discussão.

Os estudantes adoraram ler as poesias. Alguns começaram a contar histórias de vida que se aproximavam ao que os poetas haviam escrito. Discutiram sobre diferentes corpos e o que é considerado belo.

4ª semana: Poemas Slam. Leitura em grupos e discussão.

Os estudantes começaram a discutir sobre cuidados com o corpo e saúde em uma perspectiva de acesso. Todos temos acesso ao cuidado? Todos conseguem alimentar-se bem? E quando ficamos doentes, conseguimos tratamento?

5ª semana: Peles: construção coletiva.

A partir das discussões anteriores, os estudantes propuseram construir um painel coletivo sobre peles, trazendo uma crítica sobre a perspectiva do que é considerado belo e sobre índices de corpos que têm menos acesso aos cuidados em saúde.

As dificuldades de aprendizagem eram um grande desafio para avançar nos conteúdos. Para além, sentia a necessidade de um trabalho que fizesse sentido para eles. Recentemente, havia conhecido um movimento poético que vinha me provocando questionamentos e me convocando a repensar minhas práticas. Foi então que decidi falar sobre “Corpo”, conteúdo que me havia sido “orientado”, mas numa perspectiva outra: como esses corpos habitam no mundo? Como acessam (ou não) a saúde? Que espaços ocupam? Quais são considerados belos? Como me relaciono com meu corpo? Selecionei poemas do slam de poetas que falavam sobre

essas temáticas e como essas questões atravessavam sua vida. Construímos, coletivamente, um painel que nomeamos “Peles”. A forma de interação e relação dos estudantes comigo mudou consideravelmente. Infelizmente, não tenho registros fotográficos e nem mais os trabalhos produzidos pelos estudantes dessa turma de 2019, apenas esses rastros de memórias e alguns trechos de meu caderno de planejamento que, para um professor, é como um diário de bordo.

Lembro-me de um momento muito importante referente a esse trabalho, quando uma estudante dessa turma, que se recusava à escrita e era narrada como “não-aprendente”, procurou-me durante o intervalo e entregou-me um poema autoral. Esse poema não havia sido solicitado como tarefa, nem sequer ela precisaria entregar-me ou mostrar-me. Mas, nesse ato, ela enunciou um lugar para si, apontou que, para ela, a poesia fazia sentido e poderia mobilizar outros lugares. Foi o encontro com **modos de subjetivação de um professorar que se proponha a potencializar vida**.

Nesse mesmo ano, junto a outras duas professoras que aceitaram formar uma parceria, propusemos para o coletivo de professores o desenvolvimento de um projeto com a poesia de slam na escola. Infelizmente, logo veio a pandemia e outras situações se impuseram no percurso.

Rastro II

Na escola privada em que atuava como professora de educação infantil, não levei poemas para trabalhar com as crianças, mas assumi uma prática de reparação, levando para elas saberes que diferem daquilo que faz parte do currículo maior escolar e que, por muito tempo, não oportuneizei como professora aos meus alunos. Assim, passamos a estudar projetos com outras epistemologias, a ler obras de autores e autoras indígenas, quilombolas, imigrantes, entre outros; e a ampliar os repertórios - musicais, brincadeiras e experiências. Queria que, na minha docência, pudessem estar comigo todos esses poetas cujos saberes eram tão caros a mim, compondo minhas práticas de docência. Nesse sentido, encontro nas escritas de Pinheiro (2023) laços com aquilo que estava construindo nessa prática em devir, que não se restringia a trabalhar apenas a diversidade numa perspectiva de incluí-las, mesmo que em seu amplo sentido, mas sim consistia na aposta de construir novas

composições para a educação.

Eu pauto uma diversidade da implosão, e não de inclusão. A perspectiva da inclusão perpassa pela concepção de que vamos colocar “o diferente” para dentro, mas sem nos preocuparmos com a subjetividade desse outro, sem avaliarmos as estruturas já vigentes, se elas comportam e acolhem essa diversidade. Inclusão significa ser incluída/convidada para uma festa na qual as pessoas já estabeleceram o que você pode vestir, comer, qual música você deve dançar. Trata-se de uma falsa abertura que não reconhece esses sujeitos como agentes sociais, que o tempo todo transformam a realidade em seu entorno. O que estou chamando aqui de pedagogia da implosão destrói/implode o edifício brancocêntrico ocidental e constrói, a várias mãos, a nova festa da diversidade, cada um escolhendo seu par, sua vestimenta, sua comida, seu modo de dançar... uma verdadeira celebração da existência humana e de suas amplas potencialidades (Pinheiro, 2023, p.127).

A pedagogia da implosão convoca a estranhar a trama que compõe a nossa tela de pesquisa - o tecido social -, que se disfarça e se atualiza através de discursos, como o da própria inclusão. Convoca, também, a resgatar esses fios que estão à margem para compor, com eles, novos bord(ej)ados. Implica (re)pensar nossa capacidade de sustentar uma visão poética sobre a existência como alternativa para as resistências (Krenak, 2019), mobilizando devires, abrindo espaços/fissuras para a construção de novos caminhos possíveis. Essa visão poética, que nos convoca Krenak a pensar, está atrelada a uma capacidade estética de sentir, de ressignificar e de ver para além daquilo que se revela num primeiro olhar. Implica a criação de **modos de subjetivação de um professorar da implosão**.

Rastro III

Em 2022 iniciei atuação junto à equipe diretiva da escola, assumindo a orientação educacional. Nesse novo espaço de atuação, passei a ter maior contato com os jovens da escola, sendo procurada para auxiliar na mediação de conflitos, casos de vulnerabilidade e violência familiar, sofrimento emocional - incluindo tentativas de suicídio, entre outras situações que se apresentam no cotidiano de uma escola.

A cena que trago agora refere-se a um atendimento realizado, nesse novo lugar, como Orientadora Educacional, com um estudante do 9º ano do ensino fundamental, na ocasião com 14 anos. Esse estudante, segundo relatos de sua mãe, vivenciou um episódio de violência racial contra ele em um ônibus do transporte público em Porto Alegre, situação que acarretou diversas consequências familiares, envolvendo instâncias jurídicas, policiais e médicas, devido ao adoecimento mental da mãe, que inclusive teve que se afastar de suas atividades laborais. Em meio a esse contexto, o estudante passou a demonstrar, na escola, grandes dificuldades relacionais e episódios de descontrole emocional, mostrando-se agressivo com colegas e professores. Importante destacar que esse estudante estava na escola desde a educação infantil e, portanto, seu histórico evidenciava uma mudança comportamental.

Certo dia, esse estudante foi encaminhado para atendimento no serviço de orientação educacional por um professor devido a uma atitude desrespeitosa de sua parte para com os colegas e professor. Ao chegar na sala de orientação educacional, mostrava-se reativo, não queria conversar. Iniciei então, pedindo licença para ler a ele um poema que havia sido escrito por um estudante com idade próxima a dele e que, eu acreditava, me parecia compartilhar algumas experiências com ele. Ele assentiu. Li o poema. Durante a leitura, seus olhos, que antes fixavam um ponto qualquer e distante, voltaram-se para mim, indicando o início de uma abertura ao diálogo; ele estava me (re)conhecendo. Eu não era a professora do SOE que lhe daria bronca, advertências; eu estava ali, humana, tocada pelo sensível da poesia, transformada pelos coletivos do movimento poético do slam, ao ouvir tantas histórias de jovens que partilhavam dores como a que ele havia vivenciado e que me impulsionaram a estudar, pesquisar e, nesse caminho, permitir meu devir-professora. **Estava construindo, nesse percurso de encontros, modos de subjetivação de um professorar antirracista.**

A barreira inicial parecia ter sido transposta, convidei-o, então, a abaixar seu escudo e a armar-se comigo de poesia, a entrar numa luta que não era individual, e sim coletiva. Ele aceitou o convite, passou a frequentar minha sala para dividir experiências, para refletir possibilidades de lidar com suas emoções e sentimentos, para criar estratégias de (r)existência. Foi escolhido líder por sua turma, atuou com empenho para mudanças em sua turma, conversava com seus colegas sobre

racismo e privilégios. A dor ganhou formas, foi posta em palavras, pode transbordar e se resignificar. Em algumas situações difíceis na escola, em que eu precisava intervir em algum conflito emergente entre adolescentes, ele era o primeiro a ir em meu apoio e dizer: “gente, para! Escutem a professora”. Ter esse apoio e essa parceria de um estudante que, pela grande maioria dos professores passou a ser narrado como um aluno “difícil, agressivo e que não respeitava ninguém”, aponta para a potência transformadora do movimento ético-estético-político-poético do slam.

Sobre os rastros....

As histórias aqui relatadas, são rastros ínfimos perante a urgência de repensarmos nossas escolas como espaços potencializadores de vida. Ao pensarmos sobre essas tramas que compõem o tecido social que compõem a escola, unidas por tantas forças que fazem parte de sistemas dominantes e que assim querem permanecer, faz-se necessário pensarmos em possibilidades de forjar fissuras nesse tecido, para ali, poder recompor com novas costuras entrelaçadas pelo fio do bem viver. Porém, sabemos que essa trama é densa, e que, para ali forjar fissuras, é preciso movimento, talvez, num primeiro instante, de estranheza dessa trama, de perceber que existem sistemas outros de pensamento (Rolnik, 2021) que ali não estão amarrados, que estão excluídos, marginalizados.

Trata-se da constituição de modos de existência, da invenção de possibilidades de vida, da criação de territórios existenciais, seguindo regras facultativas, capazes de resistir ao poder como de furta-se ao saber, mesmo se o saber intenta penetrá-las e o poder de reapropriar-se delas. A luta por uma subjectividade moderna passaria para Foucault por uma resistência às formas actuais de sujeição, passaria por individuar-nos para além das exigências do poder, aquém também, da nossa determinação como indivíduos com uma identidade constituída e conhecida, decidida de uma vez por todas (Pellejero, 2016, p.8).

Retomamos, então, o projeto de trazer a poesia slam para o espaço escolar, pois, além de **apunhalar** a tela, é preciso rasgá-la, e tal ato necessita de uma força que não pode ser apenas individual, e sim coletiva. Esse movimento de trazer a poesia slam para a escola ainda tem um longo caminho a ser percorrido, mas já

vem acontecendo a partir de inserções de coletivos na escola, com apresentações de batalhas poéticas e também através de oficinas. As oficinas ocorreram no ano presente (2025), pois a escola em que atuo foi selecionada para participar do campeonato gaúcho de poesia slam, o **Slam Entre Escolas**. Essas inserções e seus efeitos serão apresentados na próxima seção.

4.2 Rasgar

Considerando que a tela a ser rasgada é composta por um tecido denso de tramas que se tensionam para não deixá-la **fissurar**, é preciso um empreendimento significativo de forças para operar-lhe um rasgo. Nesse sentido, nessa seção que se propõe a pensar sobre **rasgar** a tela, ou seja, a partir da punhalada aumentar a fissura, considera-se fundamental trazer à cena os movimentos coletivos, pois é a partir da coletividade que se aumenta a potência de força para operar a ferramenta artesanada poeticamente - a poesia slam. Foucault (2004) nos mostra que, quando tentamos escapar ao poder - **rasgar** a tela - somos remetidos a outro jogo de forças que se cria e recria a todo o instante para fechar a rota de fuga - a fissura. Justamente por isso faz-se fundamental o movimento coletivo para operar as resistências através de atos que produzem as fissuras e bord(ej)am-nas depois para que não mais fechem. Esse jogo de forças que ocorre em nosso tecido social faz-se a partir da insurreição dos movimentos de resistência.

As insurreições pertencem à história. Mas, de certa forma, lhe escapam. O movimento com que um só homem, um grupo, uma minoria ou todo um povo diz: "Não obedeco mais", e joga na cara de um poder que ele considera injusto o risco de sua vida - esse movimento me parece irreduzível. Porque nenhum poder é capaz de torná-lo absolutamente impossível [...] (Foucault, 2004, p. 77).

Foucault (2011) também nos aponta a força dos discursos como movimento de resistência, pois estes conseguem de certo modo escapar ao poder mesmo que não estejam tão distantes desse. Os discursos, dessa forma, podem servir tanto ao poder, sendo parte de sua estratégia, como servir à oposição, fazendo-se contraponto, quebrando-o, "o discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo" (Idem, p. 96). É justamente

nesse ponto de oposição oportunizado pelo discurso que estamos apostando ao propor a entrada dos coletivos de poesia slam nas escolas. Aposta-se, portanto, na força subjetivante dos discursos, “dado que cada um de nós nasce num mundo que já é de linguagem, num mundo em que os discursos já estão há muito tempo circulando, nós nos tornamos sujeitos derivados desses discursos” (Veiga-Neto, 2007, p. 91). Os coletivos de slam buscam subverter discursos, criando rupturas e contrapontos, questionando hegemonias e fazendo reivindicações. Dessa forma, forjam nos espaços em que circulam possibilidades de criar e recriar, engendrando forças e ensejando movimentos de resistência a partir da ordem da palavra, agenciando coletivamente enunciações (Deleuze; Guattari, 1996). Justamente por esse potencial, esses coletivos têm se aproximado das escolas públicas, enlaçando um grande número de jovens que se identificam com suas denúncias e reivindicações ao opor-se a discursos e práticas sociais que excluem, segregam, depreciam e reforçam hegemonias. Com suas poesias, os slammers questionam os mecanismos de poder e controle, e seus dispositivos.

Vislumbrando a poesia slam como uma possibilidade de abrir fissuras para novos caminhos possíveis, os coletivos de slam encontram-se nas ruas, ocupando espaços públicos e transformando-os em territórios de lutas, denúncias e resistência. Aos poucos, o movimento vem ganhando espaço em algumas escolas públicas, através da iniciativa de alguns coletivos de poetas que promovem oficinas e levam sua arte para o espaço escolar, tornando visível a potência do movimento e a produção de vida que se faz (Gusmão, 2023). São indícios da importância desse movimento para tantas existências que insistem em esperar novos caminhos possíveis em uma sociedade que, por sua vez, insiste em inferiorizá-las, apagá-las e submetê-las a uma lógica capitalística (Rolnik, 2021) que necessita, para se perpetuar, manter seu jogo de forças, escolhendo aqueles que dominam e aqueles que são dominados, aqueles que devem viver e aqueles que devem morrer (Foucault, 2008). E é justamente os rastros de alguns recortes dessas inserções de coletivos de poesia slam na escola em que atuo, que agora irei aqui relatar, enunciando **modos de subjetivação de um professor para a coletividade**.

4.2.1 Rasgo - Memórias de um sábado, que não é apenas mais um sábado letivo

Rastro I- Novembro/ 2023

Um dia conquistado com muita luta, pois ainda há aqueles que dizem que “não faz sentido, que todas as vidas importam e que construir datas a partir da perspectiva étnico-racial distingue grupos e todos somos humanos e isso que importa”. Tal falácia, infelizmente ainda presente em muitas falas e pensamentos, está alicerçada em discursos que visam a manutenção de uma hegemonia que, se antes marcava fortemente as diferenças com objetivos de inferiorização e aniquilamento de certos grupos (Mbembe, 2018), ao ver as lutas de tais grupos ganhando força, muda de estratégia e passa a minimizar a luta, procurando marcar aquilo que há em comum, a humanidade, e criticando fortemente a busca pela diferença, negando uma história de apagamento, invisibilidade e apropriação cultural. [...] É como se tal ideal fizesse parte de um conto muito antigo, daqueles que lemos com espanto e assombro por um dia termos convivido com tais ideias e pensamentos. Infelizmente, essa fala referida anteriormente foi escutada, não de uma, mas de algumas pessoas em tempo recente, quando se conquista uma data histórica fundamental para relembrarmos toda diáspora africana e discutirmos o racismo fortemente presente em nossa sociedade: o dia da Consciência Negra. (Trecho de meu Diário de Bordo - Nov. 2023)

Para alguns, um sábado marcado para visibilizar algumas conquistas conseguidas a partir de lutas árduas. Apesar de ser alusivo a uma conquista, esse sábado letivo é um gesto ínfimo perante o tanto de reparação que é necessário fazer nessa história que insiste em perpetuar violências, segregações, exclusões. Esse sábado letivo é alusivo a memórias, culturas, histórias que, visibilizadas, tentam criar novas composições.

Para outros, mais um sábado letivo, considerando estar fazendo muito ao pensar em alguma proposta relacionada à temática referida para este sábado. Esses, organizaram com seus estudantes algum trabalho para expôr ou alguma apresentação para a ocasião, embora pensar numa perspectiva de alteridade e de (des)construção de saberes não tenha sido um objetivo ao longo do ano.

Há também, quem ainda não perceba esse dia como possível construção de

espaço de luta, desterritorialização. Esses, talvez nem tenham trabalhado com seus alunos propostas em uma perspectiva de educação para as relações étnico-raciais ao longo de todo um ano de trabalho, nem sequer para a ocasião do sábado letivo.

Diversidade de pensamentos, de (com)posições frente a saberes, poderes e modos de produção de si. Um sábado letivo, uma cena inicial: a montagem dos espaços afrocentrados que haviam sido planejados por um grupo de trabalho formado por professores de uma escola pública municipal de educação infantil e ensino fundamental para um sábado com a temática Consciência Negra. Já nessas cenas iniciais, é possível mapear rastros, gestos e olhares que marcam intensidades e distanciamentos, sobre um sábado letivo que tinha como objetivo compor narrativas, produzir enunciados e dar efeitos de visibilidade a culturas, saberes e modos de ser e existir. Problematizar sobre epistemologias e vidas invisibilizadas, quando não usurpadas, dentro dos regimes de saber e poder que operam na produção de nossa sociedade e realidade.

Esse sábado não foi apenas um dia marcado no calendário; foi anunciado como culminância de propostas educativas, como chão fértil para semear as relações étnico-raciais. Novembro o abrigava, mas o espírito que nele respirava não queria findar-se ali. A intenção não era encerrar trabalhos ou reduzir práticas àquela única mostra. A ideia maior era que se somassem vozes, se unissem resistências, que se entrelaçassem práticas potentes capazes de dar visibilidade a múltiplas formas de ser e estar no mundo. Um espaço de disputas de narrativas, de (re)existência no campo da educação. O convite-convocação foi feito pelo grupo de trabalho que se formou para pensar sobre as ações desse dia a todos os professores da escola: inscrevam e exponham os trabalhos relacionados à proposta que foram realizados com as crianças e jovens, na escola, ao longo do ano.

Muitos docentes não expuseram nada; a maioria dos que expuseram, produziu algo com seus alunos apenas para aquela ocasião. Poucos foram os professores que trouxeram propostas de um trabalho tecido ao longo do ano letivo. Para alguns, contudo, produzir algo para a ocasião fora bastante — afinal, “estavam fazendo algo”, segundo palavras que ouvi de um dos professores. Mas esse “algo” que para muitos parece suficiente, revela-se, diante da longa política de apagamento e invisibilização, apenas um fragmento, um sopro pequeno e impotente diante de séculos de silêncio, apagamento e invisibilização.

Figura 20- VAREJÃO, Adriana. Autorretratos Coloniais. 1993.



Fonte: Dasartes⁴³ (2022)

*Sem pele clara
Sem comoção
O maior atentado depois das torres
E não passou na televisão
A indiferença é sacada
desde criança
Atentado na Somália não passa
Mas focaram no da França
Que teve 130 mortos
Erraram na proposta
Na Somália mais de 600
Coisas que a TV não nos mostra
Só nesse ano
50 atentandos
Sendo 38 na capital
Devem ver com normalidade
Pois não mostram no jornal.
(Silva [14 anos], 2021, p. 72)*

Em seu poema, o jovem Luiz Miguel da Silva deixa rastros desse lugar de apagamento, invisibilidade e pouca atenção, ou seja, da indiferença que percebe, desde criança, por ser um corpo “sem pele clara”. Poeticamente, o jovem enuncia os efeitos da necropolítica na gestão e abandono dos corpos negros (Mbembe, 2018). Sem abordar teoricamente tal conceito, sua poesia torna visível uma política dos corpos que, estrategicamente escolhe quem vive e quem morre, vidas que importam e vidas que não tem valia e que, para seguir legislando sobre essas vidas, utiliza de dispositivos que deslegitimam suas epistemologias, num movimento que se atualiza constantemente, de desumanização. Não é preciso deixar morrer uma vida para atuar sob o controle de tais regimes de verdade. Basta seguir deixando morrer suas culturas, saberes e modos de ser, estar e viver.

⁴³ Disponível em: <https://dasartes.com.br/materias/adriana-varejaol/>. Acesso em: 15 ag. 2025.

Confluindo com as ideias de ambos autores, ousou aqui pensar em outras existências, ou modos de existir, que também são deslegitimados a partir de discursos sociais hegemônicos, estrategicamente instituídos para apagá-los invisibilizá-los, desumanizá-los, deixá-los morrer; garantindo, dessa forma, a manutenção de sistemas de dominação e jogos de poder. Carvalho (2021, p. 22) chama atenção para o espanto pelo qual os colonizadores narram os povos originários, não aceitando outros modos de viver e existir que estivessem fora da lógica unificadora das verdades absolutas do Estado, colocando-os como primitivos e desumanizando-os: “O processo de colonização a que eles foram submetidos pode ser sintetizado como a impossível aceitação, por parte das manifestações de verdades imperiais, de outros modos de vida”.

Figura 21- ARAGO, Jacques Etienne. "Castigo de Escravos".



Fonte⁴⁴: Wikipédia- enciclopédia livre.

Kilomba (2019), ao falar sobre a máscara de silenciamento de Anastácia⁴⁵ discorre sobre a política sádica de dominação exercida durante o período de colonização e que se mantém atualizada até os dias atuais. Objeto simbólico, a máscara representa práticas de retirada de voz daqueles que se quer como subalternos, desumanizados. Não é mera coincidência que, nos currículos escolares e grande parte de nossa história, “as vozes” de alguns grupos continuem sendo silenciadas e sejam narradas a partir do povo branco europeu, colonizadores. Dessa forma, sem máscaras concretas, pessoas negras e que fazem parte de outras minorias, continuam a ser silenciadas e desumanizadas, pois isso torna possível, ou melhor, socialmente aceitável, todas as formas e políticas de opressão cometidas contra essas populações.

⁴⁴ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Escrava_Anast%C3%A1cia. Acesso em: 19 maio 2024.

⁴⁵ Máscara de metal utilizada durante o período de escravização que impedia que os/as africanos/africanas escravizados/as pudessem falar. Máscara de Anastácia.

Figura 22- PAULINO, Rosana. Bastidores. 1997. Bordado sobre Tela.



Fonte⁴⁶: Pinacoteca (2019)

[...]
Do tronco à margem
Marginalização, incentivo à
mesclagem
Branqueamento
Diga-se de passagem
Adeus escravismo
Adeus escravizados
Senhor Deus dos desgraçados...
Como pode tu assistir tamanha
desgraça
 [...]
Senhor Deus dos desgraçados
Por que rejeita aos seus?

Não era também negro o
primogênito teu?
 [...]
Não és tu o Deus dos compadecidos?
A dona Maria Aparecida já perdeu os
dois filhos e o marido
Numa guerra que não é contra o
tráfico, e nunca foi
Se não, essa nação não seria
construída por traficados
Roubados, vendidos, escravos
 [...]
Da senzala ao enquadro
Da polícia ao capitão do mato
A ética continua a mesma,
corrompida
 [...]
Como é o refrão?
“A carne mais barata do mercado,
é a carne negra”

(Lima [17 anos], 2021, p. 114)

⁴⁶ Disponível em: <http://biblioteca.pinacoteca.org.br:9090/bases/biblioteca/12191.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2025.

“A carne mais barata do mercado, é a carne negra”, escreve Gabriela Costa Lima, retomando o trecho de uma famosa música de Elza Soares. Gabriela questiona discursos recorrentes em nosso contexto social, como os utilizados para justificar as constantes intervenções da polícia nas comunidades periféricas, que referem que tais intervenções são ações contra o tráfico. Ao referir o tráfico, Gabriela opera um giro conceitual, marcando a constituição da sociedade brasileira a partir da miscigenação e do trabalho dos povos que foram traficados e, após, deixados à própria sorte, marginalizados pelas estratégias de poder.

Foucault (2014), elabora a inter-relação entre poder e verdade. Segundo o autor, para que se exerça e perpetue o poder, é necessário que se constitua um regime de verdade que o sustente, ou seja, o poder tem que possuir um efeito de verdade, “onde há poder, onde é preciso que haja poder, onde se quer mostrar efetivamente que é aqui ou lá que reside o poder, é preciso haver a manifestação do verdadeiro” (Foucault, 2014, p. 20). Nesse sentido, o poder de falar carrega consigo a possibilidade de produção de efeitos de verdade. Não é mero acaso todo sistema de opressão cometido contra povos e populações que se quer dominar, retirando-lhe espaços de fala e inviabilizando suas epistemologias. Questionar, portanto, o que está em jogo quando não se pode falar, indagar os coeficientes de controle da fala, com seus tamponamentos, reservas e exclusões convida a pensar na dualidade do que se autoriza ou não como verdade. M., aos seus 13 anos durante as intervenções poéticas na escola, escreve sobre essas estratégias de retirada da fala:

SEM DIZER UMA PALAVRA

*Porque o tempo passou tanto que até meu peito começou a sussurrar
Há meninas que querem dizer que gostam umas das outras,
mas só conseguem fazer isso escrevendo no diário e escondendo em sua gaveta
Há meninos que querem dançar, mas obedecem antes mesmo da música começar
Há mães que guardam rancor entre os dentes e fogem com medo
Há exaustão, há história, mas ninguém escuta
Há artista no canto da cidade falando a verdade*

*Há um mural mandando a real e ele só recebe o desvio de olhar
 Liberdade de expressão não é só dizer o que se pensa
 É poder dizer e não precisar pedir desculpas por existir
 Há nojo preso na garganta das pessoas
 Há palavras censuradas, não pela lei, mas pelo medo
 Há gente que posta e desaparece
 Gente que fala e apanha
 Gente que se cala e morre por dentro
 Falar é viver
 Calar, às vezes, é um jeito triste de morrer devagar
 Então, não diga que é mimimi, não diga que é drama
 Porque há pessoas lutando para serem ouvidas
 E quando você reclama do barulho, pensa
 Enquanto tiver uma voz escondida, uma boca tremendo, uma verdade proibida,
 essa liberdade ainda é metade*

(M. [13 anos], 2025, Slam entre Escolas- poesia falada)

M. produziu esse poema durante as oficinas poéticas do Slam entre Escolas. Apesar da pouca idade, em suas palavras fica evidenciado o movimento de contracultura ou, como colocam Dardot e Laval (2016), contraconduta, opondo-se a forças que oprimem e retiram lugar de fala e expressão de diferentes formas de existência. Em seu poema, M. traz conceitos fundamentais desenvolvidos na tese, como heterogeneidade e homogeneização, denunciando formas operantes de silenciamento praticadas, como a violência e o desaparecimento de pessoas.

hooks ao narrar suas experiências enquanto professora, mulher e negra, relata as dificuldades encontradas em seu caminho para encontrar e poder erguer sua voz. Dificuldades essas enfrentadas desde seu espaço familiar, até o meio social mais amplo. Em um dos capítulos de seu livro “Erguer a Voz” (2019), a autora une-se a tantas outras vozes negras ao falar sobre um poema de Adrienne Rich que leu durante a faculdade, trazendo à tona o sentimento de estrangeiridade da língua colonial e da violência imposta ao povo africano, submetido à aprendê-la e utilizá-la.

Somente como mulher comecei a pensar nesses negros em sua relação com a língua, a pensar no trauma quando foram obrigados a assistir à perda de sentido de sua língua por força de uma cultura europeia colonizadora, onde vozes estrangeiras não podiam se levantar, eram idiomas fora de lei, renegados. Quando me dou conta de o quanto demorou para os americanos brancos reconhecerem as diversas línguas dos índios norte-americanos, para aceitarem que a fala que seus antepassados colonizadores haviam declarado ser mero grunhido ou algaravia era de fato uma língua, é difícil não ouvir sempre, no inglês padrão, os ruídos da matança e da conquista (hooks, 2019, p. 225).

Apesar das tentativas de silenciamento, de negação dessas existências humanas, há (r)existências. Essas (r)existências que procuram formas próprias de intensificar suas realidades, como o uso “incorreto” de palavras por parte dos africanos que subvertiam e opunham-se à língua do opressor. Ato de (r)existência, um espírito de rebelião que formava laços, e porque não dizer, agenciamentos coletivos de enunciação, de tal modo que muitas vezes os brancos não conseguiam entender. Ao trazer essas reflexões sobre a subversão da língua, hooks, que se inspirava e se correspondia com Freire, aponta essa como possibilidade de instauração de rotas de fuga, de abertura de fissuras por onde possam vislumbrar outros modos de existir. Assim, ao trazer a poesia slam para a escola, que tem como fundamento a não utilização da língua culta, abrindo-se a possibilidade dos poetas trazerem suas formas próprias de narrar, ser e estar no mundo, compreende-se que se está operando com **modos de subjetivação de um professorar para a construção de um comum heterogêneo.**

Voltando ao sábado letivo, apesar do pouco engajamento, aqueles que se mobilizaram para desterritorializar a escola, produzindo efeitos de diversidade e pluralidade e abrindo espaços para outras narrativas; compuseram espaços a partir de diferentes linguagens – culinárias, danças, músicas, penteados, brincadeiras, jogos, literatura - que perpassam diferentes manifestações artísticas. Com isso, operou-se, também, uma punhalada que intentou produzir fissuras no dispositivo da escolarização, opondo-se aos axiomas que relacionam saberes à cientificidade do conhecimento. Conforme coloca Maciel Junior (2014, p.6),

[...] é preciso combater as sujeições que nos colocam à disposição dos poderes vigentes e que se verificam em nós através de moções imperiosas. No combate contra, acumular forças para submeter forças é a economia eficiente do relacionamento a si.

Nesse ponto, parece interessante, para não dizer o quão óbvio e estratégico que é, retomar o fato de que a maior parte da produção científica e acadêmica foi e ainda é produzida por intelectuais brancos. Mesmo com os avanços produzidos por políticas como as ações afirmativas, o Censo da Educação Superior de 2020, aponta que na produção científica, “apenas 15% dos trabalhos são realizados por pesquisadores negros – mulheres negras, que são 28% da população geral, são responsáveis por apenas 3% das pesquisas em universidades brasileiras”⁴⁷. Portanto, **apunhalar** discursos que condicionam epistemologias à cientificidade, rasgando a tela para deixar vislumbrar saberes que estão às margens, é ato necessário para forjar fissuras na educação.

[...]

*E no final da história, somos
fantoques de narradores*

[...]

*É o apartheid cultural, onde
não lembramos quem foram nossos autores*

*É o preconceito racial onde
esquecemos quem foram nossos locutores.*

*É a desigualdade intelectual,
que nos fez esquecer todas as greves de professores.*

*Essa é a verdade, a verdade que
ninguém nega,
porque antes uma verdade que dói
do que uma mentira que cega.*

(Nicole do Amaral Serra [16 anos], 2019, Slam Interescolar- poesia falada)

⁴⁷ Reportagem disponível em:

<https://univale.br/consciencia-negra-producao-cientifica/#:~:text=Apenas%2015%25%20da%20produ%C3%A7%C3%A3o%20cient%C3%ADfica,diz%20Censo%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20%E2%80%94%20UNIVALE>. Acesso em: 26 ag. 2025.

Nicole rasga, através de sua poesia, a intelectualidade que narra histórias de pessoas negras e que, junto a essa narrativa, produz efeitos sob seus saberes através de discursos. Certo dia, na universidade, em uma oficina de escrita criativa, o professor pediu que levássemos livros de autores que “nos acompanhavam” em nossas escritas. Lembro-me que separei alguns livros de autores e autoras como bell hooks, Paulo Freire, Ailton Krenak, Mel Duarte, Ryane Leão, Françoise Vèrges e alguns zines de slammers. Na aula proposta, fizemos um exercício com os livros escolhidos e, na ocasião, chamou-me atenção a fala de um colega, também doutorando em educação, sobre autores decoloniais. Ao fim da aula, fui conversar com ele, desejosa por tecer redes e parcerias para estudos e conversas. Contei sobre meu interesse pelos autores decoloniais e o quanto estava aprendendo com eles, que os usaria em minha pesquisa e gostaria de saber por onde ele estava trilhando com esses autores. Ele então afirmou que estava muito interessado e lendo autores decoloniais, mas que, para a pesquisa sentia falta, nesses, de epistemologia. Saí da universidade com um grande incômodo, aquele dia. Incômodo pelo dito e pelo não dito. Incômodo por, dentro de um espaço que se propõe inventivo a modos de produzir potência de vida, ver ainda tão denso o tecido social com seus regimes de verdade.

Carvalho (2021, p. 20) utiliza uma analogia, denominando constelações de verdade aquilo que se propõe como “manifestação absolutas de referenciais existenciais, relações sociais, modos de se pensar, desejar e viver”. Para o autor, viver fora dessas constelações demanda a criação de novos signos, novas composições com a verdade. Compreendo o movimento poético do slam, como modos de produção de si, como modos de produção de subjetividade e, não de viver fora das constelações, mas como forma de produzir novos arranjos para as mesmas.

Nesse sentido, o sábado letivo seguia com sua programação repleta de proposições e convites à experiência. Uma dessas proposições deu-se a partir do convite para que um grupo de slammers realizasse um “ataque poético” na escola. Esse ataque foi organizado pelo grupo de trabalho organizador do sábado letivo junto à professora responsável pelo EEABI⁴⁸ (Espaço Educativo Afro-brasileiro e

⁴⁸ A política dos EEABIS foi implementada no final de 2022 para pensar, planejar e efetivas ações relacionadas à educação para as relações étnico-raciais nas escolas municipais de Porto Alegre. Para operacionalizar a política, as escolas escolhiam, dentre o corpo docente, representantes para participar de encontros formativos propostos pelo núcleo EEABI da Secretaria Municipal de Educação

Índigena) na escola. A professora responsável pelo EEABI era uma das professoras que, juntamente comigo, tencionava trazer o movimento poético do slam para a escola desde 2019.

O Ataque Poético foi realizado por três poetas que chegaram à escola e, já em sua chegada, chamaram muita atenção dos jovens e suas famílias. Quando esses poetas começaram a “atacar” estudantes, professores e famílias com suas poesias, prontamente o público que ali estava foi se aproximando, o silêncio foi se ampliando, os olhares de muitos foram brilhando, e ali, linhas de força se atualizando. Era a primeira vez que um coletivo de poesia slam, operava fissuras naquele espaço, reconfigurando aquele território, num movimento de desterritorialização para que pudesse ser reterritorializado. Quando refiro a desterritorialização e reterritorialização tomo o conceito Deleuziano em que é “[...] o movimento pelo qual se abandona o território, 'é a operação da linha de fuga', e a reterritorialização, como o movimento de construção do território” (Deleuze e Guattari, 1997 *apud* Haesbaert, 2009, p. 127).

O território da escola, marcado por práticas discursivas e não discursivas que conduzem falas, comportamentos e relações, tais como a linguagem culta, o predomínio de saberes científicos e eurocentrados, normas disciplinares, entre outras; foi “atacado” por poesias que subvertem essas práticas, trazendo falas coloquiais, usuais, saberes de povos negros, de mulheres, de periféricos. Nesse momento, apresentaram-se novas linhas de força, que operaram na transversalidade, apresentando-se como linhas de fuga, produzindo fissuras para efeitos de subjetivação. O território da escola foi desterritorializado. Voltará a ser reterritorializado, mas, o que ali se produziu não cessa, e essa reterritorialização se dará de forma outra daquela que antes estava configurada. Uma vez desterritorializado e reterritorializado, os efeitos que ali se produziram, serão atualizados constantemente. Com isso, apunhalou-se e rasgou-se a tela, abrindo fissuras que deixaram vaziar potência de vida.

do município. A política foi implementada após tensionamento do Ministério Público com relação às leis pelas Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 que não estavam sendo praticadas nos espaços escolares.

Os rastros dessa produção puderam ser percebidos posteriormente, quando os jovens traziam em suas falas temas ligados às poesias, citando inclusive trechos, como no dia em que uma adolescente procurou-me enquanto orientadora educacional para falar sobre uma situação em que um colega havia lhe dito que seu cabelo era “um bombril, que parecia que ela havia levado um choque” (L., 12 anos, 2023). Ao falar sobre a situação, prontamente a adolescente fez referência a uma poesia que havia sido declamada na escola nesse “Ataque Poético” pela poeta slammer Agnes Mariá⁴⁹ que abordava o racismo e o empoderamento feminino, afirmando: “isso que ele (referindo-se ao colega) fez foi racismo, ele não tem o direito de falar de meu corpo, nem como aparento ou quero usar meu cabelo. Por anos minhas ancestrais prenderam ou alisaram os cabelos, a gente não vai mais aceitar isso, que nem aquela poeta falou, sora” (L., 12 anos, 2023). Nessa fala, a jovem estudante evidenciou que a poesia slam operou como dispositivo ao criar um novo jogo de forças, novos saberes e abrir espaços de subjetivação e criação de realidades. A poesia slam operou criando **modos de subjetivação de um professorar propositivo de (re)invenção de realidades**.

4.2.2 Rasgo - Ações da Biblioteca, quando o adote um escritor se pluraliza, ou não?

Esse rasgo refere-se a um evento ocorrido na escola em outubro de 2024. O evento fez parte da programação da escola a partir do programa “Adote um Escritor”, idealizado pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Esse programa trata da destinação de verbas para as escolas participantes como parte de ações de incentivo à leitura. A verba destinada às escolas é categorizada, sendo distribuída em várias ações, como compra de livros para repositório de leitura, pagamento de transporte para levar estudantes à Feira do Livro, pagamento de eventos (teatro, apresentação) na escola, entre outros. O evento referido foi pago com parte da verba recebida pela escola destinada a apresentações de incentivo à leitura na escola.

⁴⁹ Artista, poeta e roteirista. Para saber mais sobre a artista: <https://www.instagram.com/agnescomgmudo/channel/>. Acesso em: 01 out 2025.

Para tal evento, foram convidados os estudantes dos anos finais do ensino fundamental e os professores que acompanhavam as turmas. Como parte das ações de incentivo à leitura, foi organizada uma apresentação de poesia slam realizada por um coletivo bastante conhecido na cidade de Porto Alegre. Os jovens poetas declamaram suas poesias que eram incentivadas pelos gritos de quem as assistia. Ao final da apresentação, vários estudantes procuraram os poetas, entregando poesias autorais e pedindo “dicas” de como poderiam participar dos coletivos, manifestando desejo de seguir apostando em suas escritas e articulados ao movimento. Após a conversa com os estudantes, os poetas foram convidados a tomar um café com os professores que desejavam fazer os agradecimentos, novamente, pelo aceite ao convite e por suas contribuições. Durante o café, esses artistas estavam falando sobre as dificuldades de manter seus sustentos a partir da arte, revelando seu desejo de que suas obras pudessem também compor a lista de obras literárias participantes do programa adote um escritor. Como parte do programa “Adote um Escritor”, autores podem participar de um edital e inscrever suas obras literárias que, se escolhidas pelas escolas, são compradas em grande quantidade. Além da venda de suas obras literárias, os autores adotados recebem também pagamento para ir até a escola falar sobre suas escritas. Apresenta-se, com isso, uma possibilidade para que autores possam divulgar suas obras e difundirem seus trabalhos. Porém, ao falarmos sobre o programa, os poetas relataram que aconteceram mudanças recentes no edital, que passou a não aceitar obras escritas por coletivos e a exigir uma série de critérios que excluía suas produções. Prontamente, retomei a problematização proposta durante a banca de qualificação pela professora Dra. Betina Schuler⁵⁰, que justamente apontava a importância do reconhecimento e valorização do trabalho dos artistas, incluindo a possibilidade de engajamento em programas públicos, como o Adote um Escritor.

Nesse sentido, é bem importante nessa escrita pontuar a importância de também produzir fissuras que se propaguem para além das escolas, atuando nos sistemas que organizam suas estruturas, definem metas e conteúdos, estabelecem critérios para editais que possibilitam ou não que obras literárias, com suas

⁵⁰ Professora na Escola de Humanidades e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) na Linha de Pesquisa Formação, Pedagogias e Transformação Digital. Vice-Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/5324014715865436>.

epistemologias, cheguem ou não até as escolas. O objetivo da tese não é analisar o Programa Adote um Escritor, embora, olhar para aquilo que se apresenta como possibilidades de adoções literárias, apesar da indiscutível presença de obras e autores de relevada importância e qualidade, parece ser fundamental e urgente, pois pouco ou nada se vê de obras escritas por autores e autoras com epistemologias insurgentes. E, é justamente nessa pedagogia da implosão (Pinheiro, 2023), como **modos de subjetivação de um professorar composto por múltiplas epistemologias**, que estamos aqui a apostar.

Esse evento ocorreu em outubro de 2024, quase um ano após o sábado letivo relatado anteriormente. Os efeitos de um trabalho em germe (Rolnik, 2021) começaram a aparecer e serão relatados a seguir.

4.2.3 Rasgo - Um novo sábado letivo, a emergência de um dispositivo poético

Em novembro de 2024, quando novamente se propôs a culminância de propostas pedagógicas relacionadas à Consciência Negra para um sábado letivo, era perceptível uma nova forma de ser e estar enquanto escola. Embora ainda pudessem ser percebidos movimentos contrários, rastros das fissuras produzidas a partir de novas epistemologias, muitas delas operadas a partir da poesia slam, emergiram e puderam ser captados.

A importância da poesia vem exatamente do fato de a rachadura, de a abertura para as transformações que mostram a precariedade de toda e qualquer existência, de toda e qualquer positividade, ser na maior parte das vezes percebida como pequena, quase imperceptível, de termos de passar por ela espremidos, apalpando-a, cultivando-a, alargando-a minimamente na proporção, nunca conhecida a priori, de nossas capacidades. Isso, se quisermos confirmar uma maleabilidade maior da(s) (nossas) vida(s), provinda diretamente de sua folga, a minar a crença geral nos sentidos definidos, definitivos e estáveis, quaisquer que sejam. Garantindo a falta, a poesia realiza um arrastão nos sentidos estabelecidos pelas leis do mundo, interrompendo-os (Pucheu, 2014, p. 54).

Ao minar sentidos “definidos, definitivos e estáveis”, abrindo fissuras que possibilitam que novos sentidos vazem e que se criem novas realidades, a poesia slam apresenta-se como possibilidade de produção de efeitos de forças que operam sobre configurações e montagens de mundo. Barbosa (2020), realizou um estudo

aprofundado acerca do fenômeno slam onde teceu fundamentação teórica e empírica situando-o como uma literatura marginal, revelando pistas, ao longo de seu texto, da potência criadora de afirmação de vida e de comunicação transversal que ocorrem no movimento, apesar desses não comporem os objetivos de sua tese. Entrelaçando os rastros apreendidos como efeitos da poesia slam na escola com os rastros pontuados em pesquisas sobre a poesia slam como a de Barbosa, aponta-se para o slam como um dispositivo poético capaz de operar no exercício da militância para a construção de uma educação menor (Gallo, 2002).

Carvalho (2021) aponta a educação como possibilidade de emergência de multiplicidades, de criação de novos signos e construção de verdades, ou seja, efeitos de sentido e poder. Para isso, no entanto, é preciso que a educação também opere como menor, como estrangeira; que consiga vazar pelas fissuras. Isso porque a educação, se tomada a partir da racionalidade neoliberal, atua como máquina de produção de subjetividades dentro do sistema capitalista e neoliberal, mantendo o poder-saber para sua manutenção, onde vidas são vistas como úteis a partir de sua produtividade e os regimes de verdade sustentam hegemonias, segregação, exclusão, apagam diferenças, retiram o poder de fala e invisibilizam existências. Todas essas estratégias articuladas para a manutenção dos axiomas do sistema capitalista, com a economia do tempo e do que é atribuído valor de utilidade, efetivam-se a partir da seleção de conteúdos, da organização curricular e da organização do tempo e espaço dentro das escolas.

Carvalho (2021) ressalta a importância do conceito de experiência quando se busca apontar linhas de fuga na educação. Para tal, recorre aos estudos de Blanchot, que aponta que a experiência é a liberação das possibilidades humanas, a experiência-limite, onde opera o impossível porque contemos todos os possíveis, ou seja, contemos as verdades universais que previnem a ferida; contemos, e deixamos que se abra a fissura. “Sem o assombro da experiência, o infinito questionar cede lugar, na educação, para o infinito adequar-se à unificação das verdades do Estado” (p. 26). Nesse sentido, quando se busca práticas que escapem aos regimes de verdade previamente estabelecidos, opera-se com modos de resistência que subvertem e escapam a essa unificação. Entende-se como

educação menor, portanto, aquela que abre possibilidades para a construção de novos signos de verdades, aquela que passa pela experiência, minando sentidos definitivos e estáveis para possibilitar a reinvenção, para si, de novas produções.

Silva, Hencke e Loponte (2021) trazem um conceito foucaultiano muito importante para a proposição de uma educação menor: práticas de liberdade. Ao falar sobre práticas de liberdade que poderiam nos levar a outros modos de ser e de pensar, construindo modos de resistência, as autoras trazem importantes questionamentos: de quê liberdade se pode falar e como produzir dobras na educação? Perante todo percurso desenvolvido até o momento, onde foram apontados mecanismos de controle e regulação dentro da educação, podemos pensar em confluência com as autoras que a poesia slam, ao romper com discursos hegemônicos, em certa medida, e criar modos de subjetivação inventivos, evidencia potencialidades de práticas de liberdade pautadas na ética e no cuidado de si. Parece fundamental destacar aqui uma ressalva, pois, apesar da poesia slam carregar consigo práticas insurgentes, ela também se produz dentro de um sistema capitalista e neoliberal com seus regimes de verdade. Nesse sentido, Barbosa (2020) pontua em sua tese algumas questões que, de certa forma, parecem como incoerências no movimento, como se dar a partir de batalhas classificatórias, enfatizando estratégias neoliberais como o individualismo e a competição. Ainda assim, a poesia slam apresenta-se como potencial para a construção de espaços de micropolítica dentro da escola, em especial, de micropolíticas da vida, como veremos no próximo rasgo.

Rolnik e Guattari (2008, p. 55) ao discorrerem sobre as revoluções moleculares, aquelas que dizem respeito à micropolítica, apontam para os efeitos emancipadores produzidos ao não se reproduzir os modos de subjetivação dominantes:

A ideia de revolução molecular diz respeito sincronicamente a todos os níveis: infrapessoais (o que está em jogo no sonho, na criação, etc.), pessoais (como as relações de autodominação, aquilo que os psicanalistas chamam de Superego) e interpessoais (como a invenção de novas formas de sociabilidade na vida doméstica, amorosa e profissional, e nas relações com a vizinhança e a escola).

Esses níveis apontados pelos autores perpassam por linhas de subjetivação que podem, ou não, operar na transversalidade. Juntamente com os sistemas de saber, relações de poder, jogos de verdade, essas linhas vão compor um sistema multilinear que é o dispositivo. No dispositivo, essas linhas (Deleuze, 2005, p. 86) “não delimitam ou envolvem sistemas homogêneos por sua própria conta [...], mas seguem direções, traçam processos que estão sempre em desequilíbrio, e que ora se aproximam ora se afastam uma das outras”. Deleuze destaca que, ao apresentar a terceira dimensão do dispositivo, justamente a subjetivação, Foucault faz um exercício de deslocamento de seu próprio percurso teórico-conceitual, apontando para as possibilidades de transpor as linhas de saber e poder, ou seja, todas essas linhas são colocadas em tensionamento constantemente, transpondo umas às outras. Essa linha de subjetivação, pode ser ...

uma linha de fuga. Escapa às outras linhas, escapa-se-lhes. O «Si Próprio» (*Soi*) não é nem um saber nem um poder. É um processo de individuação que diz respeito a grupos ou pessoas, que escapa tanto às forças estabelecidas como aos saberes constituídos: uma espécie de mais-valia. Não é certo que todo dispositivo disponha de um processo semelhante (Deleuze, 2005, p. 87).

Esse sábado letivo apresentou-se, portanto, como uma culminância de estudos que operaram na transversalidade, apresentando rotas de fuga a discursos hegemônicos. Aconteceram mostras poéticas que ressaltaram elementos das culturas africanas e indígenas; culinárias típicas; espaços organizados por estudantes de maquiagem e penteados; mostras de danças inspiradas na cultura afro-brasileira; brincadeiras indígenas e africanas. Para além das vivências práticas que são culminâncias de um trabalho pedagógico que foi crescendo em relação aos estudos para as relações étnico-raciais, o envolvimento dos estudantes em pautas e discussões que visam discutir e problematizar discursos e práticas homogeneizantes foi notório.

Ao propor a poesia slam como dispositivo poético a ser levado para a escola, busca-se **fissurar** o dispositivo da escolarização, deixando vazar novas epistemologias com suas formas de ser e estar no mundo. Assim, propõe-se pensar sobre **modos de subjetivação de um professorar para as práticas de liberdade**.

4.2.4 Rasgo - Slam entre Escolas⁵¹

Os coletivos de poesia slam já vêm, há algum tempo, realizando trabalhos em escolas públicas do Rio Grande do Sul. A inserção acontecia através de apresentações de poesias e batalhas de slam e, por vezes, de oficinas de escrita criativa e produção poética. O interesse dessa pesquisa surgiu a partir do encontro com a poesia slam e dos efeitos desse encontro nas práticas em sala de aula, mas, também, foi potencializado pelo projeto “Slam Interescolar”, que ocorre anualmente em São Paulo.

Desde de 2019, tenho o desejo de desenvolver um projeto com a poesia slam dentro da escola que atuo. Fui realizando no espaço, algumas iniciativas, primeiramente com as turmas para as quais dava aula, depois através da organização de momentos com apresentações de coletivos de poesia slam. Ainda assim, desejava algo maior, que envolvesse a participação de mais colegas professores, um projeto de escola. Nesse sentido, por estar na orientação educacional e não “ter uma turma”, busquei a parceria de alguns professores para efetivar o projeto. Dois professores gostaram muito da ideia e aceitaram um trabalho em parceria. Combinamos que eu entraria nas turmas para falar mais sobre a poesia slam e para trabalharmos oficinas de escrita criativa. Apesar do interesse dos professores, a cada tentativa de entrada nas turmas, algo novo se impunha: conteúdos que não haviam sido finalizados, provas que a mantenedora havia organizado, entre outros.

O dispositivo da escolarização mostrava-se presente e forte, para bem garantir a manutenção do tecido social. Para tal, mantinha práticas discursivas e não discursivas presentes, como a manutenção dos conteúdos em sobreposição à experiência; a gestão do tempo e espaço da escola priorizados a algumas disciplinas; o sistema de classificação através de provas e notas; as propostas individuais em detrimento da construção de coletivos; a retirada de espaços de pensamento crítico e de diversidade. Esse dispositivo atualiza-se constantemente, a fim de responder às necessidades do tempo/espaço em que se encontra inserido.

⁵¹ Para conhecer mais sobre o projeto: <https://www.instagram.com/slam.entreescolas/>. Acesso em: 01 nov. 2025.

Ziliani (2009), ao abordar o dispositivo da escolarização, retoma os primeiros processos que vivemos, nesse sentido, enquanto sociedade brasileira: a escolarização dos povos indígenas. Sob o discurso de extirpação do mal, submetia-se crianças, jovens e adultos a práticas discursivas e não discursivas que buscavam imbuir-lhes valores morais cristãos, desconsiderando seus saberes, pois eram vistos como selvagens a ser educados. As diferenças nos modos de ser, pensar, existir, eram (e continuam sendo) vistas como inferiores, precisando ser aniquiladas em nome de uma humanização. O dispositivo da escolarização vem se atualizando, mas segue operando com linhas de saber-poder que produzem modos de subjetivação pautados na economia capitalista e neoliberal, apagando diferenças para aniquilar vidas e deixá-las a margens sem que isso produza estranhamento e comoção. É a necropolítica, como bem pontua Mbembe (2018).

As tentativas de iniciar as oficinas de poesia slam resistiram por quase um semestre, após aprovação dos Comitês de Ética da UFRGS e da SMSPA, porém mostravam-se infrutíferas, pois não havia engajamento e parceria efetivos. Quando estava quase desistindo de efetivar o projeto na escola em que atuo para participar do movimento que já acontece em outras escolas, em contato com um slammer que faz um trabalho incrível em escolas públicas gaúchas, recebi uma notícia que resgatou o esperançar. Durante esse contato, o slammer relatou que nesse ano, 2025, aconteceria pela primeira vez o tão sonhado e planejado **Slam Entre Escolas** no Rio Grande do Sul. Esse projeto vinha sendo gestado há anos, inspirado no Slam Interescolar de São Paulo, mas não tinha se efetivado por falta de verbas e recursos. Esse ano, através da destinação de verba via emenda parlamentar, o projeto **Slam Entre Escolas** poderia finalmente sair das idealizações e concretizar-se. Para participar do projeto, os idealizadores estabeleceram alguns critérios: ser uma escola pública, deveria ter um professor responsável pelo projeto na escola e um professor deveria participar da formação sobre poesia slam e sobre a organização do projeto **Slam entre Escolas**. Cumprindo os critérios estabelecidos, seriam selecionadas 10 escolas, dentre as inscritas. Prontamente inscrevi a escola em que trabalho e iniciei a divulgação entre os professores e equipe diretiva. Foi uma grande felicidade quando soubemos que a escola em que atuo, havia sido uma

das dez selecionadas para participar do **Slam Entre Escolas**, que recebeu mais de cinquenta inscrições.

Rastro I - Da formação inicial

Antes de iniciar o trabalho em si com os estudantes, que consistiria em 3 oficinas de escrita criativa e poesia slam com um/a poeta slammer, foi organizado um momento formativo para que os professores das escolas pudessem entender o que era poesia slam e pudessem “após as oficinas que tinham um tempo limitado de duração, seguir o trabalho com seus alunos na escola. A proposta é difundir a poesia slam e sua importância para a gurizada”⁵².

A formação para os professores ocorreu numa quarta-feira à noite, na Casa de Cultura Mário Quintana. DKG, um dos poetas organizadores, havia dito que os estudantes interessados poderiam participar, então, a direção da escola em que atuo contratou um ônibus para levar estudantes e professores que quisessem participar da formação, já evidenciando rastros da aposta no movimento. Nossa escola lotou o auditório, sendo que estudantes e professores engajaram-se profundamente durante a apresentação do “Slam Entre Escolas”. Após a apresentação e um breve histórico sobre a poesia slam no Rio Grande do Sul, os poetas formadores declamaram poesias e realizaram uma batalha slam para que quem ali estivesse pudesse experimentar o movimento.

Durante a batalha poética, os estudantes vibravam ao ouvir as poesias. Alguns mostravam-se irrequietos, remexendo-se nas cadeiras. Alguns filmavam as performances dos poetas. Nesse momento, apesar de toda aposta na poesia slam e de todo desejo de que esse movimento adentre nas escolas, senti medo. Medo que, após conversar com outros professores, descobri ter sido compartilhado. Medo porque, frente a um cenário de tantos ataques às escolas e seus professores, efetivados por parte da sociedade que vem se radicalizando em discursos de ódio, levar os estudantes a um espaço onde poetas poetizam sobre homofobia, racismo, machismo e contra à extrema direita, é um ato de coragem. Eu sabia que assim seria, mas não imaginava que estar nesse lugar de responsabilidade perante o que

⁵² Anotações de meu diário de bordo durante a conversa com DKG do Slam Entre Escolas.

viesses de responsáveis e familiares, me traria tanto temor. Conforme relatos dos poetas que organizam o Slam Interescolar em São Paulo, as reações das famílias são diversas e, por vezes, difíceis de serem enfrentadas. “Houve outro pai que ameaçou processar a professora, denunciando-a para a Secretaria de Educação. Alegou que estávamos doutrinando e obrigando os alunos a participarem de um movimento contrário aos princípios que aprenderam em casa” (Assunção *et. al*, 2021, p. 138)

Por meio de técnicas e instrumentos, o dispositivo, seja ele qual for, independentemente de sua finalidade estratégica, busca conduzir as condutas dos indivíduos para que suas formas de ser e de agir sejam (auto)reguladas. O dispositivo é, enfim, uma trama específica de domínios do saber e de modalidades de exercício do poder, que se modificam para atingir um desígnio ... objetivar (Hilário; Ziliani, 2023, p. 3).

As linhas de força contrárias à mudança, como coloca Freire (2021), apareceram rapidamente. As atualizações constantes nos dispositivos, exigidas pelas economias capitalista e neoliberal, produzem efeitos de destemporalização, competitividade, individualismo, tecnicismo, entre outros. Para funcionar o dispositivo, atualizam-se práticas difusas, como a incidência de outras formas de controle que são complementares para diminuir dissidências, como o movimento escola sem partido. Embora não tenhamos recebido ameaças e nem ataques de nenhuma família posteriormente, os modos de subjetivação com suas economias já cumpriam seu papel de controle e coerção de nossos corpos e atos. Ainda assim, seguimos o projeto com esperança, apostando na construção de **modos de subjetivação de um professorar militante, que faz da docência exercício da micropolítica.**

Rastro II - Das oficinas em ato

Após a formação inicial para os professores, da qual participaram muitos estudantes, DKG⁵³, Desperta⁵⁴ e Afroblack⁵⁵ foram até a escola apresentar o Slam Entre Escolas para os estudantes, a fim de incentivar a participação. Afroblack seria responsável pelas oficinas de escrita criativa e poesia slam na escola. As poetas Desperta e Afroblack, declamaram suas poesias, uma delas abordando o racismo. Uma das estudantes que participava do momento, emocionou-se, chorou ao ouvir a poesia. Também chamou atenção o movimento de um menino, que assentia e vibrava com cada palavra dita. No final, esse menino foi até os poetas expressando seu desejo de participar das oficinas. Ele participou, sendo que em todas as oficinas a poeta formadora esperava sua presença, evidenciando a construção de um significativo vínculo, que desdobrou-se como efeitos sobre sua história e produção de si. Esse menino, após as oficinas de poesia slam, seguiu produzindo escritas poéticas, reivindicando espaços de fala, derramando em suas escritas sua história e levando-as para a Feira do Livro de Porto Alegre.

As oficinas ocorreram por inscrição e foram ministradas paralelamente às aulas. Os estudantes inscritos levaram, para suas casas, a autorização para participar. No primeiro dia, li os termos de Assentimento e Consentimento Livre e Esclarecido, informando da participação voluntária de quem quisesse na pesquisa que utilizaria dados coletados durante as oficinas, garantindo o anonimato dos participantes. A primeira oficina estava repleta de participantes, o que não se sustentou até a última, 3 semanas depois.

Durante as oficinas, muitos jovens desejavam escrever, mas não queriam ler suas escritas para os demais. A poeta formadora incentivava os jovens a lerem suas escritas dizendo: “finge que não tem ninguém aqui”. Mesmo com o incentivo, vários recusaram-se a ler perante o grupo suas escritas, restringindo-se a mostrar à

⁵³ Artista, produtor, MC, slam master, diretor da Nação Hip Hop RS, apresentador do Hip Hop TVE. Para conhecer mais sobre o artista: <https://www.instagram.com/dkg.dekilograma?igsh=MTIxazM0M2F5d2JndQ==>. Acesso em: 13 set. 2025.

⁵⁴ MC, poeta slammer, escritora. Para conhecer mais sobre a artista: <https://www.instagram.com/poetadesperta?igsh=ZXBwMTI0c2VwdmF1>. Acesso em: 13 set. 2025.

⁵⁵ Arteira, artista, slam master. Para conhecer mais sobre a artista: https://www.instagram.com/_afroblackmc?igsh=MTVzd3VpeG1xankyaw==. Acesso em: 13 set. 2025.

arte-educadora ou a mim. Ainda que não ocupassem espaço de visibilidade perante seus colegas, esses jovens desejavam o exercício da escrita, deixando suas narrativas, suas vivências e seus rastros grafados sobre o papel. Esses jovens demonstram a potência da escrita como produção de si, como espaço de elaboração de pensamento e de experiência que, mesmo que não falada a um grande grupo, insiste em garantir sua existência, provocando a desacomodação de si.

Dessa linha Barthes, soltaram-se outros fios que sinalizavam, cada vez mais insistentes, um desejo de escrever. Mas o quê? Intenções de voz: timbres, modulações, um súbito embargo, possível sinal de tristeza, um gaguejo, um grunhido, um rumor, uma mudez. Vozes-textos transpassados por acontecimentos singulares, em que palavras ganham peso e cor, e reverberam os afetos que rondam um sujeito. Vozes que coreografam as várias composições subjetivas que ensaiamos viver, transitando por territórios molares, resistindo às suas emboscadas. A infatigável “esfera de produção de si mesmo”, em que viver é dizer sim à irremediável desacomodação de si, sabendo que talvez não seja possível encontrar em parte alguma uma posição confortável para enfim reclinar o corpo (Preciosa, 2010, p. 88).

A proposta da arte-educadora era de que, após algumas orientações e inspirações, os jovens escrevessem a partir de temas livres. Ao longo da escrita, a arte-educadora ia passando nos grupos e dialogando sobre os temas que surgiam, sugerindo ideias para que eles pensassem sobre o tema de forma poética. Nos minutos finais, a poeta formadora abria espaço para quem quisesse ler sua produção. As três oficinas, que duraram cerca de 3 horas cada uma, ocorreram com essa proposta. Entre as escritas dos jovens, eram visíveis rastros de produção de si, onde apareciam temas como racismo, machismo, homofobia, xenofobia, desigualdade social e a recente enchente que assolou o Rio Grande do Sul e afetou significativamente a comunidade escolar: muitos tiveram suas residências atingidas e a escola virou abrigo temporário. Como orientadora educacional, conhecia grande parte dos participantes e, confesso, fiquei encantada ao vê-los elaborar em suas escritas, histórias de si. Da parte dos jovens, a busca pela validação e visibilidade: eles queriam mostrar-me suas escritas. Grande parte dos participantes eram jovens com históricos recorrentes de questões disciplinares pontuadas por professores. Ao

ver suas escritas e narrativas de si, fiquei questionando o que a escola, dentro de sua organização, não permite a esses jovens demonstrar ou produzir em sua potência? Jovens com potencial criativo enorme e sensibilidade, mas que ocupam um lugar de baixo desempenho pelo sistema e estrutura organizacional da escola. Ao escreverem suas poesias, esses jovens operaram fissuras nesse lugar que também lhes destinavam. Abriram fissuras numa lógica e organização que não potencializa a vida, pois, se assim fosse, não seriam narrados como “alunos-problema”. Ou, se assim o fossem, que a palavra problema fosse sentida em sua potência de convite à busca de soluções inventivas e não à tentativa de normatização e normalização.

Os jovens, com suas poesias, operaram fissuras e convocaram a pensar sobre a necessidade de criar, na escola, espaços transitórios onde circulam enunciados contra-hegemônicos; espaços de contestação; contraespaços; espaços de heterotopia (Silva; Hencke; Loponte, 2021). Ao pensar em espaços de heterotopia na escola, pode-se (re)pensar a escola como “um lugar alternativo onde é possível a existência de outras relações entrelaçadas pela potência da criação, um amálgama de anseios, desejos, pensamentos, coletividades que singularizam o aprender” (idem, p. 46). Assim, a poesia nos propõe ousar e repensar o cotidiano escolar como um entre-lugar, como um lugar de educação menor, onde o aprender e o criar sejam mais importante que o ensinar. Dessa forma, é nos processos de subjetivação como experiência de si, a partir da aprendizagem, que se produz devir-outro. Para isso, a educação deve preocupar-se mais com o aprender do que com o saber. O que vivenciamos, enquanto cotidiano escolar, é uma planificação curricular que valoriza o saber que considera útil dentro dos jogos de verdade, e não a experiência do aprender. Por isso, produzir heterotopias implica “[...] tomar o cotidiano escolar como o entre-lugar da escola maior, aparelho de Estado estratificante e segmentarizador e da educação menor, máquina de guerra nômade, alisadora e produtora de linhas de fuga” (Gallo, 2008, p. 10). Tomar o cotidiano da escola como um entre-lugar convoca modos de **modos de subjetivação de um professorar heterotópico**.

HOMEM ARANHA

*No topo dos prédios, onde o vento assovia,
Desce um vulto na noite, que ninguém desafia.
Com máscara e alma marcada na dor,
Carrega o peso de um "grande poder e valor".
Ele não voa, mas voa no salto,
Entre becos e fios, num ritmo alto.
Teia na mão, verdade nos olhos,
Homem ou aranha, dono do próprio "escolho".
O mundo ignora, a mídia detona,
Chamam de ameaça o herói da zona.
Mas mesmo na dor, na solidão da missão,
Ele volta pro corre sem hesitação.
Viu o tio cair, viu o amor partir,
Mas não deixou o mundo inteiro ruir.
Bate de frente com os monstros da vez,
E mesmo quebrado, encara outra vez.
Nova York respira o nome dele no vento,
Mas o nome real, fica no pensamento.
Peter é só um jovem tentando viver,
Com boletos, deveres e o dom de proteger.*

(A. [13 anos], 2025, Slam entre Escolas- poesia falada)

Esse poema, escrito e declamado por um estudante institucionalizado com necessidades educativas especiais durante as oficinas do Slam Entre Escolas, evidencia o desejo e o lugar de poder fazer suas escolhas. Ameaça ou herói, distância entre como lhe chamam e como se percebe e quer se apresentar. Por trás de uma máscara, marcada na dor, um jovem que já viveu tantas perdas, inclusive a do vínculo familiar. Um jovem que, apesar de todas as dificuldades que lhe foram apresentadas e que se atualizam por práticas segregadoras que lhe direcionam a esse lugar de “não aprender, de ser uma ameaça”, em sua escrita revela o desejo de proteger. Com sua poesia, A. cria, para si, outra possibilidade e torna-a visível aqueles que lhe escutam que, admirados, percebem a potência daquele menino

que, por tantos anos, viveu sob a “máscara” de quem não conseguia criar. Naquele instante, subjetividades se entrelaçaram por práticas que produziram novos efeitos de realidade para A. e para os demais presentes. A poesia de A. operou a montagem de mundo para si e para os outros. É importante, portanto, a problematização das tentativas constantes de normalização dentro da escola, que excluem e apagam as diferenças, tornando-as “ameaças” que devem ser combatidas. Ao romper com essas lógicas, numa pedagogia da implosão, celebramos e dançamos com elas, descobrindo suas potências e construindo espaços plurais e inventivos. Seria tal ideal possível ou utópico? O que se sabe, é que nos permite esperar e buscar fazeres que, mesmo que temporariamente, tornem possível tais construções, como pôde ser visto na batalha final que ocorreu na escola e que será relatada na próxima seção.

Rastro III - A batalha final na escola

A batalha final ocorreu no dia 23 de julho de 2025 e tinha como um dos objetivos selecionar o/a representante da escola para participar da final do **Slam entre Escolas** com os representantes das demais escolas participantes do projeto. Nesse momento, que era o 4º encontro com a arte-educadora, vários jovens já haviam deixado de participar dos encontros. Conforme as oficinas foram ocorrendo, foi ficando evidenciada a diminuição da participação dos jovens. Na primeira oficina tinham 35 participantes e, na última, apenas 18. A diminuição da presença dos jovens traduz algumas questões importantes a serem aqui problematizadas:

- A primeira delas refere-se ao fato de que, mesmo tendo sido um movimento apoiado pela escola e amplamente divulgado ao corpo docente que os estudantes dos anos finais estariam participando de oficinas de escrita e poesia slam, vários professores agendaram atividades avaliativas concomitantes aos dias e horários das oficinas, que ocorriam uma vez por semana durante 3 horas. Os estudantes acabavam “optando” por realizar as atividades avaliativas para não terem prejuízo em suas avaliações. Fica claro o funcionamento do dispositivo da escolarização, regulamentando e orientando práticas, bem como coagindo espaços de pensamento e construção de coletivos. Nessas práticas evidencia-se, mais uma vez, o objetivo

da escola em relação ao cumprimento do calendário, conteúdos e sistema de avaliação.

- A segunda delas refere-se às formas de saber-poder que circulam, mesmo que não discursadas, atuando sobre os corpos e inibindo-os de sua capacidade e potencialidade inventiva. Muitos jovens manifestaram em suas escritas o desejo de que essas palavras/narrativas pudessem sair e que fossem escutadas por outros, mas o medo do “julgamento” fazia com que não produzissem tal ato. Nesse sentido, tornaram-se perceptíveis as linhas de saber, ou seja, o medo do erro ou de estar “fora” daquilo que é esperado ou instituído, paralisou. Mesmo compreendendo que a escrita de si opera efeitos de produção, ainda que não seja “declamada” perante um coletivo, a arte-educadora dizia que todos leriam suas poesias como exercício de “desinibição” e, o medo de ter que tornar visível ao outro suas produções, fez com que vários jovens desistissem das oficinas.

- A terceira refere-se ao tensionamento causado pelas temáticas das poesias slam. Assim como muitos jovens assentiram e demonstraram engajamento ao ouvir a arte-educadora lendo poesias ou ao assistir aos vídeos de jovens estudantes declamando poesias em batalhas slam, muitos também evidenciaram desconforto, movendo-se nas cadeiras, fazendo piadas e rindo ou até mesmo levantando e saindo da sala. Percebi essas movimentações corporais mais acentuadas quando as poesias tematizam questões de raça e/ou gênero. Penso que, deixar-se **fissurar** convoca disponibilidade e assentimento. Quando são tratadas temáticas tão sensíveis, mas que não fazem parte das práticas pré-estabelecidas ou que são realizadas por pessoas cujas epistemologias não são “reconhecidas” socialmente, os efeitos de refluência também acontecem.

Essas são algumas das possíveis problematizações sobre o esvaziamento das oficinas. Quando pensamos sobre subjetividades, é fundamental considerar as singularidades implicadas no processo. Ainda assim, considero importante analisar esse fenômeno de forma responsiva em diálogo com as questões teóricas propostas na pesquisa, que buscam refletir sobre os movimentos coletivos e os processos de subjetivação dentro de um espaço escolar a partir da poesia slam.

Dos 18 jovens participantes do último encontro, alguns queriam participar da batalha final, outros apenas queriam assistir. Foi um momento inicial tenso, pois

vários jovens que haviam participado das oficinas e realizado escritas belíssimas, não queriam participar “para não se exporem” (B., 13 anos) com medo dos julgamentos, críticas e deboches dos demais jovens. Sem sua participação, seria difícil acontecer uma batalha final. Tal situação provoca a pensar na escrita e em seus fundamentos, como coloca Skliar (2016) ao pensar sobre o que produz o ato de escrever. Ainda mais quando se propõe a pensar no ato de escrever sobre si, narrar sua vida a partir de traços grafados no papel. A escrita sobre si é ato de reinvenção e não necessariamente precisa transpor suas linhas e páginas, fazendo-se mostrar ao outro. Por vezes, essa escrita é a produção da própria experiência e traduz a busca de sentido por aquele que escreve para consigo mesmo.

O medo manifestado por alguns/algumas estudantes do julgamento do outro convocam a pensar, para além das linhas de força e saber, sobre a fragilidade do coletivo e do sentido de pertencimento a um grupo dentro da escola, revelando uma grande necessidade de avançar em trabalhos orientados no sentido da ampliação de espaços de construção coletiva e de pertencimento em comunidade, onde saberes e fazeres insurgentes encontram força e acolhimento. Outro aspecto interessante a ser pensado é sobre as possíveis incoerências do próprio movimento que se coloca como espaço coletivo tão potente na criação de novos modos de existência, mas que propõe como modo de fazer a competição que classifica escritas e narrativas tão sensíveis de si, atribuindo notas e elegendo um ganhador ou uma ganhadora, prática compatível com a racionalidade neoliberal. É importante pensar: nessa competição, quem sai ganhando? É bastante difícil, numa escrita tão apaixonada e transformada por tal movimento, tecer essas críticas, mas operar fissuras é algo que ocorre na multiplicidade e no exercício constante de questionamento para provocar novas montagens. Ainda assim, é importante destacar que batalhar é opcional, pois há espaço para os poetas que desejam declamar suas poesias sem competir, nos chamados versos livres. Evidentemente que, considerando a sobrevivência em uma sociedade capitalista, a competição mostra-se como um importante caminho para aqueles que querem fazer dessa arte sua forma de trabalho e de sustento.

Retomando o movimento da batalha final na escola, aqueles que queriam participar da competição diziam não querer que a mesma fosse para toda a escola, pois não se sentiam “à vontade de ler na frente de todo mundo”, conforme palavras de S., participante da final. Compreendo, nesses gestos, para além das questões pontuadas sobre a experiência da escrita de si e do formato de competição, o tensionamento de linhas de força com relação a saberes e poderes que, mesmo não sendo explícitos, atuam na coerção e na retirada de espaços de voz, como pontuado anteriormente e poemado por A., um estudante de 13 anos que escreveu diversas poesias, mas não aceitou ler nenhuma para os demais participantes.

VOZ LIVRE

*Tenho palavras dentro do peito
que dançam, pulam, querem sair
Não posso calar elas, mas não posso contar.*

*Liberdade é sopro no vento
Às vezes não tenho liberdade
o medo do julgamento existe.
Nem toda palavra é perfeita
mas toda fala é direito.*

(A. [13 anos], 2025, Slam entre Escolas- poesia falada)

Importante destacar que na escrita de A. fica evidenciado que ele tem palavras dentro do peito que “dançam, pulam, querem sair”, mas que, apesar desse desejo e até da necessidade de “vazamento”, o “medo do julgamento” “estanca”, paralisa A. e impede que suas palavras possam ser narradas para compor outras possibilidades no coletivo. É o tecido social, com suas tramas densas, dificultando a abertura de fissuras.

Os poetas slammers acolheram a solicitação dos jovens, pois “ninguém é obrigado a fazer poesia ou declamar, a ideia é construir um espaço plural de pensamento e respeito. Aos poucos, eles vão se permitindo e se descobrindo nesse caminho” (DKG, poeta organizador do Slam Entre Escolas).

Para a batalha final, 10 jovens se inscreveram. Também tiveram 2 inscrições para verso livre, que é quando um/uma poeta declama sua poesia, mas não quer competir. A organização foi feita da seguinte forma: 4 professores da escola participaram como jurados; 2 poetas, Desperta e DKG, puxavam o grito– calibragem — antes dos poetas declamarem suas poesias e cuidavam da ordem das falas; a arte-educadora que ministrou as oficinas ficava dando suporte para os jovens; e outro poeta slammer estava responsável pelo registro através de filmagens e fotografias. Uma turma de 8º ano, que tinha um número significativo de colegas participando da batalha final, foi convidada a assistir à final. A batalha ocorreu em uma sala “multiuso”, destinada a apresentações, formações e eventos artísticos que ocorrem na escola.

Os professores jurados que acompanhavam as apresentações, evidenciavam pistas corporais de surpresa, encantamento e enlaçamento com aquilo que seus jovens alunos narravam. Parecia-me, naquele instante, que esses jovens operavam fissuras neles e em seus professores, deixando vazar, por entre essas, suas vidas em dimensões e invenções que não tinham até aquele momento tido a chance de serem vislumbradas. Nesse ato, construíam coletivamente novas composições, bord(ej)ando tais fissuras com o fio da poesia slam que lhes enfeitava e lhes dava novos contornos. Construíam-se novos **modos de subjetivação de um professorar que se permite fissurar e bord(ej)ar.**

*No banheiro, chora sem som,
esconde o corpo, se sente em tom
fora da música que dizem tocar.
Mas só tocam se ela deixar de sonhar.*

*Na rua, calçada parece um campo,
olhos que pesam,
bocas sem tampa, um “oi” vira assombro,
um passo, tensão,
porque ser menina exige atenção.*

Disfarça a roupa, revê o trajeto,

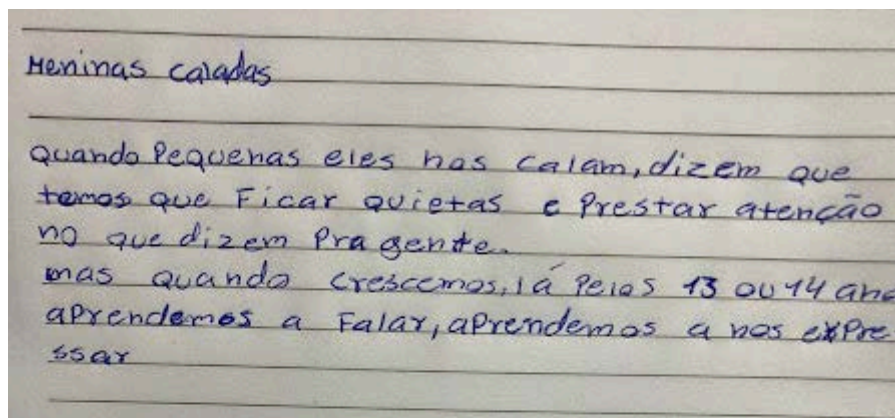
*carrega mil planos e um spray no afeto
“Se cuida, menininha, não dá motivo”,
como se o perigo fosse ser vivo.*

*Mas ela aprende a virar trovão,
a escrever nas paredes da opressão:
“Não sou medo, nem distração.
Sou força, sou corpo, sou revolução.”*

(N. [15 anos], 2025, Slam entre Escolas- poesia falada)

Na poesia, N. fala sobre levantar sua voz, sobre ter ficado calada por muito tempo, sobre ser de uma geração que não se cala. Ao mesmo tempo, N. fala sobre os perigos e medos de ser mulher, que está a todo instante assombrada pelo medo de que algo possa lhe acontecer a ponto de seu corpo ter que esconder. Ao colocar seus saberes em sua poesia, tornando-os coletivos, N. provocou vibrações e assentimentos. Outras meninas, que ali estavam presentes, claramente manifestavam seu apoio e o encontro com o que a jovem ali falava. Seus olhos brilhavam quase como uma espécie de espelho. As jovens pareciam sentir-se contempladas pelas palavras de sua colega. Muitos meninos, por sua vez, baixaram a cabeça, num misto de reflexão e constrangimento, talvez, por aquelas palavras ali proferidas. Independentemente das reações diversas produzidas durante a declamação da poesia, no final essa jovem vibrava, sorria, evidenciando clara felicidade por ali poder colocar-se. Desse encontro, impossível sair da forma como se chegou. Considerando a poesia slam como um dispositivo poético, proponho a pensar nas linhas de saber, poder e subjetivação aí postas em efeitos. Saberes daquela jovem menina sobre ser mulher e ter voz, apontando novos enunciados e ocupando um lugar de visibilidade. “Assim, regimes de enunciação se combinam com regimes de visibilidade que apontam para uma outra forma constitutiva do saber, que Deleuze (1986/2013) denomina de “visíveis”” (Gimenes, 2022, p. 12).

Figura 23- PEREIRA, Karine. Fotografia tirada de um poema elaborado durante as oficinas de poesia slam do projeto **Slam entre Escolas**. 2025



Fonte: Imagem do acervo pessoal. 2025

Ainda segundo Gimenes (idem), enquanto a dimensão do saber pode ser estratificada em duas formas (enunciação e visibilidade), a dimensão do poder só pode ser apreendida na sua correlação de forças. Parece bastante importante, nesse sentido, destacar os afetos produzidos e apreendidos no momento citado. A poesia, proferida por uma jovem, falava sobre ser mulher negra, sobre ter voz. Reivindicava um espaço para seu saber, buscava operar uma fratura em discursos que colocam a mulher sob signos de representação associados à fragilidade e à submissão. Revendo o mapa de afetos desse momento, percebe-se a correlação de forças entre diferentes lugares.

Essas relações de forças podem ser compreendidas como um diagrama informe, como uma máquina abstrata na qual se articulam diversas funções não formalizadas (função compreendida como capacidade da força de afetar) e matérias não formadas (matéria compreendida como capacidade da força de ser afetada) (Gimenes, 2022, p. 16).

Ainda, parecemos estar operando com forças verticais e horizontais, estratificando diferenças. É preciso encontrar a transversalidade, a linha de fuga, de subjetivação, pois como aponta Foucault, o poder carrega consigo potência e produção. Ao buscarmos a linha de fuga, podemos arriscar pensar sobre o movimento que surge na contramão do que costumeiramente observamos no

espaço escolar, meninas ocupando um protagonismo e reivindicando sua voz, denunciando práticas patriarcais e compondo coletivos para apoiar-se, construindo espaços de diferenciação ao inventar novas realidades, novos modos de produção de si. Espaços que potencializam a vida ao dançar com “as existências”.

Enquanto processos de subjetivação, não têm a ver com sujeitos ou com individualidades, mas com a produção de modos de existência que, ao resistir ao estabelecido, saltam para além dos limites de cada momento na direção da criação do novo, na produção de outros modos de existência e outras possibilidades de vida que se escapam aos saberes/poderes instituídos (Gimenes, 2022, p.20).

Pensar na poesia slam como dispositivo poético é compreendê-la como um conjunto de práticas e saberes que criam correlação de forças, movendo saberes, poderes e possibilitando, ou não, linhas de fuga. Assim, a poesia resiste ao estabelecido, conforme pontua Gimenes (idem), na perspectiva de pensar sobre o poder como produção das relações entre coisas e palavras, ou seja, a partir da relação entre enunciações e saberes que se unem pelas linhas de força, produzindo efeitos de realidade.

A poesia de B. também convoca a pensar sobre as práticas do sistema em que estamos inseridos. Ao questionar “por que o sistema é assim?”, B. denuncia práticas e, com suas palavras, nos convida a um encontro com suas vivências e seus saberes que não fazem parte do cotidiano escolar.

POR QUE O SISTEMA É ASSIM?

*Sempre que eu saio pra tramar,
os bota acham que fui puxar um finim
Mas não, eu tô tranqüilão
Ajudando os meus irmãos*

*Eles acham que sou ruim,
Mas não
Vim para fazer o bem,
Mas é sempre assim
porque a gente só está fazendo uma coisa boa
Mas para eles, é coisa errada
Que palhaçada*

*Porque o sistema é assim?
 Quando eles batem,
 dão uma emparedada,
 eles socam,
 mas nunca acham nada.
 Porque o sistema é assim?
 Eles sempre pensam que a gente faz coisa errada.
 Porque o sistema é assim?
 Eles sempre pensam que o negro está abaixo do branco,
 então o mundo vai ser sempre ruim
 Porque o sistema é assim?*

(B. [14 anos], 2025, Slam entre Escolas- poesia falada)

Ao questionar o sistema, B. fissa regimes de verdade que tramam o tecido social, trazendo temas como o racismo e a opressão e violência com a qual pessoas negras e periféricas são tratadas. B. traz saberes constituídos de forma empírica e, em sua poesia, traz problematizações que se aproximam às propostas por Mbembe (2018) ao falar sobre a necropolítica. São saberes que se constituem na experiência e que, justamente por se tratarem de vivências sociais, são problematizados, pesquisados e constituídos em sua cientificidade a partir de epistemologias. O silêncio da poesia penetra mundo submersos, como coloca Evaristo (2017), e, ao mesmo tempo, propõe novas formas de pensar, tornando visível formas de violência, como o silenciamento e a invisibilização tão recorrentes e que fazem parte das estratégias de aniquilamento social e das relações de poder. As poesias slam, aqui no Brasil, tem como marca suas temáticas de denúncia e enfrentamento ao sistema capitalista, neoliberal e excludente que vivenciamos em nosso país (Barbosa, 2020), lutando pelas pautas das chamadas minorias.

A batalha final transcorreu de forma extremamente potente, deixando rastros de formação e transformação operadas pela poesia slam. Tivemos três fases: a primeira onde todos os/as 10 poetas inscritos/as declamaram suas poesias e tiveram suas performances avaliadas pelos 4 jurados; a segunda fase em que 5 poetas que tiveram notas mais altas e que tinham três poemas escritos declamaram suas poesias e tiveram suas performances avaliadas pelos 4 jurados; a terceira fase em que 3 poetas que tiveram notas mais altas na segunda fase declamaram suas poesias e tiveram suas performances avaliadas. N. venceu o campeonato e, após

vencer, declarou: “estou me sentindo muito feliz por ter sido campeão/ã do slam e eu me senti uma pessoa que tem voz, me senti uma pessoa importante com todo mundo vindo me abraçar e gostei muito de como foram as aulas do slam, queria participar mais, vou ver como funciona e se minha mãe deixar eu vou continuar seguindo o caminho do slam”. (N., 15 anos, 2025)

Após a batalha final na escola, em que N. foi campeão/ã e selecionada como representante, ocorreu uma final entre as outras escolas que também selecionaram seus representantes.

Rastro IV- A grande final do Slam entre Escolas

Figura 24- Imagem da divulgação da final do Slam entre Escolas, 2025.



Fonte⁵⁶: Slam Entre Escolas (2025)

A batalha final do **Slam entre Escolas** aconteceu em um sábado a tarde, no dia 25 de outubro de 2025, no Centro de Experimentação e Pesquisa Cênica- Escola de Teatro Popular Terreira da Tribo⁵⁷. A grande final contou com a participação de 9 finalistas, sendo um representante por escola em que foi desenvolvido o projeto, pois uma das escolas selecionadas não participou da Grande Final. As escolas participantes eram 6 escolas municipais de Ensino Fundamental; 2 escolas estaduais de Ensino Médio; e 1 instituto federal de Ensino Médio. Os representantes tinham idades diversas, sendo a mais nova, uma estudante do 4º ano do Ensino Fundamental, com 9 anos; e os mais velhos, estudantes do Ensino Médio, com 17 anos.

⁵⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/slam.entreescolas/>. Acesso em: 20 out. 2025.

⁵⁷ Para saber mais sobre o espaço: <https://www.instagram.com/oinoisaquitaveiz/>. Acesso em: 01 nov. 2025.

Algumas escolas conseguiram transporte e levaram os participantes das oficinas para prestigiar e torcer por seus representantes. O espaço Terreira da Tribo estava cheio, inclusive faltando assento para algumas pessoas que, prontamente, acomodaram-se nas arquibancadas. Em um primeiro momento, os idealizadores do projeto Slam entre Escolas fizeram uma fala de agradecimento aos artistas pela disponibilização do espaço. Os artistas, fazendo uso da palavra, agradeceram por poder fazer parte de um movimento tão importante para a educação e manifestaram o desejo de criar um coletivo de poesia slam da Terreira da Tribo. São as confluências reforçando, mais uma vez, a potência da poesia slam como ação e transformação de territórios. Após, os idealizadores do projeto passaram um vídeo apresentando momentos da inserção da poesia slam nas escolas e alguns depoimentos que erguiam coletivamente vozes evidenciando o poder transformador da poesia slam em suas comunidades educativas e em suas vidas. Trago aqui algumas transcrições do que foi enunciado:

“Só temos a agradecer, enquanto professores, pela oportunidade de ter tido o prazer de vivenciar a poesia em nossa escola. Foi transformador ver a potência dos jovens e o engajamento com temas tão importantes para nossa sociedade [...]”
(Professora)

“[...] É muito importante lutarmos por políticas públicas que garantam o acesso à poesia e a outras possibilidades de expressão, de literatura e de construção de saberes [...]” (Professora)

“Eu não sabia que eu era capaz de escrever poesias. Participar das oficinas foi transformador em minha vida, pois eu percebi que sou capaz e que posso fazer a diferença na minha vida e na vida de outras pessoas.” (Estudante)

“Participar do slam nas últimas semanas foi algo muito legal e inexplicável. Eu gostei muito de escrever, e isso me ajudou a expressar meus sentimentos.”
(Estudante)

“Hoje eu vou falar um pouco de como foi participar nessas últimas semanas do Slam entre Escolas. Foi muito bom pra mim, aprendi bastante coisa, consegui expressar meus sentimentos bastante, fiz bastante rima, e aprendi muita coisa... que a rima não é só rimar, falar, ou até mesmo gritar. A rima é expressar os sentimentos, a rima é tirar tudo do coração, tirar tudo do coração e também demonstrar o amor que a gente sente pelo slam. É isso.” (Estudante)

“Meu nome é K., tenho 13 anos e estudo na escola B.. Eu gostei muito do slam. Foi algo muito legal na minha vida. Consegui expressar o que eu precisava expressar. Aprendi a escrever poesia, e isso será algo que sempre fará parte da minha vida.” (Estudante)

“Meu nome é A., tenho 14 anos e sou da escola A. Foi uma boa ideia poder me expressar através do slam. O slam ajuda a gente a se acalmar, a conversar com os outros, com os amigos. Eu estou tentando expressar meus sentimentos, como todo mundo faz — e o slam é pra isso.” (Estudante)

“Viver a poesia slam através da potência de crianças e jovens me fez repensar minha prática docente, pois eu não sabia que eles eram tão capazes. Muitos professores se surpreenderam também, pois os alunos mais barulhentos foram os que mais conseguiram fazer suas vozes brilhar e seus gritos transformarem. Acho que o barulho deles era a palavra precisando sair.” (Professora)

Os depoimentos evidenciam e somam coro à tese **de que a poesia slam opera fissuras na educação a partir da produção de modos de subjetivação no professorar que potencializam a vida e a construção de espaços de heterogeneidade na escola, abrindo possibilidades para novas formas de ser e estar no mundo.** Estudantes, ao falarem sobre o quanto puderam expressar seus sentimentos e aquilo que precisavam expressar, marcam um lugar do espaço criado a partir da poesia slam de potência de afirmação de vida a partir da circulação da palavra, onde puderam falar e expressar aquilo que se sentiam. Essa potência de

vida conflui com os “amigos” que se encontram, conversam e se acalmam, compondo coletivos para as enunciações que se apresentam. Mais que poderem falar e expressarem o que sentem, nas rodas de poesia slam puderam dar visibilidade a seus saberes, experiências e vivências. As professoras, ao falarem sobre a experiência vivida com a poesia slam em suas escolas, destacam o quanto foram surpreendidas ao verem seus/suas estudantes nesse lugar de produção de si, de criação e recriação, trazendo suas epistemologias e mobilizando devires ao tratar de temáticas tão sensíveis e importantes. Ficou evidenciado, durante a participação nesse encontro final e durante as falas dos professores, que os efeitos que havia sentido em meu professorar e que percebia em colegas de minha escola, também ecoavam nas demais docências que ali se colocavam abertas a pensar novas montagens de fazer educação. Ao final das batalhas, a campeã do **Slam entre Escolas** foi uma estudante de uma escola estadual de Ensino Médio, com 17 anos.

K., a vencedora do **Slam entre Escolas 2025**, em seus três poemas trouxe temáticas como o racismo, homofobia e machismo, criticando as “estruturas do sistema”, conforme colocou em seus versos. K., com seus 17 anos, traz em seus poemas um pedido aos professores e professoras, gritando por aquilo que acredita ser urgente e necessário na educação:

Professor, professor, é pra copiar?

É que no quadro tá escrito que o Brasil foi descoberto

Mas eu acho que falar que ele foi invadido e explorado é o jeito mais correto

Já tinha gente vivendo nessas terras quando eles chegaram

e deixaram nossos povos com os restos

Aí “fessora”, princesa Isabel não é nossa salvadora

Se é pra homenagear alguém pelo fim da escravatura

homenageia quem estava mesmo na luta,

quem sangrou pra acabar com a opressão,

e não quem assinou um simples papel por pressão

O racismo não acabou com a abolição

Então não fala como se todo nosso sofrimento fosse passado

se ainda vivemos com as marcas da discriminação

“Fessor”, “fessora”, dia do índio

*Não é só colocar um cocar e gritar com a mão na boca
Isso é puro estereótipo, não é a cultura rica dos nossos povos
Estou aprendendo agora tudo o que não me ensinaram*

*Tive que aprender sozinha a ver o racismo
por trás das obras de Monteiro Lobato
Passei anos achando que Machado de Assis era branco
Mas hoje eu entendo que ele só era um negro
que eles não queriam ver alfabetizado e sendo aclamado*

Por isso, eu quero que nos ensinem mais do que o básico.

*Eu não quero decorar nomes de monarcas europeus
Eu quero conhecer as histórias que, durante muitos anos,
esse sistema escondeu*

*Quero ler Carolina,
e escrever mil poesias,
quero que a história pare de matar artistas,
de proibir as roupas das gurias,
reproduzindo pensamentos machistas
e passando pano pra homofobia*

*E, acima de tudo,
eu quero que entendam
que cultura, educação antirracista e história
é a verdadeira educação
que esse Brasil precisa*

Em sua poesia, K. convoca seus “fessores” e “fessoras” a repensar suas docências e fissura “esse sistema que esconde” histórias, apaga memórias e elege conteúdos e epistemologias que não representam as memórias, culturas e trajetórias de alguns povos, que são nossos ancestrais. Ao escrever sua poesia, K. conflui com muitos dos saberes que constituem essa escrita, como os de Ailton Krenak, bell hooks, Achille Mbembe, Grada Kilomba, Conceição Evaristo, Antônio Bispo dos Santos e Djamila Ribeiro. A partir das epistemologias slamgrafadas, K. mobiliza devires no saber-fazer docente, produzindo **modos de subjetivação de um professorar da escuta sensível e atenta às vidas que lhe encontram.**

4.2.5 Rasgo- A transversalização do Comum do Heterogêneo

A poesia slam convoca a acessar o plano de ação que aqui se propôs a pensar, repensando-o numa perspectiva de construir um mundo comum e heterogêneo. Nesse sentido, Kastrup e Passos (2013), apresentam uma questão importante a ser considerada quando pensamos no plano comum do heterogêneo: Como encontrar o eixo transversal que garanta a inseparabilidade entre o comum e o heterogêneo? A partir dessa reflexão, apontam alguns limites instáveis que se apresentaram como grandes questões no decorrer da pesquisa-intervenção:

- Limite entre o que comuna e o que difere:

Ao pensar naquilo que comuna e naquilo que difere, parece oportuno refletir sobre o próprio movimento de poesia slam. As batalhas e performances que acontecem nas ruas, espaço onde se dão grande parte das batalhas poéticas, são marcadas pelo uso de palavras que, socialmente, são consideradas de baixo calão e pelo tom de denúncia. Essas poesias, carregadas de críticas, por vezes escancaram repúdio a certas figuras políticas, deixando marcado, por vezes, um posicionamento político partidário. Os poetas parecem construir através de suas poesias, espaços de protesto, não só a práticas e discursos sociais, mas também a pessoas públicas e instituições que atuam de forma opressora e tiram o direito à vida no que diz respeito a diferentes formas de ser e existir. Nesse sentido, se

buscarmos o comum, ou seja, esse lugar de composição e recomposição de subjetividades, parece pertinente pensar sobre os territórios que se constituem também em conjunto com esse comum. Pensar a rua como território, portanto, refere-se a compreendê-la para além do espaço físico, percebendo-a como espaço social e cultural onde circulam saberes e subjetividades. Ao construir espaços poéticos nas ruas, novas linhas de força são apresentadas, criando tensionamento com outras que ali já operam, desenhando-se um novo plano comum. Com isso, entende-se que o movimento de poesia slam opera, em muitas situações, movimento de reterritorialização. O limiar entre o que difere e o que comuna, pode ser pensado a partir de novas composições entre espaços que excluem e espaços que incluem; a rua como espaço físico e a rua como espaço social; discursos totalizantes e discursos singularizantes; vozes silenciadas e vozes escutadas; corpos invisibilizados e corpos atuantes. É na transversalidade que se dá a produção do fora, de uma lógica que rompe com a dicotomia entre homogeneização e hierarquização das diferenças, buscando a criação de um mundo comum. Apesar dos efeitos produzidos nas batalhas poéticas, a poesia slam ainda apresenta-se como dicotômica aos efeitos produzidos pela lógica do tecido social ao qual estamos submetidos. Apresenta potentes linhas de força para tensionar territórios e rotas de fuga, mas para a criação desse comum, é preciso encontrar o limite que ultrapasse a dicotomia.

Ao adentrar os muros da escola, fica perceptível a transfiguração, em certa medida, do movimento de poesia slam. Tornam-se visíveis, dessa forma, as linhas de força que atuam no espaço escolar. Considerando a educação um campo em disputa, as disputas por narrativas são constantes. Assim, as poesias trazem palavras socialmente aceitas e não fazem inferência político partidária, nem criticam figuras políticas. A intenção, a partir de tal colocação, não é trazer qualquer tipo de julgamento ou opinião sobre aquilo que se considera adequado, ou não, para um ambiente escolar, salientando que, o que se considera adequado ou não, assim como a própria linguagem, faz parte de um constructo social. A ideia, com tal exposição, é compreender as forças que operam no espaço da escola e que, de certa forma, trazem configurações diferentes ao movimento. O que comuna, assim, é a possibilidade de fazer ouvir e ver corpos-vozes, com suas narrativas, que

muitas vezes não tem espaço de fala e visibilidade. O que comuna, são discursos contra hegemônicos, falas sobre-vivência, sujeitos dispostos a construir novas possibilidades e a mergulhar em experiências.

TERRA DE TODOS

*O sotaque é diferente,
o rosto também,
mas os meus sentimentos
são os mesmos que vocês têm.*

[...]

(Y. [15 anos, estudante venezuelana], 2025, Slam entre Escolas- poesia falada)

- Limite entre o que conecta os diferentes sujeitos e objetos implicados no processo de pesquisa e o que, nessa conexão, tensiona:

Ao pensar sobre o que conecta os sujeitos da pesquisa, inevitavelmente aparecem as palavras - quase como coladas - pertencimento, justiça social e transformação. Ainda assim, faz-se fundamental aguçar a atenção cartográfica, aprofundando aquilo que parece ser tão evidente. Ao propor tais palavras, é importante analisá-las dentro de suas dimensões micro e macro, ou seja, elas falam sobre processos coletivos, mas são oriundas de movimentos singulares e subjetivos. Aquilo que parece, portanto, conectar os sujeitos da pesquisa, são processos subjetivantes de desejo: desejo por outras possibilidades de ser e estar no mundo, o comum. Ao oportunizar espaços de circulação da palavra, criando lugares de composição e recomposição de subjetividades, os sujeitos são conectados a partir de novas narrativas. Essas narrativas, produzidas a partir de efeitos de heterogeneidade, entram em disputa com outras que fazem parte e circulam pelo espaço escolar. Nesse sentido, criam-se tensões importantes que, durante a pesquisa-intervenção, materializaram-se, entre outras formas, através do medo de perseguições políticas para com a escola e seus servidores e de ataques

da comunidade escolar. Ao abrir espaço para pensamentos não hegemônicos, percebe-se prontamente o jogo de forças contrárias. Importante ressaltar que o medo não se funda apenas em atos e ações diretamente relacionadas e executadas, mas também a partir do conhecimento construído socialmente do que acontece quando se busca criar linhas de fuga.

No mesmo ato, a partilha reparte a realidade e cria domínios de participação. Partilhamos um domínio comum do qual fazemos parte em função do modo como juntos habitamos um território, coexistimos em um tempo e compartilhamos um tipo de atividade, um modo de fazer (Kastrup; Passos, 2013, p. 268).

- Limite entre o que regula o conhecimento e o que mergulha na experiência:

Considerando o conhecimento como uma produção social, compreendemos que sua regulação se dá a partir de disputas. Não obstante, temos acompanhado recentes discussões acerca das bases curriculares e daquilo que é dado como saber. Para além do conhecimento “formal”, enquanto humanidade construímos um enorme aparato de saberes que regulamentam nossa forma de ser e estar no mundo. Alguns saberes, considerados universais, legislam e apagam saberes outros que, conforme Carvalho (2021), encontram-se fora das constelações, ou seja, não fazem parte daquilo que é dado, a partir do discurso hegemônico, como saber. Ao ler autores que apresentam sistemas outros de pensamento, como autores indígenas e quilombolas e tentar desconstruir uma lógica totalizante, compreendemos a importância do assombro da experiência que abre, de certa forma, espaço para o novo. Apenas com o vazio criado pela experiência, talvez seja possível abrir espaço para o comum.

As subjetividades serializadas do mundo contemporâneo são um claro exemplo de realização do homogêneo. Já o comum, segundo Jullien, é um conceito político. Não é dado *a priori*, mas se enraíza na experiência, se aprofundando e se enriquecendo com ela. Devemos construir um comum que não é pautado em relações de semelhança nem tampouco de identidade (Kastrup; Passos, 2013, p. 267).

Assim, ficaram evidenciados rastros do quanto a poesia slam produz epistemologias a partir do mergulho na experiência, onde os/as jovens poetas, ainda na sua adolescência, trazem em suas escritas temáticas profundas e fundamentais para discussões e para o avanço do que se produz/regulamenta enquanto conhecimento na educação. Ao mesmo tempo, operar com esses conhecimentos/saberes que emergem da experiência convoca a um “andar sobre as bordas” ou até fora delas, uma experiência quase que de deslimite, no sentido em que são conhecimentos, muitas vezes, insurgentes e não regulamentados como conhecimentos formais.

Trazer para o plano comum da escola o mergulho da experiência, apunhalando, rasgando e fissurado saberes regulados pela racionalidade neoliberal, deixando vazar vidas com suas multiplicidades, é bord(ej)ar novas composições do comum, onde heterogeneidades dancem suas existências, montando novas formas de ser e estar nesse espaço. Nesse sentido, importante destacar que um/uma dos participantes das oficinas poéticas de slam, que ao final trouxe em suas palavras que descobriu-se “uma pessoa com o poder de falar, que antes não sabia que o tinha” (trecho de uma conversa), cerca de um mês após todo o processo vivenciado, denunciou para sua família abusos sexuais que vinha sofrendo há anos de um parente e que antes não tinha tido coragem de denunciar.

[...]

*o poeta que não sabia que era
poeta e com sua voz hoje invade
os quatro cantos
posso ouvir a menina doce
criando narrativas novas
e bonitas
sua mãe cheia de orgulho
sua quebrada celebrando
quando declamou
poesia foi possibilidade*

*aquele que terminou
uma relação abusiva
porque leu um poema
sobre a importância
de não escapar de si
pegou a cria, pediu ajuda pras suas
e foi embora pra nunca mais nesse rompimento
poesia foi cura
[...]*

(Leão, 2019, p.187)

Com sua poesia, Ryane Leão (2019) narra histórias que confluem com o que esse/essa jovem viveu e pôde ressignificar em sua vida. A poesia mostrou-se como possibilidade de aumentar a potência de vida, contribuindo para que esse/essa jovem “(re)encontrasse sua voz” e pudesse perceber que a história de abuso que vivenciava não era apenas dele/dela: era uma dor partilhada, vivida por muitos e muitas em uma sociedade violenta que objetifica relações. Ao participar dos encontros de poesia slam, esse/essa jovem relatou que descobriu “uma rede, que sentiu consigo a força de um coletivo para poder contar algo que não aguentava mais viver” (trecho de conversa). A poesia, através de um exercício de construção coletiva, produziu efeitos de realidade para esse/essa jovem que não mais se enxergou só nessa situação, escutando vozes que compartilhavam suas dores e, ao mesmo tempo, incentivavam que pudesse agir para escapar dos abusos que sofria há anos.

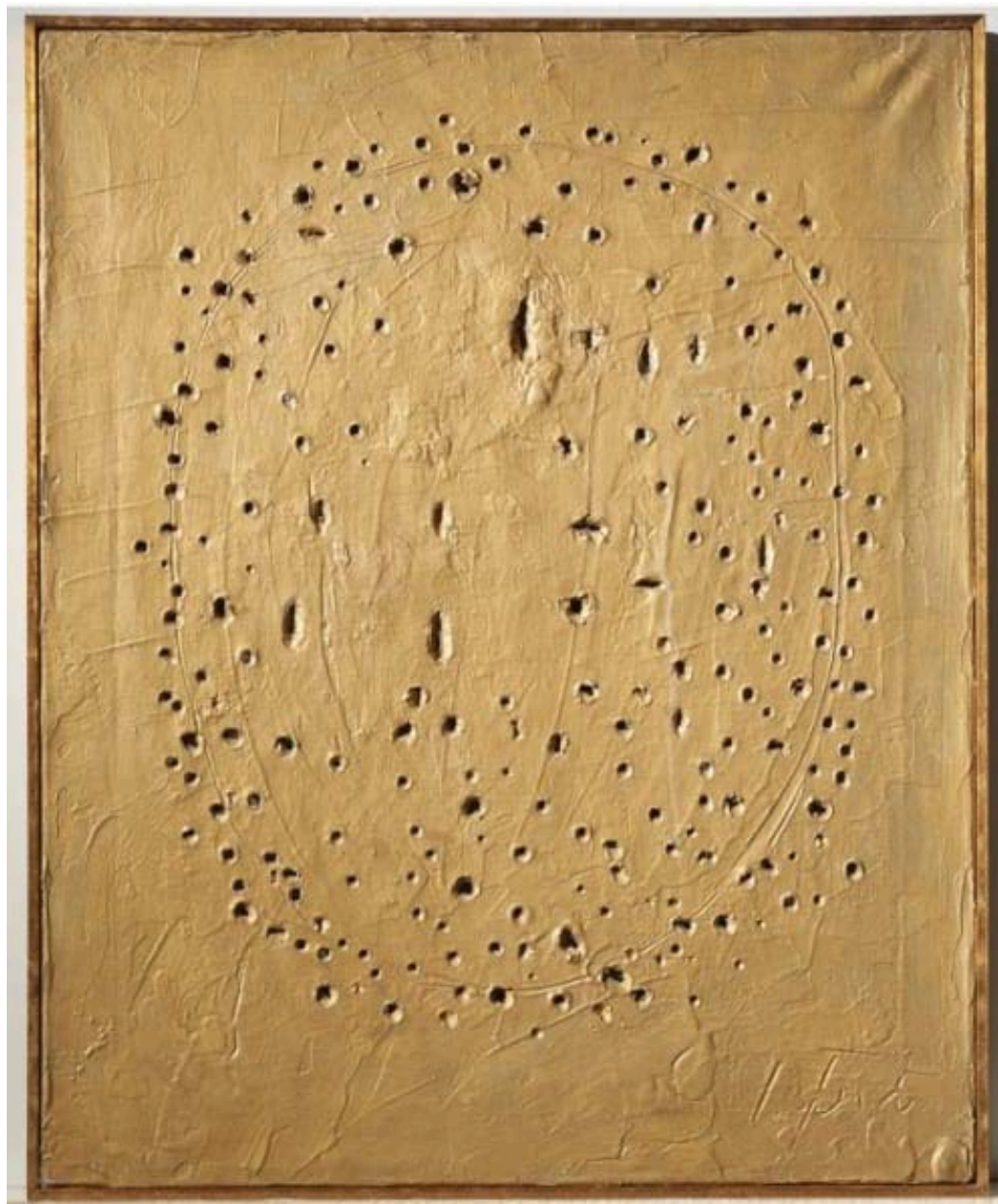
Nesse sentido, a poesia slam operou como força de criação de modos inventivos de vida, convocando a pensar no **professorar como ato de criação**. Durante a banca de qualificação, a professora Cristiane da Silva Costa⁵⁸ convocou a pensar sobre modos de existência que são invisibilizados e silenciados pelo Estado e na urgência de pensar modos de criação como potência de vida. Em sua tese,

⁵⁸ Professora do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Pós-doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2085945204588242>

Costa (2022), ressalta a importância da criação como desafio, como força que instiga não só o pensar e o agir, mas a criar e recriar a vida. Nesse sentido, tomar o professorar como ato de criação é investi-lo dessa potência de criar e recriar vida, de tecer afetos e construir redes coletivas que possam potencializar modos de existência e resistência. Para tomar o professorar dessa forma, no entanto, é preciso fissurar um denso tecido social, com seus regimes de saber e poder que legislam sobre o ato da docência e insistem em limitá-lo ao ato de repassar conteúdos e preparar para a aprovação em sistemas classificatórios e para o mercado de trabalho. Tomar o professorar como ato de criação, portanto, já é um ato de resistência que só é possível quando apunhalamos, rasgamos e fissuramos essa tela — tecido social — que aqui estamos a bord(ej)ar com novas composições.

5. Bord(ej)ar: a urgência de novas composições

Figura 25 - FONTANA, Lucio. "Concept Spatiale". 1950. Óleo sobre tela



Fonte⁵⁹: Wikiart- Enciclopédia das artes.

“ A arte vai ser uma coisa completamente diferente. Não é um objeto nem uma forma. A arte vai se tornar infinita, imensidão, imaterial. filosofia. Basta da função burguesa da arte. Abra as portas”.
Lucio Fontana

⁵⁹ Disponível em:

<https://www.wikiart.org/pt/lucio-fontana/all-works#!#filterName:all-paintings-chronologically.resultType:masonry>. Acesso em: 20 maio 2024.

Abrir fissuras não é tarefa fácil, pois exige experiências de sentido, ou, como coloca Deleuze (1988), de não-sentido. Esse não-sentido que se dá naquilo que escapa às essências universais, quando é permitida e suportada, a “vaziez” (Preciosa, 2010), pode ser acessado apenas quando conseguimos escapar desse contexto totalizante, quando conseguimos **fissurar** a tela e deixar esvaír. Caminhamos, enquanto sociedade maior⁶⁰, rumo à extinção da experiência, pois o tempo de viver, sentir, contemplar, esperar, elaborar, vivenciar, experienciar não tem mais permissão para acontecer na rede discursiva que governa modos de agir, ser, existir. Nossa existência acontece sob o imperativo da produtividade, onde o ócio não é permitido, tem que ser extirpado. Quantas vezes escutamos amigos, familiares e colegas relatando sentirem-se “culpados/culpadas” por ficarem um tempo sem produzir? O mais interessante, me parece nessa questão, é o que se considera produção. Fico pensando, profundamente, o que (não) foi produzido?

Parece-me, assim, que até o que pode ou não, ser considerado como produção foi capturado pela lógica capitalista neoliberal. Recordo-me de Larrosa (2002) e retomo o ócio e o vazio em seu potencial de criação, em sua irreverente e insistente pulsação de acontecer, em sua potencialização da diferenciação e da vida, apesar de... Apesar de sermos governados pelo tempo do relógio. Apesar de vivermos o imperativo da agilidade, da aceleração de mensagens, da impaciência à escuta. Apesar de passarmos, como grande parte dos trabalhadores de nosso país, a maior parte de nosso dia trabalhando, sem poder parar, contemplar, criar. Apesar de vivermos tempos em que os discursos da meritocracia massacram aqueles que tentam sobreviver. Vivemos, apesar de... Ou, sobrevivemos, apesar de.

Recentemente, faleceu um homem que contribuiu de forma grandiosa com seus posicionamentos políticos progressistas e pensamentos que provocam fissuras nos saberes instituídos, Pepe Mujica. Em sua morte, muitas de suas palavras e pensamentos ganharam grande repercussão, entre elas, uma que abriu enorme fissura em mim: “quando compramos algo, não compramos com dinheiro, mas com

⁶⁰ Considerando a pluralidade de formas de ser e existir, bem como diferentes sistemas de pensamento, utilizarei o termo “maior” tal qual o conceito Deleuziano para associar a estruturas estabelecidas através de discursos hegemônicos e regimes de verdade totalizantes. Nesse caso, ao falar em sociedade “maior”, estou referindo parte da sociedade que se encontra submetida a essa representação.

o tempo de vida que gastamos para consegui-lo. Mas com uma diferença: a única coisa que não se pode comprar é a vida. A vida se gasta” (Mujica, 2015). Vivemos, apesar de vendermos aquilo que temos de mais precioso: nosso tempo de existência. Vivemos, apesar de não pensar muitas vezes como podemos dançar e fluir com a pluralidade das existências. Vivemos, apesar de sermos subjetivados por práticas discursivas e não discursivas que despotencializam aquilo que temos de mais precioso: a vida. Vivemos e, por vezes, sequer temos consciência disso.

Tomar consciência, nesse contexto que nos cerca, é tomar uma posição política, ética e estética, nesse caso, poética, para **fissurar** a tela. É preciso parar, criar e recriar outras formas de ser e estar. Considero, portanto, que suportar a vaziez, jogando-se à experiência é um verdadeiro ato de resistência e combate àquilo que está instituído. Interessante pensar que, sempre que alguém comenta sobre sua “culpa” pelo ócio, juntamente vem atrelada uma fala como: “mas estou me sentindo muito melhor, renovado/renovada, estava precisando!”. Pergunto-me: onde foi que a produção de capital tornou-se mais importante que a produção de vida?

Reconhecer e potencializar os vazios tão caros ao sentir e à experiência, como práticas de cuidado de si e de criação de novos mundos, é urgente e necessário. Infelizmente, esses vazios são raros em nossa sociedade atual, repleta de informações e de verdades totalizantes (Larrosa, 2002). Saber suportar o vazio, provocar a dúvida, as problematizações, poder criar naquele espaço fértil, é o que se busca para potencializar a vida. Pergunto-me, então, como, em meio a uma lógica de economia capitalista subjetivante acerca do tempo e de uma economia liberal subjetivante acerca do que é considerado útil (Guattari; Rolnik, 2008), propor tempos e espaços para tal? Não tenho a pretensão de trazer respostas a tais questionamentos, mas sim de me permitir devir enquanto escrevo, questiono, leio e releio, buscando a interlocução com quem aqui lê essa escritura⁶¹, apostando nesse movimento fluido e conjunto de pesquisar com, escrever com, ler com, devir com.

⁶¹ A escritura, ou o texto, é “todo discurso em que as palavras não são usadas como instrumentos, mas encenadas, teatralizadas como significantes. Toda escritura é portanto uma escrita, mas nem toda escrita é uma escritura” (Rodrigues, Damico, 2018, p. 286).

Pensar em potencializar a vida implica pensar sobre modos de existência. Ao pensar sobre modos de existência, recorro a Lapoujade (2017) e seu convite ao questionamento das dimensões da realidade e da existência: Como intensificar a realidade de uma existência ou, como tornar mais real aquilo que existe? Considerando que somos produzidos e produzimos realidade, como pensar nessas possibilidades inventivas no exercício do professorar?

Nesse sentido, o autor convoca a dimensão do outro, ou seja, é preciso o outro para legitimar uma existência, para fundamentar modos de existir que são socialmente legitimados, ou não. Fonseca (2016) nos auxilia a problematizar tais questões ao trazer em suas narrativas e pesquisas as (in)existências de pessoas internadas em hospitais psiquiátricos: pessoas inexistentes para grande parte da sociedade que as invisibilizam e desumanizam a partir de uma política higienista que as segregou e as retirou do convívio social; pessoas existentes porque há desejo, um desejo que pulsa por afirmar sua existência e que pode ser manifestado através de uma linguagem outra, a da arte.

Portanto, reencontrar aquilo que se faz presente, mas não é visto em sua potência, tal qual a ponte de pedras citada por Lapoujade (2017), que passa despercebida aos olhos da grande maioria das pessoas, mas que, para aqueles tocados pelo sensível, desvela-se com toda sua potencialidade de criação, parece ser um bom caminho a seguir. Recorro à beleza da metáfora citada pelo autor como sopro de leveza para lembrar tantas culturas que, desde a colonização em nosso país, têm sido submetidas a processos violentos de apagamento, silenciamento, aniquilamento. hooks (2019) afirma que silenciar um povo é retirar sua liberdade, desumanizá-lo, tirar sua potência de vida e sua humanidade, criando, estrategicamente, corpos tristes e deprimidos, despotencializados para a luta e para a formação de coletivos. Ainda assim, apesar de toda a opressão sofrida, encontram-se nessa tela todas essas culturas, todos esses modos de existência que, para aqueles tocados pelo sensível, tal qual a ponte citada por Lapoujade, são vislumbrados em toda sua potencialidade de diferenciação e criação de um plano comum heterogêneo na escola.

Ao retomar o conceito de experiência de Blanchot e ao discorrer sobre os povos originários, Carvalho (2021, p. 25) coloca como a experiência dos povos de sociedade sem Estado poderia se transformar em “expressão possível do outro céu de manifestações de verdade”. Retomo, nesse sentido, um questionamento feito por Loki (2017) em sua aula magna: “Como nos afetarmos sobre os desmandos políticos, sobre as desigualdades, sobre as violências cotidianas que estão visíveis e nos mantêm tolerantes, alienados, alheios?”. Instigada por esse questionamento, vislumbro, mais uma vez, a sensibilidade daqueles que utilizam a criação para viver fora das constelações, que vêem a ponte em potencial, o devir de novos caminhos e de novos sistemas de pensamento a partir do diálogo intercultural, a partir da voz dos grupos chamados minorias. Sensibilidade essa, potencializada pela arte, e que permite a esperança e o esperançar: esperança no futuro, ao assistir jovens estudantes declamando poesias impregnadas de pensamento crítico e luta por oportunidades; esperançar é o que move a busca por novas possibilidades para uma docência que vise **apunhalar, rasgar, fissurar** a tela para que se vislumbrem caminhos que se proponham a ser potência de vida.

Retomando o percurso aqui transcorrido e rememorando rastros e pistas do que aqui se propôs, uma cartografia da docência, posso dizer que certamente foram minhas fissuras enquanto mulher-professora, em uma sociedade patriarcal e que desvaloriza a educação, que encontraram na voz da poesia slam o espaço de afetamento que precisavam para que eu parasse de ignorá-las. E, ao mesmo tempo, foi nesse espaço que novas fissuras vieram rasgar-me, abrindo espaços para novas possibilidades. Audre Lorde (1984), em seu texto “Poesia não é um luxo”, representa uma importante voz para as mulheres ao falar sobre a importância da poesia. Corroboro com suas palavras, somando a ela minha voz e ciente de que tantas outras fazem o mesmo movimento.

Para as mulheres, então, a poesia não é um luxo. É uma necessidade vital da nossa existência. Ela cria a qualidade da luz sob a qual baseamos nossas esperanças e nossos sonhos de sobrevivência e mudança, primeiro como linguagem, depois como ideia, e então como ação mais tangível. É da poesia que nos valem para nomear o que ainda não tem nome, e que só então pode ser pensado (Lorde, 1984, p. 36).

A poesia possibilita novas construções de sentidos, permite o esperar e, arriscaria dizer, pensando com Rolnik (2021), novos sistemas de pensamento. Enquanto mulher e professora, fui atravessada pela poesia e transformada, sentindo os efeitos de produção que construiu modos de subjetivação: de um professorar para confluências; de um professorar do esperar; de um professorar antirracista; de um professorar da implosão; de um professorar de modos inventivos de produção de si; de um professorar poético das existências; de um professorar para a coletividade; de um professorar da diferenciação; de um professorar composto por múltiplas epistemologias; de um professorar para a construção de um comum heterogêneo; de um professorar militante; de um professorar heterotópico; de um professorar para as práticas de liberdade; de um professorar da escuta sensível e atenta às vidas que lhe encontram; de um professorar como ato de criação; de um professorar propositivo de (re)invenção de realidades; ou seja, de um professorar potencializador de vida por se permitir **fissurar e bord(ej)ar**.

Percebo, ainda, em tantas poesias que escuto nas batalhas de slam, que esses modos de subjetivação que senti como efeito estão presentes em relatos de outras pessoas tocadas pela poesia slam. Esses relatos, vociferados por outros corpos vozes, visibilizam as fissuras produzidas e a transformação através da poesia slam. Por isso, foi nas batalhas poéticas, que novos dispositivos de enunciação passaram a compor meu mapa. Nesse espaço poético, educativo, ético, estético, político, somei forças a um coletivo, percebendo a forma rizomática como os afetos mobilizam-se, unem-se, espalham-se, compõem-se.

*Quando meus pés
abrandarem na marcha,
por favor,
não me forcem.
Caminhar para quê?
Deixem-me quedar,
deixem-me quieta,
na aparente inércia.
Nem todo viandante
anda estradas,
há mundos submersos,*

*que só o silêncio
da poesia penetra.*

(Evaristo, 2017, p. 18)

Inspirada pelos afetos que me compõem durante esse percurso, trago um questionamento que pulsou durante toda minha pesquisa e segue insistindo em pulsar cotidianamente em meu professorar: “Por quê a escola que é considerada uma boa escola, uma escola “forte”, é a que mais aprova no vestibular e não aquela que potencializa e preocupa-se com a vida?”.

Essa pergunta-problema permanece habitando meus pensamentos, provocando ecos, reflexões e mobilizando a busca por aportes teóricos e movimentos práticos a fim de ressignificar o lugar ocupado pela escola no discurso social. Assim, importante escapar à lógica e propor outro questionamento: “O que pode uma escola que se proponha à vida?”. Evidentemente que o currículo e o conteúdo fazem parte da escola, mas é fundamental repensar sobre como se constrói o currículo e para que e para quem se propõem os conteúdos, quais são os projetos políticos que os sustentam? Quem os define?

Currículos que cada vez mais retiram espaços de pensamento e reflexão, direcionam grande parte da grade horária para a instrumentalização técnica — vide a reforma do Ensino Médio — visando a manutenção do mercado de trabalho da classe operária, burocratizam o nosso trabalho docente, inibem movimentos criativos e coletivos, excluem as diferenças ao tentar invisibilizá-las. Portocarrero (2011), ao falar sobre a normalização, ressalta que essa se tornou um grande instrumento de poder no final da época clássica, justamente por ter como objetivo estabelecer aquilo ou aquele/aquela dentro do “normal”, homogeneizando “as multiplicidades, ao mesmo tempo em que individualiza, porque permite as distâncias entre os indivíduos, determina níveis, fixa especialidades e torna úteis as diferenças” (Portocarrero, 2011, p. 75). É preciso, urgentemente, ressignificar esse saber-fazer da escola, é preciso que as grandes escolas, aquelas que sejam as mais valorizadas, sejam justamente as que busquem subverter esse movimento e, com isso, (re)criem espaços para a expressão, o pensamento e a **vida!**

Pergunto-me: seria possível tal ressignificação? Quais movimentos, quais campos de força estão atuando para a manutenção dessas práticas na escola e que teríamos que enfrentar? Foucault ao longo de suas obras traz contribuições importantíssimas para pensarmos sobre mecanismos de controle que, apesar de terem sido escritas há décadas, permanecem atuais, indicando aparatos e dispositivos que atuam para garantir seu objetivo de controle. Considero importante lembrarmos a época da escrita e dos estudos de Foucault por nos dar pistas do quanto esses aparatos e dispositivos permanecem ativos, atualizando-se e recriando-se constantemente nas relações. Então, como ressignificar a escola que, por ser espaço potente de montagem de mundos, é tão disputada em suas práticas? Como romper com uma “verdade” de que a escola boa é a que disciplina, ensina conteúdos e mais conteúdos e faz listas imensas de aprovados no vestibular? Como tornar visível que esses discursos “segregam, excluem, adoecem”? Como trazer respiros de vida, como pensar na implosão, se estamos operando com forças que justamente objetivam o contrário?

O que pode uma escola contemporânea que promove diálogo e sustenta redes de cuidado educacionais e de saúde? O que sabemos é que a medicalização da aprendizagem transformou os corpos da diferença em massas uniformes despotencializadas da capacidade de invenção, da capacidade de deslindar problemas de aprendizagem e da capacidade de afetar e ser afetado pelos informes sensíveis do ou de mundo (Dallegrave; Noal-Gai; Ceccim, 2021, p. 90).

Rolnik e Guattari (2008), auxiliam na busca por caminhos onde sejam possíveis abertura de novos modos de pensar e existir. Ao propor “*microprocessos revolucionários*”, os autores evidenciam a possibilidade de constituição de processos de percepção e sensibilidade que sejam inteiramente novos e que provoquem devires de recusa à subjetivação capitalística. Para tanto, é necessário o deslocamento na luta, a percepção de que essa não deve ser apenas contra uma economia política, mas também, de recusa à economia subjetiva produzida pelo capitalismo. Dessa forma, “os afrontamentos sociais não são mais apenas de ordem econômica. Eles se dão também entre as diferentes maneiras pelas quais os indivíduos e grupos entendem viver sua existência” (idem, p. 53).

Portanto, o desafio proposto nessa escritura foi o de investigar possíveis rotas de “fuga” (dentre elas, a de mim mesma, de minhas certezas e verdades), através das fissuras produzidas pela poesia slam. Durante o percurso de investigação, percebo a dificuldade de tentar implodir a escrita, pois percebo-me engendrada nesse discurso: é preciso parar, escrever, ir, voltar, pensar, escrever, ir, perceber o vazio, a falta... num movimento complexo, que foge e rompe com a lógica cartesiana e que, talvez e justamente por isso, nos permite e me evocou à busca de tantos corpos-vozes em suas diferentes formas de criação. E foi exatamente na aposta de criação que me permitiu encontrar e suportar o vazio, mesmo que temporariamente, que pode emergir o pensamento e a reflexão para novas (ou outras) possibilidades. Segundo Waly Salomão (2005, p. 133),

SUPORTAR A VAZIEZ

suportar a vaziez
 cruzar de ponta
 a ponta meu deserto
 levando mundos supérfluos
 para distorcer a sensatez
 o mito do lado esquerdo
 exato reverso
 do que é irreal no gesto
 preciso nó desfeito
 lado esquerdo do peito
 para o acaso
 sempre aberto
 sempre atento
 sempre ao jeito
 de um inacabado verso
 entre a violência e o esmero
 entre o tabu e o desejo
 que não pára

pra contar até dez
 que não pára
 pra olhar de viés
 no intervalo vão
 de um mês
 que só pára
 e olha direito
 de frente, suave, reto
 quando é a minha vez
 de suportar a vaziez
 pés firmes no chão do universo
 impresso na própria pele

Suportar a vaziez, é estar sempre em busca, “mantendo os pés firmes no chão”, mas o coração aberto à busca. Para isso, percebo que foi preciso, enquanto professora/pesquisadora, estar em um movimento constante de ruptura para poder trazer respiros de vida para a escola, para poder procurar possibilidades de fuga e ressignificação. Foucault tão bem pontua que não é possível escapar ao poder, porque, tal qual um se rompa, novas formas serão criadas. Mas, enquanto professores, podemos e devemos sim criar fissuras para subverter esse lugar destinado à escola em nossa sociedade, abrindo espaço nessa tela para a multiplicidade de vidas que coexistem no espaço escolar.

Finalizo minha escrita retomando a urgência de novas composições que intitula essa seção. É urgente compor espaços de liberdade de pensamento; espaços de visibilidade, espaços de multiplicidade, espaços de diversidade de epistemologias, espaços que potencializem a vida. É preciso que, as contribuições da trama saúde-educação sejam enfeitadas com fios de arte, operando na formação estética e no fortalecimento de redes de presença, cuidado e afirmação de vida para estudantes e professores. Apostar mais nos vazios, na criação e na experiência; assumir lugar de responsabilidade e de questionamento de práticas hegemônicas e mobilizar sua práxis para afetar-se com alegrias, aprendizagens, arte, poesia, é o que a escola contemporânea está precisando.

Para construir novas composições, tão urgentes e necessárias para a educação, é preciso **apunhalar** o tecido social com saberes-poderes-modos de subjetivação totalizantes e que servem a uma racionalidade neoliberal; **rasgar** esse tecido com a força do coletivo, para que dele possam ser vislumbradas e que possam vaziar outras possibilidades de ser e estar em um mundo comum heterogêneo; **bord(ej)ar** novas composições a partir dos saberes construídos na experiência, saberes populares e insurgentes que tragam espaços de diferenciação e potência de vida. É preciso assumir o **professorar** como uma dança em que confluem existências em um **ato ético-estético-político-poético**. É, portanto, assumir um **professorar ético**, no sentido de escutar as diferenças que se produzem e assumir o devir. É assumir um **professorar político** no sentido de travar um combate contra as forças que tramam densamente o tecido social para que nele sejam possíveis fissuras. É assumir um **professorar estético** no sentido de criação de novos mundos, construindo modos inventivos de si. É assumir um **professorar poético** no sentido de compreender a poesia slam como artesanaria de coletivos, ferramenta capaz de instaurar as fissuras que se deseja no tecido social. E foi justamente na aposta de deixar os rastros de novas montagens do exercício desse **PROFESSORAR** — múltiplo e heterogêneo — que seguiu a escrita desta tese, apostando no convite, que já se faz produção, para a construção de novas possibilidades de ser e estar no mundo e posicionar-se em direção à **vida**.

6. Mãos que bord(ej)am a tese

ALY, Francis. **Numa dada situação**. Tornado fullbook [versão digital]. São Paulo: Cosac Naify, 2010. Disponível em: https://www.francisalys.com/books/Tornado_fullbook.pdf. Acesso em: 20 maio 2024.

ALVES, Yssonale Viana; AZEVEDO, Márcio Adriano de. **A biopolítica de Michel Foucault: controle do indivíduo e da sociedade**. Inter-Legere v. 4, n. 30, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/1982-1662.2021v4n30ID19998>. Acesso em: 24 mar. 2024.

ASSUNÇÃO, Cristina Adelina de; JESUS, Emerson Alcade de; SANTOS (Chapéu); SILVA, Uilian da. **Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas**. Slam Interescolar: organizado pelo Coletivo Slam da Guilhermina- São Paulo, 2021.

BARBOSA, Liége Freitas. **Entre peleia e chamego: um estudo de práticas, performances e ambivalências em batalhas de poesia no RS**. 2020. 234 f. Tese (Doutorado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2020.

BARROS, Manoel. **Exercícios de ser criança**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

BENEVIDES, Regina; PASSOS, Eduardo. **Diário de bordo de uma viagem-intervenção**. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana. (Org.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 172- 200.

BIATO, Emília Carvalho Leitão; CECCIM, Ricardo Burg; MONTEIRO, Silas Borges. **Processos de criação na atenção e na educação em saúde: um exercício de timpanização**. Physis. 2017. v. 27, n. 3, p. 621–640.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRANDES, Marcela. Sindicato critica aprovação de câmeras em escolas de Porto Alegre e promete judicializar medida. **Brasil de fato: uma visão popular do jornal e do mundo**. Porto Alegre, 03 out. 2025. Disponível em: [Sindicato critica aprovação de câmeras em escolas de Porto Alegre e promete judicializar medida - Brasil de Fato](#). Acesso em: 05 out. 2025.

BRASIL registra 9 ataques em escolas neste ano e atinge patamar recorde: relembre casos. CNN Brasil, 23 out. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-registra-9-ataques-em-escolas-neste-ano-e-atinge-patamar-recorde-relembre-casos/>. Acesso em: 15 jul. 2024.

CARVALHO, Alexandre Filordi de. **Educação e novas constelações de vida: criar zonas de colapso no céu das verdades unificadas**. In: HENNING, Paula; SILVA, Gisele (org.). *Educação e filosofia: fissuras no pensamento com Nietzsche*,

Foucault, Deleuze e outros malditos. Rio Grande, RS: Ed. da FURG, 2021. p. 17-35.

CARVALHO, Douglas. **Competição de poesia falada encanta público no South Summit Brazil**. Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 22 mar. 2024. Disponível em: [Competição de poesia falada encanta público no South Summit Brazil - Portal do Estado do Rio Grande do Sul](#). Acesso em: 20 abr. 2024.

CARVALHO-DA-SILVA, Maria Cristina; CECCIM, Ricardo Burg. **Educação do lugar: saúde mental e pedagogia da cidade**. Saúde em Redes. 2015. v. 1, n. 3, p. 7- 19.

CECCIM, Ricardo Burg; FREITAS, Cláudia Rodrigues de (Org.). **Fármacos, remédios, medicamentos: o que a educação tem com isso?** Porto Alegre, RS: Rede UNIDA, 2021.

CECCIM, Ricardo Burg. NOAL- GAI, Daniele. **Por uma artesanaria do pensamento II: que tal pensar a escrita com saúde?** Porto Alegre: INDEP, 2014. p. 220- 228.

CECCIM, Ricardo Burg; ROLLO, Rosane Machado. **Consultório na Rua: os movimentos de um espaço de produção e (re)significação da vida**. In: União Internacional para Promoção da Saúde e Educação – Conferência Mundial de Promoção da Saúde, Curitiba, PR. 2016. p. 274-275.

CHASSOT, Carolina Seibel; SILVA, Rosane Azevedo Neves da. **A Pesquisa-Intervenção participativa como estratégia metodológica: relato de uma pesquisa em associação**. Psicologia & Sociedade [online]. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30181737>. Acesso em: 22 abr. 2024.

CHUVAS no RS: permanece em 169 o número de mortos pelas enchentes no Sul. O Globo, 27 mai. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/sos-rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/27/chuvas-no-rs-permanece-em-169-o-numero-de-mortos-pelas-enchentes-no-sul.ghtml>. Acesso em: 17 jul. 2024.

COLLARES, Cecília Azevedo Lima; MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. **Novos modos de vigiar, novos modos de punir: a patologização da vida**. Educação, Sociedade & Culturas, Porto. 2020. p. 31–34.

COSTA, Cristiane da Silva. **Escrituras da docência: (com)textos de educação, trabalho e saúde**. 2022. 207 f. Tese (Doutorado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2022.

D'ALVA, Roberta Estrela. **Um microfone na mão e uma ideia na cabeça: o poetry slam entra em cena**. Synergies Brésil, n. 9, p. 119-126. 2011. Disponível em: [Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena](#). Acesso em 03 março 2023.

D'ALVA, Roberta Estrela. Entrevista. In: BERGAMO, Mônica. **Poesia sempre foi o antídoto para o veneno da opressão**. Folha de São Paulo: São Paulo, 12 de

janeiro de 2020. Disponível em: '[Poesia sempre foi o antídoto para o veneno da opressão', diz Roberta Estrela D'Alva - 12/01/2020 - Mônica Bergamo - Folha](#)'. Acesso em 26 out. 2023.

DANOVA, Djimitri Souza. In: Poetas Vivos. Nós: versos de liberdade e melanina. Porto Alegre: Escola de Poesia, 2021.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, Guilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1988.

DELEUZE, Guilles. O que é um dispositivo? In: **G. Deleuze, O mistério de Ariana**. Lisboa: Vega, 1996. p. 83–96.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **KAFKA: por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs- capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: 34, 1996.

DUARTE, Mel; EVARISTO, Conceição; RIBEIRO, Luz; LEÃO, Ryanne. Poemas. In: DUARTE, Mel (org.). **Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

FERIGATO, Sabrina Helena; CARVALHO, Sergio Resende. **Qualitative research, cartography and healthcare: connections**. Interface – Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 15, n. 38, p. 663–675, set. 2011.

FONSECA, Rania Mara Galli. **Epidemia das Cores: Arte, loucura e clínica**. Mnemosine, v. 12, n. 2, p. 198-210, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41660/28929>. Acesso em: 15 dez. 2023.

FONTANA, Lucio (org.). **Manifiesto blanco**. Opúsculo publicado pelos alunos de Lucio Fontana na Escola de Arte Altamira. Buenos Aires, 1946.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 49ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

FREITAS, Daniela Silva de. **Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. Brasília, n. 59, p. 1–15, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-40185915>. Acesso em: 28 abr. 2024.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1976). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**: a vontade de saber. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Poder e saber**. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos IV: Estratégia, poder-saber**. Ed. Forense Universitária, 3ª ed, 2015.

GALLO, Silvio. **Em torno de uma educação menor**. Revista Educação e Realidade, UFRGS, v. 27, n. 2, p. 169-178. 2002.

GALLO, Silvio. **Em torno de uma educação menor: variáveis e variações**. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPEd, 36., 2013, Goiânia, GO. ANPEd, 2013. p. 1–12. Disponível em: http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_encomendados/gt13_trabencomendado_silviogallo.pdf. Acesso em: 20 abr. 2024.

GARCIA, Gabriela. **Lei que prevê câmeras em salas de aula é sancionada em Porto Alegre (RS)**. CNN Brasil. Porto Alegre, 13 nov. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sul/rs/lei-que-preve-cameras-em-salas-de-aula-e-sancionada-em-porto-alegre-rs/>. Acesso em: 20 nov. 2025.

GOVERNO do Rio promove maior massacre policial da história do Brasil. A Verdade, out. 2025. Disponível em: <https://averdade.org.br/2025/10/governo-do-rio-promove-maior-massacre-policial-da-historia-do-brasil>. Acesso em: 04 nov. 2025.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Cartografias do desejo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

GIMENES, Gabriel de Freitas. **Dispositivo e Subjetividade**. In: Revista Polis e Psique, Porto Alegre, 2022, 12(3): 6-25.

GUSMÃO, Renata Castro. **Poesia em vida dura, tanto bate até que fura : interfaces sobre encontro, (trans) formação e cuidado**. 2023. 177 f. Tese (Doutorado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2023.

GOERGEN, Pedro. **Educação e democracia no contexto do capitalismo neoliberal contemporâneo**. In: Revista Educação, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 1-16, maio/ago. 2020.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

HILÁRIO, Wesley Fernando de Andrade; ZILIANI, Rosemeire de Lourdes Monteiro. **Dispositivo**: uma ferramenta conceitual para a problematização de práticas e discursos educacionais, 2023. In: Anais do Seminário Formação Docente: Intersecção entre Universidade e Escola. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/seminarioformacaodocente/article/view/8961>. Acesso em: 07 ago. de 2025.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. **Erguer a voz**. Pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo, Elefante, 2019.

HUMAN. Direção: Yann Arthus-Bertrand. França, 2015. Documentário. Depoimento de José Alberto “Pepe” Mujica.

KASTRUP, Virginia; PASSOS, Eduardo. **Cartografar é traçar um plano comum**. Fractal: Revista de Psicologia, Niterói, v. 25, n. 2, p. 263–280, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/nBpkNsJc6DrmsTtMxfRCZWK/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 20 jul. 2025.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **O futuro é ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LAPOUJADE, David. **Existências mínimas**. São Paulo: Edições N-1, 2017.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n19/n19a03.pdf>. Acesso em: 08 out. 2024.

LIMA, Gabriela Costa. In: ASSUNÇÃO, Cristina Adelina de; JESUS, Emerson Alcade de; SANTOS (Chapéu); SILVA, Uilian da. **Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas**. Slam Interescolar: organizado pelo Coletivo Slam da Guilhermina-São Paulo, 2021.

LYRA, Thaís. **Pesquisa revela que saúde mental dos professores piorou em 2022**. Nova Escola, São Paulo, 10 out. 2022. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/21359/pesquisa-revela-que-saude-mental-dos-professores-piorou-em-2022>. Acesso em: 15 jul. 2024.

LOKI, Zilda M.G. **O Circuito dos Afetos Como Conhecimento dos Corpos Políticos no Desamparo: O Fim do Indivíduo.** In: Revista Ciências Humanas - Educação e Desenvolvimento Humano - UNITAU, Taubaté/SP - Brasil, v. 10, n. 1, edição 18, p. 7 - 11, Junho 2017.

LORDE, Audre. **Poetry Is Not a Luxury.** In: SISTER OUTSIDER: Essays and Speeches. Trumansburg: The Crossing Press, 1984. p. 36–39.

MACIEL JR., Auterives. **Resistência e prática de si em Foucault.** Trivium, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 1–8, jun. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-4891201400010002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 ago. 2025.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica.** São Paulo: N-1 edições, 2018.

MENEZES, Ana Luísa Teixeira de; BERGAMASCHI, Maria Aparecida; Souza, Fátima Rosane (orgs.). **Aprendizagens Interculturais na Educação e na Psicologia.** Porto Alegre: Cirkula, 2021. p. 49-78.

MENEZES, Magali Mendes. A crítica como afeto: diálogos entre Rodolfo Kusch e Paulo Freire. In: MIRANDA, Jaime, PORRAS, Victor Del Carmen, TASAT, Jose (org). **Geocultura de um homem americano.** Chile/México: Editorial Cresur, 2020. p. 93-106.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento.** São Paulo: Hucitec, 1993.

MORAES, Márcia. PesquisarCOM, política ontológica e deficiência visual. In: MORAES, Márcia; KASTRUP, Virginia (org.). **O exercício de ver e não ver.** Rio de Janeiro: Nau, 2010. p. 26–51.

MORAES, Angélica. **O furo que mudou a história da arte: Lucio Fontana tem retrospectiva em Paris.** Casa Vogue, mar. 2014. Disponível em: <https://casavogue.globo.com/MostrasExpos/Arte/noticia/2014/03/o-furo-que-mudou-historia-da-arte.html>. Acesso em: 28 abr. 2024.

Nathy MC Poeta Desperta. **Poesia descoloniza.** Porto Alegre: Escritório de Rimoterapia, 2024.

OLIVEIRA, Fátima Maria. **A máquina da escrita de Ana Cristina Cesar: afirmação da fissura nas bordas da produção de sentido.** In: Ensaio da Revista Escrita de Letras - nº 5. 2003.

PANDE, Mariana Nogueira Rangel; AMARANTE, Paulo Duarte de Carvalho; BAPTISTA, TATIANA WARGAS DE FARIA. **Este ilustre desconhecido: considerações sobre a prescrição de psicofármacos na primeira infância.** Ciência & saúde coletiva. 2020, v. 25, n. 6, p. 2305-2314.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana (Org.) **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PELLEJERO, Eduardo. **Entre dispositivos e agenciamentos**: o duplo deleuziano de Foucault. *Margens*, Belém, v. 6, n. 7, p. 11–22, maio 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2807/2939>. Acesso em: 10 jul. 2025.

PERONI, Vera Maria Vidal; OLIVEIRA, Cristina Maria Bezerra de. **O curso Gestão para Aprendizagem da Fundação Lemann como processo de institucionalização do gerencialismo nas escolas de educação básica alagoanas**: implicações para a democratização da educação. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 36, e77554, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.77554>. Acesso em: 21 maio 2024.

PERONI, Vera Maria Vidal; OLIVEIRA, Cristina Bezerra de. Relação público-privada: o papel da educação na construção de um projeto societário democrático. In: PERONI, Vera Maria Vidal; ROSSI, Alexandre José; LIMA, Paula Valim de (org.). **Diálogos sobre a relação entre o público e o privado no Brasil e América Latina**. São Paulo: Livraria da Física, 2021. p. 19–35.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta, 2023.

PORTOCARRERO, Vera. **Governo de si, cuidado de si**. *Currículo sem Fronteiras*, [S.l.], v. 11, n. 1, p. 72–85, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/CurriculosemFronteiras/2011/vol11/no1/6.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2024.

POZZANA, Laura. **A formação do cartógrafo é o mundo**: corporificação e afetabilidade. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 25, n. 2, p. 323–338, maio/ago. 2013.

PRECIOSA, Rosane. **Escrever/balbuciar**. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, n. 12, p. 87–89, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cadernossubjetividade/article/view/38448>. Acesso em: 10 ago. 2025.

PUCHEU, Alberto. **Mais cotidiano que o cotidiano**. Rio de Janeiro: Azougue, 2013.

PUCHEU, Alberto. **A Poesia contemporânea (ensaios)**. Rio de Janeiro: Azougue, 2014.

RAPPAPORT, Joanne; PACHO, Abelardo Ramos. **Una historia colaborativa: retos para el diálogo indígena-académico**. *Historia Crítica*, Bogotá, n. 29, p. 8–29, jan./jun. 2005.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019.

ROLNIK, Suely. **À escuta de futuros em germe**. 2021. Vídeo (podcast). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TEjhX8Aggn>. Acesso em: 25 jan. 2021.

RODRIGUES, Elisandro; DAMICO, José Geraldo Soares. **Dispositivos pedagógicos de educação em saúde coletiva**. Interface – Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 22, n. 64, p. 285–294, 2018.

SALOMÃO, Waly. **Armarinho de Miudezas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

SANTOS, Antonio Bispo. **A terra quer, a terra dá**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SILVA, Cíntia Gruppelli da; HENCKE, Jésica; LOPONTE, Luciana Gruppelli. Heterotopias e práticas de liberdade para pensar a educação. In: HENNING, Paula; SILVA, Gisele (org.). **Educação e filosofia: fissuras no pensamento com Nietzsche, Foucault, Deleuze e outros malditos**. Rio Grande, RS : Ed. da FURG, 2021.

SILVA, Luis Miguel. In: ASSUNÇÃO, Cristina Adelina de; JESUS, Emerson Alcade de; SANTOS (Chapéu); SILVA, Uilian da. **Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas**. Slam Interescolar: organizado pelo Coletivo Slam da Guilhermina-São Paulo, 2021.

SKLIAR, Carlos. **Sentidos del escribir**. Revista Digital de Santa Maria, Santa Maria, v. 9, n. 2, p. 45–60, 2016.

TEIXEIRA, Ricardo. **As redes de trabalho afetivo e a contribuição da saúde para a emergência de uma outra concepção de público**. Working-paper. San Diego, 2004.

VEIGA-NETO, A. **Foucault e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

ZILIANI, Rosemeire de Lourdes Monteiro. **Centro Rural de Aquidauana-MS: artes em profissionalizar**. 2009. 320 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 2009. Acesso em: 14 ag. 2025.

APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- TCLE PARA MAIORES DE 18 ANOS

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Buscando o fio da poesia do slam para bord(ej)ar fissuras na Educação”, realizada pela pesquisadora Karine Ribas Pereira, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS). Este projeto de pesquisa objetiva discutir os efeitos subjetivantes da inserção do trabalho desenvolvido pelos coletivos de slam em uma escola da rede municipal de Porto Alegre.

O projeto foi avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP-UFRGS) e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria de Saúde do Município de Porto Alegre⁶² (CEP-SMSPA), órgãos de caráter consultivo, deliberativo e educativo, cuja finalidade é avaliar – emitir parecer e acompanhar os projetos de pesquisa envolvendo seres humanos, em seus aspectos éticos e metodológicos, tendo por objetivo promover a adequação das pesquisas com seres humanos à legislação em vigor preservando a integridade e dignidade de seus participantes e promovendo o controle social.

A sua participação consiste em: 1) se for professor e participante das oficinas propostas pelo coletivo de slam na escola em que atua 2) se for estudante e participante das oficinas propostas pelo coletivo de slam na escola em que estuda 3) se for integrante do coletivo de slam que realiza oficinas e batalhas poéticas na escola em que será realizada a pesquisa. A sua participação consiste em permitir à pesquisadora produzir dados produzidos durante a imersão em campo e que sejam relevantes para a pesquisa, tais como fotografias, anotações de falas, transcrições de poemas e diálogos.

As oficinas poéticas serão gravadas em vídeo para fins de análise deste material. Não haverá a divulgação de imagens e identificação nos diálogos registrados, caso não seja autorizado previamente.

Entre os riscos está prevista a possibilidade da reativação de memórias,

⁶² Contato CEP- SMSPA: Rua Capitão Montanha, 27 – 6º andar (Centro Histórico). Telefone: (51) 3289-5517. E-mail: cep_sms@hotmail.com.

pensamentos e sentimentos desagradáveis como angústia, ansiedade e tristeza, em decorrência dos debates acerca dos temas que envolvem histórias de vida e memórias referentes aos temas saúde, vida e educação. Nesse sentido, se você verbalizar ou transparecer algum desconforto, retomamos o sentido voluntário da pesquisa, informando a possibilidade de interrupção e desistência da participação a qualquer momento. Além disso, no caso de disparado grande sofrimento, será ofertado suporte no momento, mas também será indicado um espaço de escuta externo à instituição para possível elaboração de tais questões. Caso isso ocorra, será realizado o devido encaminhamento psicológico com equipe multidisciplinar via posto de saúde ou instituições que prestam atendimento gratuito, cujo atendimento não gerará custo ao participante.

Havendo algum dano decorrente da pesquisa, o participante terá direito a assistência e a buscar indenização pelo dano decorrente da participação na pesquisa conforme legislações brasileiras e, de acordo com, Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016.

Como benefícios desta pesquisa está a possibilidade do grupo pesquisado contribuir para o pensamento de outras possibilidades de fazeres educativos que se comprometam a construção de espaços de cuidado e atenção com a vida.

De acordo com esse processo, assumo com você os seguintes compromissos:

1. Você está ciente dos objetivos e procedimentos da pesquisa e pode manifestar seu interesse em participar de forma autônoma, consciente, livre e esclarecida.

2. Sua identidade, assim como as identidades de todos(as) os(as) participantes poderão ser mantidas em sigilo.

3. As informações reunidas serão usadas unicamente para fins de pesquisa e de trabalhos científicos que dela poderão se desdobrar. Os dados produzidos estarão sob guarda da pesquisadora por um período de 5 anos; após esse tempo, serão destruídos, conforme o preconizado pela Resolução 466/12.

4. Os resultados lhe serão apresentados, pois esse retorno permitirá que você tome ciência das informações produzidas durante a pesquisa, assim como assegurará que tais informações não serão utilizadas em prejuízo ou para a

estigmatização de nenhum(a) dos(as) envolvidos(as).

5. Caso você possua interesse em desistir de colaborar com a pesquisa, isso poderá ser feito em qualquer fase, sem penalização alguma.

6. Você pode solicitar informações a qualquer momento sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados à pesquisa, com Karine Ribas Pereira, no endereço Rua Dr. Barcelos, 1175, apartamento 401, Bairro Tristeza/Porto Alegre, CEP 91910-251 ou por meio do e-mail karine.ribaspereira@gmail.com ou telefone: (51) 99286-8891.

7. Também que, se houver dúvidas quanto a questões éticas, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que está localizado na Av. Paulo Gama, 110, Sala 311, Prédio Anexo I da Reitoria - Campus Centro, Porto Alegre/RS - CEP: 90040-060. Fone: +55 51 3308 3787 E-mail: etica@propeq.ufrgs.br Horário de Funcionamento: de segunda a sexta, das 08:00 às 12:00 e das 13:00 às 17:00h.

8. Você não terá nenhum tipo de despesa como participante do estudo, bem como não há remuneração para a participação.

9. Ao final da análise será encaminhado via e-mail o texto final para análise, revisão e concordância com as informações.

10. Você receberá duas vias deste Termo para assinatura: uma delas ficará sob seu poder, e a outra será entregue à pesquisadora.

Essa é uma pesquisa acadêmica sem finalidade comercial ou publicitária. Na publicação dos resultados dessa pesquisa, garantimos o sigilo das suas informações e dos seus dados pessoais conforme legislações vigentes da CONEP, como a Resolução 466/2012 e Resolução 510/2016 e Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13709/2018).

Solicito, dessa forma, o consentimento para Autorização de gravação e/ou divulgação da imagem e/ou voz.

() Autorizo a gravação e/ou divulgação da minha imagem e/ou voz.

() Não autorizo a gravação e/ou divulgação da minha imagem e/ou voz.

() Autorizo a gravação, mas não a divulgação de minha imagem e/ou voz.

Apenas para os poetas do(s) coletivo(s) participantes da pesquisa:

() Autorizo a divulgação de minha identidade artística e das minhas redes sociais.

() Não autorizo a divulgação de minha identidade artística e das minhas redes sociais.

Eu, _____,
recebi as informações sobre os objetivos e a importância desta pesquisa de forma clara e concordo em participar do estudo voluntariamente, tendo a liberdade de retirar o meu consentimento a qualquer momento e deixar de participar da pesquisa, sem que isto traga prejuízo para a minha vida pessoal e nem para minha atuação profissional. Declaro que recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando outra via com o pesquisador.

Porto Alegre, _____ de _____, de 202____.

Assinatura da pesquisadora responsável Assinatura do(a) participante da pesquisa

*APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- TCLE
PARA OS RESPONSÁVEIS POR PARTICIPANTES DA PESQUISA*

Seu filho(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Buscando o fio da poesia do slam para bord(e)jar fissuras na Educação”, realizada pela pesquisadora Karine Ribas Pereira, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS). Este projeto de pesquisa objetiva discutir os efeitos subjetivantes da inserção do trabalho desenvolvido pelos coletivos de slam em uma escola da rede municipal de Porto Alegre.

O projeto foi avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP-UFRGS) e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria de Saúde do Município de Porto Alegre⁶³ (CEP-SMSPA), órgãos de caráter consultivo, deliberativo e educativo, cuja finalidade é avaliar – emitir parecer e acompanhar os projetos de pesquisa envolvendo seres humanos, em seus aspectos éticos e metodológicos, tendo por objetivo promover a adequação das pesquisas com seres humanos à legislação em vigor preservando a integridade e dignidade de seus participantes e promovendo o controle social.

A participação de seu(a) filho(a) consiste em permitir à pesquisadora produzir dados produzidos durante a imersão em campo e que sejam relevantes para a pesquisa, tais como fotografias, anotações de falas, transcrições de poemas e diálogos.

As oficinas poéticas serão gravadas em vídeo para fins de análise deste material. Não haverá a divulgação de imagens e identificação nos diálogos registrados em que seu(a) filho(a) esteja implicado(a).

Entre os riscos está prevista a possibilidade da reativação de memórias, pensamentos e sentimentos desagradáveis como angústia, ansiedade e tristeza, em decorrência dos debates acerca dos temas que envolvem histórias de vida e memórias referentes aos temas saúde, vida e educação. Nesse sentido, se seu(a) filho(a) verbalizar ou transparecer algum desconforto, retomamos o sentido

⁶³ Contato CEP- SMSPA: Rua Capitão Montanha, 27 – 6º andar (Centro Histórico). Telefone: (51) 3289-5517. E-mail: cep_sms@hotmail.com.

voluntário da pesquisa, informando a possibilidade de interrupção e desistência da participação a qualquer momento. Além disso, no caso de disparado grande sofrimento, será ofertado suporte no momento, mas também será indicado um espaço de escuta externo à instituição para possível elaboração de tais questões. Caso isso ocorra, será realizado o devido encaminhamento psicológico com equipe multidisciplinar via posto de saúde ou instituições que prestam atendimento gratuito, cujo atendimento não gerará custo ao participante.

Havendo algum dano decorrente da pesquisa, o participante terá direito a assistência e a buscar indenização pelo dano decorrente da participação na pesquisa conforme legislações brasileiras e, de acordo com, Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016.

Como benefícios desta pesquisa está a possibilidade do grupo pesquisado contribuir para o pensamento de outras possibilidades de fazeres educativos que se comprometam a construção de espaços de cuidado e atenção com a vida.

De acordo com esse processo, assumo com você os seguintes compromissos:

1. Você está ciente dos objetivos e procedimentos da pesquisa e seu(a) filho(a) pode manifestar interesse em participar de forma autônoma, consciente, livre e esclarecida, dependendo para isso, de sua autorização.

2. A identidade de seu(a) filho(a) será mantida em sigilo.

3. As informações reunidas serão usadas unicamente para fins de pesquisa e de trabalhos científicos que dela poderão se desdobrar. Os dados produzidos estarão sob guarda da pesquisadora por um período de 5 anos; após esse tempo, serão destruídos, conforme o preconizado pela Resolução 466/12.

4. Os resultados serão apresentados a seu(a) filho(a) e a você, pois esse retorno permitirá que você tome ciência das informações produzidas durante a pesquisa, assim como assegurará que tais informações não serão utilizadas em prejuízo ou para a estigmatização de nenhum(a) dos(as) envolvidos(as).

5. Caso seu(a) filho(a) possua interesse em desistir de colaborar com a pesquisa, isso poderá ser feito em qualquer fase, sem penalização alguma.

6. Você e/ou seu(a) filho(a) pode solicitar informações a qualquer momento sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados à pesquisa, com Karine

Ribas Pereira, por meio do e-mail karine.ribaspereira@gmail.com ou telefone: (51) 99286-8891.

7. Também que, se houver dúvidas quanto a questões éticas, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que está localizado na Av. Paulo Gama, 110, Sala 311, Prédio Anexo I da Reitoria - Campus Centro, Porto Alegre/RS - CEP: 90040-060. Fone: +55 51 3308 3787 E-mail: etica@propeq.ufrgs.br Horário de Funcionamento: de segunda a sexta, das 08:00 às 12:00 e das 13:00 às 17:00h.

8. Você não terá nenhum tipo de despesa com o(a) participante do estudo, bem como não há remuneração para a participação.

9. Ao final da análise será encaminhado via e-mail o texto final para análise, revisão e concordância com as informações.

10. Você receberá duas vias deste Termo para assinatura: uma delas ficará sob seu poder, e a outra será entregue à pesquisadora.

Essa é uma pesquisa acadêmica sem finalidade comercial ou publicitária. Na publicação dos resultados dessa pesquisa, garantimos o sigilo das suas informações e dos seus dados pessoais conforme legislações vigentes da CONEP, como a Resolução 466/2012 e Resolução 510/2016 e Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13709/2018).

Solicito, dessa forma, o consentimento para Autorização de gravação e/ou divulgação da imagem e/ou voz.

() Autorizo a gravação e/ou divulgação da minha imagem e/ou voz de meu(a) filho(a).

() Não autorizo a gravação e/ou divulgação da minha imagem e/ou voz de meu(a) filho(a).

() Autorizo a gravação, mas não a divulgação de minha imagem e/ou voz de meu(a) filho(a).

Eu, _____,
recebi as informações sobre os objetivos e a importância desta pesquisa de forma
clara e autorizo meu(a) filho(a)
_____ a participar do estudo, caso
seja de sua vontade, tendo a liberdade de retirar o meu consentimento a qualquer
momento, sem que isto traga prejuízo para a minha vida pessoal e nem para minha
atuação profissional. Declaro que recebi uma via deste Termo de Consentimento
Livre e Esclarecido, ficando outra via com a pesquisadora.

Porto Alegre, _____ de _____, de 202__.

Assinatura da pesquisadora responsável

Assinatura do(a) responsável pelo(a)
menor participante da pesquisa

APÊNDICE C - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Buscando o fio da poesia do slam para bord(ej)ar fissuras na Educação”, realizada pela pesquisadora Karine Ribas Pereira, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS). Este projeto de pesquisa objetiva discutir os efeitos subjetivantes da inserção do trabalho desenvolvido pelos coletivos de slam em uma escola da rede municipal de Porto Alegre.

As informações sobre a pesquisa estão descritas nos itens que se seguem. É importante que você leia, ou que alguém leia para você, esse documento com atenção e, em caso de qualquer dúvida ou informação que não entenda, peça à pesquisadora responsável pelo estudo ou a seus responsáveis que expliquem a você.

Você poderá participar desse estudo se seus responsáveis concordarem e também se você de fato quiser. Se eles não deixarem ou se você não quiser participar não tem problema algum. Não precisa ficar triste ou chateado com isso, combinado?

Se você aceitar, irá assinar este documento, que é um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, sendo que um de seus responsáveis irá assinar outro documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que é onde ele vai confirmar que deixa você participar.

Para você saber: este projeto foi avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP-UFRGS) e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria de Saúde do Município de Porto Alegre⁶⁴ (CEP-SMSPA), órgãos de caráter consultivo, deliberativo e educativo, cuja finalidade é avaliar – emitir parecer e acompanhar os projetos de pesquisa envolvendo seres

⁶⁴ Contato CEP- SMSPA: Rua Capitão Montanha, 27 – 6º andar (Centro Histórico). Telefone: (51) 3289-5517. E-mail: cep_sms@hotmail.com.

humanos, em seus aspectos éticos e metodológicos, tendo por objetivo promover a adequação das pesquisas com seres humanos à legislação em vigor preservando a integridade e dignidade de seus participantes e promovendo o controle social.

A sua participação consiste em permitir à pesquisadora produzir dados produzidos durante a imersão em campo e que sejam relevantes para a pesquisa, tais como fotografias, anotações de falas, transcrições de poemas e diálogos.

As oficinas poéticas serão gravadas em vídeo para fins de análise deste material. Não haverá a divulgação de imagens e identificação nos diálogos registrados, caso não seja autorizado previamente.

Entre os riscos está prevista a possibilidade da reativação de memórias, pensamentos e sentimentos desagradáveis como angústia, ansiedade e tristeza, em decorrência dos debates acerca dos temas que envolvem histórias de vida e memórias referentes aos temas saúde, vida e educação. Nesse sentido, se você verbalizar ou transparecer algum desconforto, retomamos o sentido voluntário da pesquisa, informando a possibilidade de interrupção e desistência da participação a qualquer momento. Além disso, no caso de disparado grande sofrimento, será ofertado suporte no momento, mas também será indicado um espaço de escuta externo à instituição para possível elaboração de tais questões. Caso isso ocorra, será realizado o devido encaminhamento psicológico com equipe multidisciplinar via posto de saúde ou instituições que prestam atendimento gratuito, cujo atendimento não gerará custo ao participante.

Havendo algum dano decorrente da pesquisa, o participante terá direito a assistência e a buscar indenização pelo dano decorrente da participação na pesquisa conforme legislações brasileiras e, de acordo com, Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016.

Como benefícios desta pesquisa está a possibilidade do grupo pesquisado contribuir para o pensamento de outras possibilidades de fazeres educativos que se comprometam a construção de espaços de cuidado e atenção com a vida.

De acordo com esse processo, assumo com você os seguintes compromissos:

1. Você está ciente dos objetivos e procedimentos da pesquisa e pode

manifestar seu interesse em participar de forma autônoma, consciente, livre e esclarecida.

2. Sua identidade, será mantida em sigilo.

3. As informações reunidas serão usadas unicamente para fins de pesquisa e de trabalhos científicos que dela poderão se desdobrar. Os dados produzidos estarão sob guarda da pesquisadora por um período de 5 anos; após esse tempo, serão destruídos, conforme o preconizado pela Resolução 466/12.

4. Os resultados lhe serão apresentados, pois esse retorno permitirá que você tome ciência das informações produzidas durante a pesquisa, assim como assegurará que tais informações não serão utilizadas em prejuízo ou para a estigmatização de nenhum(a) dos(as) envolvidos(as).

5. Caso você possua interesse em desistir de colaborar com a pesquisa, isso poderá ser feito em qualquer fase, sem penalização alguma.

6. Você pode solicitar informações a qualquer momento sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados à pesquisa, com Karine Ribas Pereira, por meio do e-mail karine.ribaspereira@gmail.com ou telefone: (51) 99286-8891.

7. Também que, se houver dúvidas quanto a questões éticas, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que está localizado na Av. Paulo Gama, 110, Sala 311, Prédio Anexo I da Reitoria - Campus Centro, Porto Alegre/RS - CEP: 90040-060. Fone: +55 51 3308 3787 E-mail: etica@propesq.ufrgs.br Horário de Funcionamento: de segunda a sexta, das 08:00 às 12:00 e das 13:00 às 17:00h.

8. Você não terá nenhum tipo de despesa como participante do estudo, bem como não há remuneração para a participação.

9. Ao final da análise será encaminhado via e-mail o texto final para análise, revisão e concordância com as informações.

10. Você receberá duas vias deste Termo para assinatura: uma delas ficará sob seu poder, e a outra será entregue à pesquisadora.

Essa é uma pesquisa acadêmica sem finalidade comercial ou publicitária. Na publicação dos resultados dessa pesquisa, garantimos o sigilo das suas informações e dos seus dados pessoais conforme legislações vigentes da CONEP,

como a Resolução 466/2012 e Resolução 510/2016 e Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13709/2018).

Solicito, dessa forma, o consentimento para Autorização de gravação e/ou divulgação da imagem e/ou voz.

- () Autorizo a gravação e/ou divulgação da minha imagem e/ou voz.
- () Não autorizo a gravação e/ou divulgação da minha imagem e/ou voz.
- () Autorizo a gravação, mas não a divulgação de minha imagem e/ou voz.

Eu, _____,
recebi as informações sobre os objetivos e a importância desta pesquisa de forma clara e concordo em participar do estudo voluntariamente, tendo a liberdade de retirar o meu consentimento a qualquer momento e deixar de participar da pesquisa, sem que isto traga prejuízo para a minha vida pessoal e nem para minha atuação profissional. Declaro que recebi uma via deste Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, ficando outra via com a pesquisadora.

Porto Alegre, _____ de _____, de 202____.

Assinatura da pesquisadora responsável

Assinatura do(a) menor participante da pesquisa

ANEXO A- TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL DA COORDENAÇÃO ONDE SERÁ REALIZADA A PESQUISA



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

COORDENAÇÃO EDUCACIONAL - DIP/GS/SMED

TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL DA COORDENAÇÃO ONDE SERÁ REALIZADA A PESQUISA

Título da pesquisa: Buscando o fio da poesia do slam para bord(e)jar fissuras na Educação

Pesquisador responsável: Karine Ribas Pereira

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A pesquisa proposta envolve:

- utilização de dados de usuários e/ou dos serviços PMPA
- participação de trabalhadores e/ou gestores da PMPA
- atividade em espaço físico da PMPA
- realização de exames e/ou serviços de assistência à saúde com custos para o SUS ou PMPA
- outras atividades: Clique ou toque aqui para inserir o texto.

A pesquisa envolve, de dimensão cartográfica, envolve observação participante da pesquisadora (que também é professora da PMPA), em duas escolas do município onde vem acontecendo intervenções poéticas dos coletivos de slam para levantar os processos de subjetivação decorrentes desses encontros com a poesia. Para tal, a pesquisa em campo acontecerá em dois momentos:

- Primeiro momento, participação em oficinas e batalhas poéticas desenvolvidas nas escolas selecionadas. Após a aprovação, será dada continuidade no que se refere à imersão nas duas escolas municipais de POA, através da entrega do TCLE para os participantes e, quando for o caso, para alguns estudantes menores de idade, do TALE e do TCLE para seus responsáveis. Após o encaminhamento dos aspectos éticos e legais envolvidos na pesquisa, a produção e análise dos dados será realizada durante a participação em oficinas e batalhas poéticas e registrada através da gravação de vídeos e/ou arquivos de som e/ou imagem (fotografia); bem como anotações no diário de bordo.
- Segundo momento: proposição, junto ao(s) coletivo(s) de slam de oficinas poéticas que poderão ser registradas através da gravação de vídeos e/ou arquivos de som e/ou imagem (fotografia); bem como anotações no diário de bordo.

Eu Aline Rocha Mendes, matrícula 396397/02, gestora responsável pela Coordenação Educacional/SMED ao qual as escolas estão vinculadas.

Estou ciente dos termos desta pesquisa e autorizo, após o parecer de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre, a sua realização.

Obs.: Este documento não autoriza o início da pesquisa, sendo apenas um requisito exigido pelo Comitê de Ética da SMS FMPH para análise do projeto de pesquisa. Sua finalidade é atestar que a Diretoria da área tem ciência e autoriza a realização do projeto de pesquisa, quando forem cumpridas as instâncias de avaliação ética.

Porto Alegre 31 / 10 / 2024

Diretoria com atribuição delegada para essa autorização, conforme Art. 1, inciso XV da Resolução CNS no. 580/2018.



Documento assinado eletronicamente por **Aline Rocha Mendes, Chefe de Unidade**, em 06/11/2024, às 14:52, conforme o art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006, e o Decreto Municipal 18.916/2015.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site
<http://sei.procempa.com.br/autenticidade/seipmpa> informando o código verificador **30965031** e o código
CRC **0FF30B4B**.

22.0.000070016-2

30965031v3

ANEXO B- PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO GRANDE DO SUL - UFRGS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Buscando o fio da poesia do slam para bord(e)jar fissuras na Educação

Pesquisador: Clarissa Haas

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 84758424.0.0000.5347

Instituição Proponente: Faculdade de Educação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.326.719

Apresentação do Projeto:

Trata-se da segunda versão do projeto "Buscando o fio da poesia do slam para bord(e)jar fissuras na Educação", pesquisa de doutorado de Karine Ribas Pereira, sob orientação de Elisandro Rodrigues, no âmbito do Programa de PósGraduação em Educação da UFRGS. A pesquisadora responsável é Clarissa Haas.

Este parecer é elaborado com base no documentos presentes na Plataforma Brasil.

O propósito do estudo é cartografar os processos de subjetivação, em suas dimensões ética-estética-política-poética, a partir da inserção dos coletivos de slam dentro das escolas da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Para tanto, o estudo prevê: inserção da pesquisadora em um desses espaços, com o intuito de acompanhar oficinas e batalhas poéticas; o planejamento e proposição, junto ao(s) coletivo(s) de slam, de oficinas poéticas que tenham como temáticas saúde, educação e vida. Serão realizados registros fotográficos, de vídeo e em diário de campo.

A Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre é indicada como centro coparticipante.

O orçamento financeiro é de R\$ 1.300,00 e a pesquisa conta com financiamento próprio.

Endereço: Av. Paulo Gama, n° 110 - Sala 311 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro

Bairro: Farroupilha

CEP: 90.040-060

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3308-3787

E-mail: etica@propesq.ufrgs.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO GRANDE DO SUL - UFRGS



Continuação do Parecer: 7.326.719

O número previsto de participantes é 5.

O projeto de Tese já foi qualificado, e o cronograma do estudo informa que a etapa empírica da pesquisa terá início em fevereiro de 2025.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Cartografar os processos de subjetivação, em suas dimensões ética-estética-política-poética, a partir da inserção dos coletivos de slam dentro das escolas da rede municipal de Porto Alegre.

Objetivo Secundário:

- Cartografar os efeitos em estudantes e professores durante a participação nas oficinas e batalhas dentro das escolas, procurando rastros de processos de subjetivação e seus desdobramentos em relação ao exercício da micropolítica na escola.
- Cartografar os efeitos em estudantes que se engajaram em coletivos de slam após participarem da poesia nessas escolas, buscando pistas dos desdobramentos em suas vidas.
- Problematizar esse movimento de poesia marginal dentro das escolas a partir da análise crítica das óticas normatizadoras, normalizadoras e medicalizadoras que circulam no meio escolar: seria o slam um dispositivo pedagógico potente para a construção de espaços de afirmação de vida?

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Entre os riscos está prevista a possibilidade da reativação de memórias, pensamentos e sentimentos desagradáveis como angústia, ansiedade e tristeza, em decorrência dos debates acerca dos temas que envolvem histórias de vida e memórias referentes aos temas saúde, vida e educação. Nesse sentido, caso o participante verbalizar ou transparecer algum desconforto a pesquisadora retomará o sentido voluntário da pesquisa, informando a possibilidade de interrupção e desistência da participação a qualquer momento. Além disso, no caso de disparado grande sofrimento, será ofertado suporte no momento, mas também será indicado um espaço de escuta externo à instituição para possível elaboração de tais questões. Caso isso ocorra, será realizado o devido encaminhamento psicológico com equipe multidisciplinar. Havendo algum dano decorrente da pesquisa, o participante terá direito a assistência e a buscar indenização pelo dano decorrente da participação na pesquisa conforme legislações brasileiras e, de acordo com a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016.

Endereço: Av. Paulo Gama, nº 110 - Sala 311 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro

Bairro: Farroupilha

CEP: 90.040-060

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3308-3787

E-mail: etica@propeq.ufrgs.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO GRANDE DO SUL - UFRGS



Continuação do Parecer: 7.326.719

Benefícios:

Como benefícios desta pesquisa está a possibilidade do grupo pesquisado contribuir para o pensamento de outras possibilidades de fazeres educativos que se comprometam a construção de espaços de cuidado e atenção com a vida, bem como maior visibilidade à poesia de slam no contexto da pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Vide Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

TCLE - apresentado;

TCLE responsáveis - apresentado;

TALE - apresentado;

carta anuência SMED - apresentada assinada.

Recomendações:

Vide Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Trata-se de uma resposta ao Parecer Consubstanciado do CEP nº 7.293.785, datado em 13 de Dezembro de 2024.

Pendências:

1. Quanto ao TCLE Responsáveis:

Na página 3 de 4, quando informa sobre as opções excludentes para uso e imagem e/ou voz, o documento utiliza, nas três alternativas, o seguinte texto: "[...]a gravação e/ou divulgação da minha imagem e/ou voz de meu(a) filho(a)". Uma vez que não será registrada a imagem e/ou voz do/a responsável, solicita-se ajuste, com a indicação de que a imagem e/ou voz a ser coletada é do/a participante da pesquisa.

2. Quanto aos Riscos:

No documento Informações Básicas do Projeto, na aba Riscos, é dito que " Os sujeitos participantes deste estudo não estarão submetidos a nenhum risco". Uma vez que para o

Endereço: Av. Paulo Gama, nº 110 - Sala 311 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro

Bairro: Farroupilha

CEP: 90.040-060

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3308-3787

E-mail: etica@propeq.ufrgs.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO GRANDE DO SUL - UFRGS



Continuação do Parecer: 7.329.719

sistema CEP/CONEP toda pesquisa com seres humanos envolve riscos (Resolução CNS no 510 de 2016, Art. 2o, Inciso XXV), e que os mesmos estão devidamente explicitados tanto no mesmo documento quanto nos Termos de Consentimento e Assentimento, solicita-se a exclusão da referida frase do documento.

Resposta: Encaminhamos alterações nos documentos do projeto conforme pendências apontadas no parecer 7.293.785. Sallentamos que a pendência 02 já havia sido alterada no sistema da Plataforma Brasil. Segue versão 3 do TCLE dos Responsáveis com alterações em vermelho assim como no texto da pesquisa.

Análise: Pendências atendidas.

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa e CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS n.º 510, de 2016, na Resolução CNS n.º 466, de 2012, e na Norma Operacional n.º 001, de 2013, do CNS, manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_2456317.pdf	02/01/2025 14:00:08		Aceito
Outros	CartaRespostav3.pdf	02/01/2025 13:59:58	Elisandro Rodrigues	Aceito
Outros	TCLEResponsaveisv3.docx	02/01/2025 13:52:46	Elisandro Rodrigues	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoKarinev3.docx	02/01/2025 13:52:37	Elisandro Rodrigues	Aceito
Brochura Pesquisa	ProjetoKarinev3.pdf	02/01/2025 13:52:13	Elisandro Rodrigues	Aceito
Outros	AnuenciaPoa.pdf	17/12/2024 07:46:56	Elisandro Rodrigues	Aceito
Outros	CartaResposta.pdf	17/12/2024 07:46:08	Elisandro Rodrigues	Aceito

Endereço: Av. Paulo Gama, n.º 110 - Sala 311 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro

Bairro: Farroupilha

CEP: 90.040-060

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3308-3787

E-mail: etica@propeq.ufrgs.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO GRANDE DO SUL - UFRGS



Continuação do Parecer: 7.326.719

Folha de Rosto	FolhadeRostoass.pdf	14/11/2024 16:27:48	Elisandro Rodrigues	Aceito
Orçamento	Orcamento.docx	11/11/2024 18:48:32	Elisandro Rodrigues	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	11/11/2024 18:48:27	Elisandro Rodrigues	Aceito
Outros	LattesClarissa.pdf	11/11/2024 18:34:59	Elisandro Rodrigues	Aceito
Outros	LattesElisandro.pdf	11/11/2024 18:34:41	Elisandro Rodrigues	Aceito
Outros	Anuencia.pdf	11/11/2024 18:33:51	Elisandro Rodrigues	Aceito
Outros	TALE.docx	11/11/2024 18:33:26	Elisandro Rodrigues	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEMaiores.docx	11/11/2024 18:32:45	Elisandro Rodrigues	Aceito
Outros	LattesKarine.pdf	11/11/2024 18:32:32	Elisandro Rodrigues	Aceito
Outros	Compesq.pdf	11/11/2024 18:32:15	Elisandro Rodrigues	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 08 de Janeiro de 2025

Assinado por:
LUCIANA GRUPPELLI LOPONTE
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Paulo Gama, nº 110 - Sala 311 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro

Bairro: Farroupilha **CEP:** 90.040-060

UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3308-3787

E-mail: etica@propeq.ufrgs.br